



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CCHL – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
NÚCLEO DE ESTUDOS EM INTERAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

**PERCEPÇÕES E EXPECTATIVAS MATERNAS ACERCA DAS HABILIDADES
SOCIOCOMUNICATIVAS E LINGUÍSTICAS DE BEBÊS GEMELARES**

Gabriela Marcolino Alves Machado

João Pessoa
Março, 2015

**PERCEPÇÕES E EXPECTATIVAS MATERNAS ACERCA DAS HABILIDADES
SOCIOCOMUNICATIVAS E LINGUÍSTICAS DE BEBÊS GEMELARES**

Gabriela Marcolino Alves Machado

Dissertação elaborada sob a orientação da Prof.^a
Dr.^a Fabíola de Sousa Braz Aquino, apresentada
ao Programa de Mestrado em Psicologia Social
da Universidade Federal da Paraíba, como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social.

João Pessoa
Março, 2015

M149p Machado, Gabriela Marcolino Alves.
Percepções e expectativas maternas acerca das
habilidades sociocomunicativas e linguísticas de bebês
gemelares / Gabriela Marcolino Alves Machado.- João Pessoa,
2015.
146f.
Orientadora: Fabíola de Sousa Braz Aquino
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA
1. Psicologia social. 2. Percepção e perspectivas
maternas. 3. Bebês gêmeos - desenvolvimento
sociocomunicativo e linguístico.

UFPB/BC

CDU: 316.6(043)

**PERCEPÇÕES E EXPECTATIVAS MATERNAS ACERCA DAS HABILIDADES
SOCIOCOMUNICATIVAS E LINGUÍSTICAS DE BEBÊS GEMELARES**

Gabriela Marcolino Alves Machado

Banca Examinadora

Fabíola de Sousa Braz Aquino

Prof.^a Dr.^a Fabíola de Sousa Braz Aquino
(Orientadora)

Nádia M. Ribeiro Salomão

Prof.^a Dr.^a Nádia Maria Ribeiro Salomão
(Membro Interno)

Cristina Maria de Souza Brito Dias

Prof.^a Dr.^a Cristina Maria de Souza Brito Dias
(Membro Externo)

DEDICATÓRIA

*Dele.
Por Ele.
Para Ele.
São todas as coisas.*

Romanos 11:36

*Dedico aos meus pais, Terezinha e
Josinaldo Machado, pelo apoio, pela
dedicação e por nunca desistirem de mim.*

AGRADECIMENTOS

A *Deus*, por sua misericórdia e fidelidade. Por ter me iluminado em dias tão escuros e me dado forças quando eu não tinha mais.

À minha *mãe*, Terezinha Machado, por ser minha primeira mestra, por sempre acreditar em mim e nunca me deixar desistir, mostrando-me que sou capaz de alcançar o que quero. Obrigada por seus ensinamentos e pelo esforço para me dar o melhor. Obrigada pelo seu amor incondicional. Você é mais que mãe, é minha melhor amiga. E muito obrigada por me mandar dormir quando eu estudava de madrugada.

Ao homem por quem tenho o maior orgulho de chamar de *pai*, Josinaldo Machado, meu eterno agradecimento por seu exemplo de coragem e esforço, por toda a confiança depositada. Obrigada pela grande dedicação e pelo cuidado que teve e tem comigo.

Ao meu *irmão*, Breno Machado, pela paciência nos dias estressantes e por me fazer rir nos momentos de desespero.

Ao meu *esposo*, Thiago Alves, pela paciência, ajuda, ternura e, principalmente, pelo apoio e incentivo. Agradeço por compartilhar das minhas angústias, aflições e alegrias. E por me amar nos dias em que eu não merecia. Sem você, tudo seria mais difícil.

A *Ana Júlia*, que ainda carrego no ventre, mas que me motiva diariamente a ser uma pessoa melhor e a buscar o melhor. Às minhas filhas adotivas, *Júlia* e *Amanda*, por compartilharem momentos de estudos, dúvidas existenciais e dias de estresse acadêmico, sempre crendo que dias melhores virão.

Ao meu *avô*, Manoel Marcolino por me motivar sempre e me lembrar de que a vida não é fácil, mas é bela. À minha *avó*, Maria Marcolino (*in memoriam*), por me criar com afeto e me inspirar até hoje. À minha *avó*, Alzira Machado, pelo carinho e afeto dedicados a mim.

Aos meus *sogros*, José e Socorro Alves, pela confiança depositada, pelo orgulho que sempre demonstram e pelo incentivo que a mim foi dado durante toda essa jornada. Obrigada pelas vezes que vocês seguraram a barra enquanto eu estudava. Aos meus *cunhados*, Felipe e Hélide Alves que me apoiaram e me incentivaram em todo tempo.

À toda família Comunhão, em especial à minha *célula*, por orar e torcer por minhas vitórias. Agradeço pelo exemplo de vida que vocês me proporcionam constantemente. Aos pastores *Márcio e Linda Meira e Elton Roney*, pelo incentivo nos dias difíceis, pela compreensão nas horas de ausência e por se alegrarem com as minhas conquistas. A *Célia Chaves*, por todo o carinho, incentivo e pela ajuda durante o processo de seleção e todo o percurso que aqui concluo.

Agradeço à minha professora orientadora, Dr.^a *Fabíola S. Braz Aquino*, pelos ensinamentos, paciência e incentivo. Pelo exemplo de motivação, ética e competência. Sem você, não teria chegado aonde cheguei.

À professora Dr.^a *Nádia M. R. Salomão*, por todas as contribuições feitas ao longo deste trabalho, pela acessibilidade ao longo desse percurso, por me inspirar desde a graduação e por gentilmente aceitar participar da banca.

À professora *Cristina Maria de Souza Brito Dias*, por ter aceitado o convite para participar da banca e pela leitura cuidadosa deste trabalho.

Agradeço também aos meus professores que, durante muito tempo, ensinaram-me e me mostraram o quanto estudar é gratificante.

Às minhas companheiras do Núcleo de Estudos em Interação Social e Desenvolvimento Infantil, que compartilharam as alegrias das descobertas, as tristezas da coleta, que incentivaram com palavras e ações, que estiveram sempre presentes. Especialmente a *Laísy Nunes*, pela ajuda desde a seleção e pelo apoio incondicional em todo o tempo, palavras não

podem expressar minha gratidão. A *Lorena Cavalcante*, pela amizade, pelos sorrisos e pela ajuda oferecidos durante esse percurso.

Aos meus digníssimos amigos da *Turma do Canto*, que sempre estiveram ao meu lado durante todos os anos de graduação. A *Larisse*, que perdurou na pós-graduação e esteve lutando comigo desde a seleção, compartilhando o choro e a angústia, mas, principalmente, as alegrias. A *Luas*, pelo incentivo em todo tempo, pelo cuidado comigo, bem como, pela leitura cuidadosa do trabalho. Agradeço também aos demais (*Etienne*, *Kirna* e *Leandro*) por estarem sempre presentes, mesmo com toda a distância que a vida nos impôs.

A *Kássia Kiss* e *Rafaela Rocha*, pela companhia na caminhada, pelas aulas e trabalhos compartilhados. Vocês tornaram esses dias mais leves.

Às *mães* participantes do estudo, que abriram seus lares e dividiram comigo momentos preciosos de suas vidas.

Aos amigos e familiares, o meu muito obrigada por acreditarem nos meus sonhos e me apoiarem diante das dificuldades. Principalmente, agradeço pela compreensão nos momentos em que a dedicação aos estudos foi exclusiva. Obrigada a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que este trabalho fosse realizado.

EPÍGRAFE

*É tão bom sonhar teus sonhos
É tão bom viver teus planos
E conhecer a graça de pertencer a ti
Deus fiel
É tão bom fechar meus olhos
E contemplar com minha fé
Todas as tuas palavras
Tuas promessas para mim
Deus fiel.*

Diante do Trono

PERCEPÇÕES E EXPECTATIVAS MATERNAS ACERCA DAS HABILIDADES SOCIOCOMUNICATIVAS E LINGÜÍSTICAS DE BEBÊS GEMELARES

RESUMO: As interações sociais iniciais da criança são fundamentais para o desenvolvimento infantil e da linguagem. Nesse âmbito, destaca-se o papel dos adultos no provimento de cuidados, estímulos e criação de contextos que favoreçam o desenvolvimento. Esse desenvolvimento também é influenciado pelas percepções que os pais, em especial as mães, possuem acerca das habilidades sociocomunicativas e linguísticas infantis. Além disso, pesquisas referem que a condição gemelar seria um dos principais aspectos para um atraso inicial na aquisição da linguagem, devido a um padrão diferenciado de interação entre gêmeos que parece não oportunizar a necessidade e a motivação objetiva de comunicação verbal. Neste estudo, as discussões em torno dessa questão são sustentadas pelo modelo histórico-cultural, que defende que, nos primeiros anos de vida, os bebês estariam sensíveis a intervenções precoces que se dariam em suas vivências e na situação social de desenvolvimento em que estão imersos. Diante disso, o objetivo desta pesquisa foi conhecer e analisar as percepções e expectativas de mães de gemelares acerca das habilidades sociocomunicativas e linguísticas de seus bebês nos 2 primeiros anos de vida. As nove mães de gemelares participantes deste estudo foram distribuídas igualmente em três grupos. As idades dos bebês variaram entre 7 e 23 meses. As mães eram de classes socioeconômicas e níveis de instrução diversos, residentes em seus próprios domicílios, com média de 27 anos ($DP = 4.24$). Para a coleta de dados, foram utilizados um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada. A análise das respostas maternas à entrevista seguiu a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2004). Os resultados encontrados demonstraram variações nas percepções das mães sobre o desenvolvimento dos filhos(as) gêmeos(as), quando considerados o nível instrucional das mães, as habilidades dos bebês em cada período de seu desenvolvimento, e as experiências dessas mães com seus outros filhos. A análise da entrevista permitiu identificar sentimentos maternos ambivalentes que perpassam a descoberta e experiência com a gemelaridade. As questões sobre o desenvolvimento global infantil permitiram levantar a percepção das mães sobre dimensões do desenvolvimento, habilidades e características de temperamento dos gêmeos, suas expectativas e fatores que auxiliavam no desenvolvimento dos(as) filhos(as). Especificamente sobre as percepções maternas das habilidades sociocomunicativas de seus bebês, foram relatadas distinções e características das primeiras produções verbais, gestos e comportamentos dos filhos, atribuídos por parte das mães ora como tendo um significado, ora indicando uma intenção comunicativa, principalmente no grupo de mães de bebês do segundo ano de vida. Este estudo reafirma o potencial das interações sociais mediadas e da cultura para o desenvolvimento da cognição social infantil e da linguagem, como também defende que uma maior compreensão sobre as percepções, expectativas e sentimentos de mães de crianças gêmeas pode auxiliar na criação de contextos educativos mais favoráveis de aprendizado.

Palavras-chave: Percepção e expectativas maternas; bebês gêmeos(as); desenvolvimento sociocomunicativo e linguístico.

MATERNAL PERCEPTIONS AND EXPECTATIONS ABOUT SOCIOCOMMUNICATIVE AND LANGUAGE SKILLS OF TWIN BABIES

ABSTRACT – The social interactions of the child are fundamental for the childish development and language. In this context we highlight the role of adults in the provision of care, stimulation and creation of contexts that foster this development. This development is also affected by perceptions that parents, especially mothers, have about infant sociocommunicative and language skills. In addition, studies indicate that the twin condition would be one of the main aspects for an initial delay in language acquisition due to a different pattern of interaction between twins that seems not to enable the need and objective motivation of verbal communication. In this study, the discussions around this issue are supported by the historical-cultural model, which holds that during the first years of life, babies are sensitive to early interventions that would happen in their experiences and social situation of development in which they are immersed. In face of that, the objective of this study was to identify and analyze the perceptions and expectations of mothers of twins about sociocommunicative and language skills of their babies in their first two years of life. The nine mothers of twins that participated in this study were equally divided into three groups. The ages of the babies ranged between 7 and 23 months. Mothers belonged to different socioeconomic classes and levels of education, living in their own homes, with an average of 27 years ($SD = 4.24$). To collect the data a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview were used. The analysis of maternal responses to the interview followed the content analysis technique proposed in Bardin (2004). The results showed variations in perceptions of mothers on the development of twin children, when considered the mother's instructional level, the skills of the babies in their own period of development, and the experiences of these mothers with their other children. The interview analysis identified ambivalent maternal feelings that enfold the experience with multiple births, especially relating to the discovery that they would be mothers of twins. The questions about child global development allowed raise the mothers' perception about dimensions of development, skills and temperament characteristics of twins, their expectations and factors that helped the development of their children. It is relevant to mention that most mothers recurrently used as pattern of differentiation between the twins the describing different aspects of global and language development. Specifically on maternal perceptions of sociocommunicative skills of their twin babies, the mothers reported distinctions and characteristics of the first verbal productions, gestures and behaviors of their children that they perceived sometimes as having a meaning and sometimes as indication of a communicative intention, especially in the group of mothers of babies in their second year of life. This study reaffirms the potential of mediated social interaction and culture for the development of children's social cognition and language, and argues that a better understanding of the perceptions, expectations and feelings of twin children's mothers can help create educational contexts to foster learning.

Keywords: Maternal perception and expectations; twin babies; sociocommunicative and language development.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
MARCO TEÓRICO.....	17
CAPÍTULO I - Teoria histórico-cultural e suas contribuições para explicação do desenvolvimento infantil.....	17
CAPÍTULO II - Gestações gemelares: aspectos históricos, psicológicos e relatos de pesquisas.....	27
CAPÍTULO III - Percepção materna sobre as habilidades de bebês gêmeos.....	47
OBJETIVOS.....	61
Objetivo geral.....	61
Objetivos específicos.....	61
CAPÍTULO IV – MÉTODO.....	62
4.1 Participantes.....	62
4.2 Instrumentos.....	63
4.3 Procedimentos para coleta de dados.....	64
4.4 Procedimentos para análise dos dados.....	65
CAPÍTULO V – RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	72
5.1 Resultados da análise do perfil sociodemográfico das mães participantes do estudo.....	73
5.2 Resultados referentes à percepção materna acerca de aspectos relativos ao desenvolvimento global de seus filhos gêmeos.....	78
5.3 Resultados da análise referente às percepções maternas acerca das habilidades sociocomunicativas e linguísticas de seus filhos gemelares.....	106
CAPÍTULO VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
REFERÊNCIAS.....	129
ANEXOS.....	141

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Gráfico referente às dimensões do desenvolvimento conforme relatos maternos	92
Figura 2. Quadro referente às vocalizações e palavras emitidas por gêmeos, segundo relato materno	117

INTRODUÇÃO

Antes mesmo de nascer, o bebê já ocupa um lugar na sociedade humana, estando sua existência atrelada às condições que seu meio cultural lhe oferecerá, e, dessa forma, o ato biológico de nascer tem também o caráter de um evento cultural (Pino, 2005). Autores como Piccinini, Levandowski, Gomes, Lindenmeyer e Lopes (2009) e Piccinini, Gomes, Moreira e Lopes (2004) defendem que a relação da mãe com seu filho já começa no período pré-natal e serve de introdução para a relação mãe-bebê que se estabelece depois do nascimento. Essas interações iniciais possuem um importante papel para o desenvolvimento infantil, pois possibilitam a compreensão sobre a qualidade dos cuidados e as possíveis influências destes no desenvolvimento da criança, bem como permitem abrir novos caminhos para analisar a cultura e o desenvolvimento humano (Bandeira, Seidl-de-Moura & Vieira, 2009).

No presente estudo, busca-se conhecer um tipo específico de interação entre mãe e seus bebês, qual seja, aquela que envolve gestações gemelares, com destaque para as percepções e expectativas maternas acerca das habilidades sociocomunicativas de bebês advindos de gestação gemelar, nos 2 primeiros anos de vida. Compreende-se que as percepções das mães sobre essas habilidades podem mobilizar, no adulto, diferentes trocas interativas que vão se reconfigurando no decorrer do desenvolvimento do bebê.

Almeja-se, neste estudo, explorar aspectos do desenvolvimento da linguagem dessas crianças pela via do discurso materno, marcadamente, identificar a compreensão materna acerca dos aspectos sociocomunicativos e linguísticos de crianças nos 2 primeiros anos de vida, advindos de gestações gemelares. Isto porque a literatura na área (Luria, 1992; Luria & Yudovich, 1985) refere um tipo específico de linguagem desenvolvida por crianças gêmeas que pode ter influência no desenvolvimento global infantil. Considera-se que um maior conhecimento de cognições sociais relacionadas ao desenvolvimento dos filhos

contribui para um melhor entendimento dessas interações e pode subsidiar propostas de intervenções nos casos em que estas forem consideradas pertinentes (Braz Aquino & Salomão, 2011a; Ribas, Seidl-de-Moura & Bornstein, 2007). Defende-se as crenças que os pais têm sobre a capacidade de comunicação infantil podem influenciar a dinâmica das interações iniciais com o bebê. Essa percepção da habilidade comunicativa da criança possibilita a promoção de um ambiente no qual ela pode descobrir sua própria maneira de interagir com o mundo ao seu redor (Braz Aquino & Salomão, 2011a).

Refletir sobre a temática da gemelaridade é um desafio que deve ser encarado tanto por profissionais de diversas áreas quanto por pesquisadores e estudantes, a fim de que se explore um universo mistificado e carente de pesquisas científicas e psicológicas no Brasil sobre o tema (Vieira, 2011). Schlindwein-Zanini (2008) destaca que o estudo dos gêmeos e de suas famílias fornece uma ferramenta altamente útil para entender as origens genéticas e ambientais dos traços que apresentam, fornecendo um recurso valioso para compreender as complexidades do desenvolvimento psicológico infantil. Ademais, ao se tratar de estudos com gêmeos, deve ser pontuado que, apesar de a literatura com essa população não ser recente no que se refere ao interesse ou à investigação de pesquisadores, e por mais que se trate de um campo de conhecimento vasto, há uma evidente lacuna na literatura especializada (Vieira, 2011).

Historicamente, essa temática tem sido tratada por psicólogos do desenvolvimento e por geneticistas do comportamento para comprovar o impacto da genética no desenvolvimento humano, em especial no que diz respeito às patologias entre os gêmeos. As pesquisas se concentram no estudo dos processos cognitivos, nos traços de personalidade e em características como temperamento, com ênfase na natureza biológica do desenvolvimento (Dias & Fonsêca, 2013; Vieira, 2011).

Por outro lado, estudos com gêmeos (Barbetta, Panhoca & Zanolli, 2008a, 2008b; Barbetta, Panhoca & Zanolli, 2009; Conway, Lytton & Pysh, 1980; Dias & Fonsêca, 2013; Luria, 1992; Luria & Yudovich, 1985; Thorpe, 2006; Thorpe, Rutter & Greenwood, 2003; Tomasello, Mannle & Kruger, 1986) verificaram ainda configurações específicas no desenvolvimento da linguagem. Tais configurações podem estar relacionadas a aspectos biológicos e interacionais, e a própria condição gemelar seria um dos principais aspectos para um atraso na aquisição da linguagem, já que os gêmeos, quando interagem entre si, criam um padrão diferenciado de interação que parece não oportunizar ou gerar a necessidade de interação linguística objetiva.

Neste estudo, busca-se uma leitura interacionista na qual se defende o desenvolvimento humano como decorrente dos intercâmbios mútuos estabelecidos entre adultos e crianças desde os primeiros dias de vida, ressaltando o papel da dimensão sociocultural na constituição dos sujeitos e a ideia de que os seres humanos aprendem com sua comunidade cultural, ainda no ventre de sua mãe (Rogoff, 2005; Vygotsky, 1931/2007; 1927/2004). Para explorar a referida temática, recorre-se ao modelo histórico-cultural de Vygotsky e colaboradores, os quais defendem que o contexto sociocultural no qual os sujeitos estão inseridos se constitui em importante fonte de informações que pode variar significativamente de um grupo cultural para outro e entre diferentes épocas na mesma sociedade (Vygotsky, 2007; 2004).

Essa teoria estuda o comportamento em mudança e as condições sociais que a produzem, valorizando seu caráter histórico e o papel fundamental das relações sociais. Destaca-se, dessa teoria ainda, a relevância atribuída às interações sociais e ao papel dos primeiros intercâmbios estabelecidos entre adultos e crianças como elementos propulsores do desenvolvimento infantil, bem como o papel da cultura para o desenvolvimento humano e sua contribuição para entender as interações mãe-bebê. Esses pressupostos serão retomados no

primeiro capítulo deste estudo, pela sua relevância na explicação do desenvolvimento humano e da linguagem e, ainda, pela importância devotada ao papel da interação social como promotora da dimensão sociocultural, tipicamente humana. Vale ressaltar que, neste estudo, será destacada, partindo desse modelo, a influência recíproca entre a hereditariedade e o meio, já que será foco deste trabalho é conhecer e analisar as percepções e expectativas de mães de gemelares acerca das habilidades sociocomunicativas e linguísticas dos seus bebês, construídas a partir dos intercâmbios estabelecidos nessa relação.

No segundo capítulo, serão apresentados estudos sobre o desenvolvimento e as peculiaridades da interação mãe-bebês gemelares nos primeiros anos de vida, bem como aspectos do desenvolvimento linguístico desses bebês. Destacam-se, aqui, as colaborações de Luria (1992) e Luria e Yudovich (1985), que se ocuparam em investigar longitudinalmente gêmeos idênticos e fraternos, partindo da teoria de Vygotsky, além de pesquisas que investigaram essa temática na Psicologia do Desenvolvimento e de pesquisadores no campo do desenvolvimento da linguagem.

No terceiro capítulo, será apresentada uma revisão da literatura sobre as percepções parentais acerca do desenvolvimento humano e da maternidade, destacando-se a sua importância para a interação social junto aos bebês gêmeos e como as percepções parentais influenciam a percepção acerca das habilidades sociocomunicativas e linguísticas do bebê nos primeiros anos de vida.

Em seguida, serão detalhados os objetivos do estudo e os procedimentos metodológicos adotados no presente trabalho. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, que foram analisadas considerando-se as falas que emergiram das entrevistas. A análise das entrevistas foi orientada por pesquisas sobre a temática do presente trabalho, com ênfase no papel das percepções maternas nas interações estabelecidas. Posteriormente, são apresentadas as sessões de resultados e discussão, onde foi realizado um

resgate da literatura relacionando-a com os resultados encontrados, e, por fim, as considerações finais.

MARCO TEÓRICO

CAPÍTULO I

TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A teoria histórico-cultural de Vygotsky (Vygotsky, 2007; 2004) foi formulada com vistas a explicar a gênese e história das funções psicológicas superiores, tipicamente humanas bem como para explorar de que modo as características dos sujeitos se formam ao longo da história do indivíduo. Segundo esse modelo, o homem se constitui ao longo do tempo, tanto pela cultura como pelas condições sociais produzidas pela humanidade (Vygotsky, 2007). Para ele, todo indivíduo é ativo e estabelece contínua interação entre as condições sociais que são mutáveis e a base biológica do comportamento humano. Dito de outra forma, a história social e a cultura moldam a estrutura das atividades que distinguem o homem de outros animais (Luria, 1992).

Tal teoria ambicionava dar resposta a questões fundamentais, que, segundo Vygotsky, vinham sendo tratadas de forma inadequada, dentre elas: a forma como as teorias de sua época explicavam a relação entre os seres humanos e o seu ambiente físico e social; a necessidade de identificar as formas novas de trabalho que fizeram com que esse fosse o meio essencial de relacionamento do homem com a natureza, examinando as consequências psicológicas dessas formas de atividade; e ainda a questão da análise das relações entre o uso de instrumentos e o desenvolvimento da linguagem. Rego (1995) lembra que Vygotsky foi o primeiro estudioso moderno a sugerir mecanismos pelos quais a cultura se torna parte da natureza de cada pessoa. Sendo assim, a complexidade da estruturação humana provém do

processo de desenvolvimento que se encontra intimamente enraizado nas relações existentes entre a história, o indivíduo e o ambiente social.

Veer e Valsiner (2009) afirmam que Vygotsky essencialmente expôs uma teoria do homem, sua formação e origem, tanto no seu estado atual entre outras espécies quanto um esquema para o seu futuro. A imagem do homem que advém dessa teoria é a de um ser racional que assume o controle do seu destino e se emancipa dos limites que a natureza restringe.

Vygotsky recorreu à infância para poder explicar o comportamento humano no geral, pelo fato de a criança estar no centro da pré-história do desenvolvimento cultural, devido ao aparecimento, nesse período do desenvolvimento humano, do uso de instrumentos e da fala humana. No processo de seu desenvolvimento, a criança não só cresce, não só amadurece, mas, ao mesmo tempo, adquire inúmeras habilidades e formas de comportamento, passando por um processo de *reequipamento*, gerando maior desenvolvimento e mudança (Rego, 1995; Vygotsky & Luria, 1996).

Para o presente estudo, foram resgatados desse modelo teórico dois conceitos considerados importantes para pensar o desenvolvimento psicológico da criança, quais sejam: *vivência e situação social do desenvolvimento*. Para Vygotsky, a vivência é o prisma que determina o papel e a influência do meio no desenvolvimento do caráter da criança; destacando como esse meio é vivenciado pela criança e como influencia o seu desenvolvimento psicológico (Meshcheriakov, 2010). A vivência foi definida por Vygotsky (1932/2006) e encontrada também em Meshcheriakov (2010) como:

uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa –, e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas

as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência. (Meshcheriakov, 2010, p. 713)

Vygotsky (2006) utiliza o termo *situação social do desenvolvimento* para melhor explicitar o papel do meio no desenvolvimento infantil e como vão sendo alteradas as relações entre a criança e o meio no curso do seu desenvolvimento. Tal conceito abrange ainda o sistema de relações entre a criança de certa idade e o meio. Esse mesmo autor oferece uma visão da criança como parte e participante da situação social, e a vivência com “unidade de consciência”, que mediou todas as influências do meio no desenvolvimento individual e pessoal – o que seria o princípio da determinação do “externo através do interno” (Meshcheriakov, 2010, p. 721).

A *situação social do desenvolvimento* para certa idade representa o ponto inicial de todas as mudanças dinâmicas, ocorridas no desenvolvimento durante um dado período de tempo. Ela determina as formas e o meio através dos quais a personalidade da criança adquire novas propriedades do ambiente, como fonte principal do desenvolvimento, caminho este em que o social se torna individual (Meshcheriakov, 2010; Vygotsky, 2006).

No âmbito dessas ideias, Vygotsky definiu as características principais dos processos de desenvolvimento infantil, quais sejam: a) *integralidade* – o caráter holístico do processo de desenvolvimento; b) *mudanças quantitativas e qualitativas*; c) *desníveis no desenvolvimento global ou mudanças de tempo ou velocidade*; d) *heterocronia e desproporcionalidade do desenvolvimento*, ou seja, diferentes partes do corpo desenvolvem-se em trajetórias e tempos diferentes; e) *aparecimento de neoformações* acompanhadas por regressões; f) *mudanças estruturais que estão relacionadas à diferenciação de estruturas prévias e de velocidades de desenvolvimento diferenciadas*; e g) *existência dos períodos ótimos do desenvolvimento* – tanto nas diferentes partes do corpo quanto na personalidade (Meshcheriakov, 2010).

Na visão de Rogoff (2005), o desenvolvimento humano se dá em ritmos distintos e por meio de níveis de desenvolvimento, que englobam “(...) a velocidade da mudança das espécies, da transformação histórica das comunidades, das vidas individuais e dos momentos de aprendizagem individual” (p. 51). Tais níveis promovem uma forma útil de refletir sobre a natureza “mutuamente constitutiva” dos processos biológicos e culturais e a natureza flexível da cultura. Segundo postula a referida autora, ao invés de o desenvolvimento individual ser influenciado pela cultura e influenciá-la, os sujeitos evoluem à medida que contribuem para atividades culturais que se desenvolvem, elas próprias, a partir do envolvimento das pessoas nas sucessivas gerações.

A teoria histórico-cultural tinha como projeto principal estudar os processos de transformação do desenvolvimento humano nos planos filogenético, ontogenético e histórico-social (Rego, 1995). Para tanto, propôs a *lei da dupla formação*, segundo a qual vivenciamos duas linhas de desenvolvimento que se diferem qualitativamente: a *linha do desenvolvimento natural*, ou seja, a de origem biológica, associada aos processos de crescimento e maturação; e a *linha de desenvolvimento cultural*, que dá origem às funções psicológicas superiores e ao domínio de vários meios ou instrumentos culturais. Esse autor se deteve ao estudo dos mecanismos psicológicos mais sofisticados, os quais designou de *funções psicológicas superiores*, caracterizadas por controle consciente do comportamento, atenção, lembrança voluntária, memorização ativa, pensamento abstrato, raciocínio dedutivo e capacidade de planejamento (Vygotsky, 2007).

Segundo esse mesmo autor, as funções psicológicas superiores não são transmitidas hereditariamente, não são inatas, nem são adquiridas passivamente pela pressão do ambiente externo, mas se originam nas relações entre indivíduos e se desenvolvem no processo de internalização de formas culturais de comportamento, ou seja, resultam da interação entre os fatores biológicos (funções psicológicas elementares) e os culturais. Essas funções são

consideradas superiores e sofisticadas, pois se referem a mecanismos intencionais, ações conscientemente controladas, bem como processos voluntários que dão ao indivíduo a possibilidade de independência em relação às características do espaço presente (Pino, 2005; Rego, 1995; Vygotsky, 2007).

Neste sentido, as funções psicológicas superiores estão na base do desenvolvimento ontogenético que ocorre a partir de uma série de transformações qualitativas e dialéticas. Tais funções são formadas em períodos constituídos por um processo complexo de desintegração e integração e se distinguem por apresentar uma organização específica da atividade psicológica e por permitir o aparecimento de um dado comportamento (Vygotsky, 2007).

Vygotsky (2007) defendia que, ao longo do desenvolvimento do ser humano, surgiriam sistemas psicológicos que podiam unir funções separadas em novas combinações. Tais sistemas funcionais presentes no humano adulto são formados fundamentalmente por suas experiências enquanto crianças. Esses sistemas são plásticos e adaptativos, no que diz respeito às atividades que as crianças desempenham e em relação ao seu estágio de desenvolvimento. Esse autor descobriu que as faculdades intelectuais do homem dependiam de sua capacidade para se apropriar da história e da cultura humana como ferramentas da mente. Para ele, a mente mediava o mundo externo e a experiência individual, como um processo para dar significado à experiência. Diante disso, pode-se afirmar que as funções mentais superiores são formadas socialmente e transmitidas culturalmente (Bruner, 1998).

Para explicar como as crianças adentram na dimensão sociocultural, Vygotsky (2007) utilizou a noção de *internalização*, que foi definida como “reconstrução interna de uma operação externa” (p. 74). Esse processo de internalização está associado ao pressuposto vygotskyano segundo o qual todas as funções do desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, num nível social (interpsicológico); depois, num nível individual (intrapicológico). Sobre essa questão, Braz Aquino (2008) lembra que “são as interações

sociais mediadas que, uma vez convertidas em um plano intrapsicológico, promovem a ascensão do sujeito a um universo sociocultural” (p. 21). Pino (2005) destaca que a *internalização* permite a passagem do plano social para o plano da subjetividade, sendo assim uma necessidade fundamental na constituição cultural do sujeito.

O processo de apropriação, por parte do sujeito, dessa dimensão histórico-cultural ocorre para Vygotsky por meio do que ele designou de *mediação*. Esta se constitui na intervenção de um terceiro elemento que possibilita a interação entre os termos de uma relação, ou ainda a ação na qual a relação do homem com o mundo passa por um outro, uma relação mediada por sistemas simbólicos, que são elementos intermediários entre o sujeito e o mundo. Para Vygotsky (1998, 2007), é pela mediação de um adulto ou de uma pessoa mais experiente que a criança incorpora os artefatos socioculturais. E, por esse processo, a criança passaria de um estágio natural, pré-cultural, e se tornaria um ser cultural. Essa teoria relaciona o desenvolvimento da pessoa à sua relação com o ambiente sociocultural em que vive e a sua situação de organismo que não se desenvolve plenamente sem o suporte de outros indivíduos de sua espécie (Pino, 2000; Pino & Góes, 2000; Veer & Valsiner, 2009).

Vygotsky afirmava que a internalização dos sistemas de instrumentos e signos produzidos na cultura provocaria mudanças comportamentais e estabelecia um elo entre as formas primárias e tardias do desenvolvimento individual. A internalização, permitida pela mediação das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas, constitui o aspecto característico da psicologia humana (Vygotsky, 2007).

Na interação com outros, a mediação assume um papel essencial, pois facilita a internalização dos signos e diferentes sistemas semióticos que, do ponto de vista genético, têm primeiro uma função de comunicação e logo uma função individual ou simbólica. Vygotsky propôs dois elementos básicos responsáveis por essa mediação: o instrumento, que funciona para regular as ações do sujeito sobre os objetos; e o signo, que regula a atividade

interna dos sujeitos. Essas duas ferramentas culturais têm um importante papel “na atividade psicológica e nas transformações que ocorrem ao longo do desenvolvimento do indivíduo” (Rego, 1995, p. 50). Dessa forma, os signos começam a ser utilizados como instrumentos de organização e de controle do comportamento individual favorecidos pela mediação do outro nos diversos contextos de desenvolvimento (Pino & Góes, 2000; Vygotsky, 2007).

Os sistemas de signos produzidos culturalmente provocam transformações comportamentais estabelecendo um elo entre as formas iniciais e tardias do desenvolvimento individual. Ao criarem os instrumentos e sistemas de signos, os seres humanos comunicam suas experiências e desenvolvem novas funções psicológicas. Para Vygotsky (2007), uma ferramenta cultural potencialmente mediadora é a linguagem.

Vygotsky dedica uma atenção especial à questão da linguagem e da fala. Segundo afirma, a linguagem é entendida como um sistema simbólico fundamental que foi elaborado no decorrer da história social, que organiza os signos em estruturas complexas e desempenha um papel crucial na formação das características psicológicas humanas. Para ele, a fala é um dos recursos naturais que, em vários sentidos, são semelhantes a instrumentos (Veer & Valsiner, 2009).

Uma das funções imprescindíveis da linguagem é a de intercâmbio social entre indivíduos, que funciona como elemento mediador que permite a comunicação e o estabelecimento de significados compartilhados pela cultura (Rego, 1995). Segundo Bruner (1990), nós demoramos a perceber a importância da linguagem para a natureza do homem, e Vygotsky teria sido uma das poucas exceções, pois, como acima citado, deu atenção especial a essa questão. Sendo a linguagem um dos principais instrumentos culturais, então demoramos também para perceber o significado da cultura para o funcionamento humano. Vygotsky (2007) afirmava que:

a capacidade especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superar a ação impulsiva, a planejar uma solução para um problema antes de sua execução e a controlar seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se a base de uma forma nova e superior de atividades nas crianças, distinguindo-as dos animais. (p. 38)

Partindo dessa teoria, pode-se afirmar que a fala é o comportamento mais importante no desenvolvimento da criança. Por meio da fala, a criança supera os limites que seu ambiente lhe impõe, preparando-se para a atividade futura. Uma vez internalizada, a fala torna-se parte constante dos processos psicológicos superiores, atuando na organização, unificação e integração de variados aspectos do comportamento infantil, como, por exemplo, percepção, memória, resolução de problemas e o uso intencional da própria linguagem (Vygostky, 2007).

De especial interesse para o presente estudo, mencionam-se as ideias de Luria (1992), Luria e Yudovich (1985) e Vygostky sobre a linguagem em crianças advindas de gestações gemelares, como também as ideias desse último autor sobre o papel da hereditariedade e do meio no desenvolvimento. Em uma série de conferências, mais especificamente na conferência 3, designada “*A doutrina da hereditariedade e do meio na pedologia*”, Vygotsky defendeu que as funções mais elementares que estão presentes no início do desenvolvimento, formando pré-requisitos para o desenvolvimento futuro, são mais causadas pela hereditariedade.

A referida série de conferências foi proferida em 1933/1934, não muito antes da morte do autor. Para ele, a genética determinava as leis da hereditariedade para características simples, estáveis e altamente dependentes da hereditariedade, como, por exemplo, a cor dos

olhos. Nessa perspectiva, a genética estudaria as próprias leis da hereditariedade, suas características puras, que são muito estáveis e consistentes (Meshcheriakov, 2010).

Meshcheriakov (2010) lembra que, para esse autor, “as funções superiores, as quais aparecem mais tarde, são o produto do desenvolvimento histórico dos humanos, estão relacionadas com a hereditariedade, diferentemente das funções que parecem ser o resultado principal do desenvolvimento evolucionário” (p. 8). Para as funções superiores ou elevadas, que levam tempo para se desenvolver, as similitudes entre os pares de gêmeos mono e dizigóticos não são constantes, consistentes durante todo o período do desenvolvimento infantil, e mudam na transição entre os períodos etários (Meshcheriakov, 2010). Como exemplo dessas funções elevadas (superiores) se encontra a linguagem, que é impulsionada pela necessidade de comunicação.

Nessa linha de raciocínio, Luria e Yudovich (1985) e Luria (1992) destacam que as contribuições genéticas ao comportamento se refletem mais diretamente nas tarefas que exigem processos cognitivos naturais do que nas que evocam processos mediados pela cultura. Baseados nessa ideia, Luria e seu grupo de pesquisa supuseram a existência de uma relação estável entre a hereditariedade e tarefas cognitivas naturais, ao longo da maturação da criança. No caso de crianças pequenas, nas quais a cultura ainda não exerceu maior impacto, aquelas geneticamente similares teriam o mesmo tipo de comportamento, por estes estarem mais fundamentados nos processos naturais ou biológicos. Mas, à medida que a cultura passa a intervir, o ambiente da criança passaria a ter um efeito maior no comportamento que o efeito genético (Luria & Yudovich, 1985).

Em um dos estudos realizados por Luria e Yudovich (1985) e Luria (1992), foi verificado que as crianças gêmeas, quando interagem, desenvolvem figuras de fala que são particulares, isto é, palavras ou frases que só têm significados para elas – uma configuração específica da linguagem em crianças gêmeas que designaram de “linguagem secreta” e que

acarreta um atraso na linguagem. Os autores realizaram uma série de estudos em torno desse grupo, demonstrando a influência da cultura e das vivências no desenvolvimento desses sujeitos. Encontraram que o atraso verbal pode ser corrigido com facilidade e rapidez, se os gêmeos forem separados por algum tempo e colocados numa situação normal de comunicação com outras crianças que falem, eliminando, assim, um dos fatores que reforçam o subdesenvolvimento da fala, ao criar uma necessidade objetiva para o desenvolvimento dela.

Partindo do modelo sociointeracionista, pelo processo de apropriação cultural, a criança desde cedo interage com pessoas mais experientes, adultos, cuidadores e até crianças mais velhas. Especificamente para o grupo de gêmeos, essas interações causariam impacto sobre o desenvolvimento global e da linguagem, quando se consideram fatores que compõem tais interações, como as concepções, expectativas e emoções maternas sobre as habilidades sociocomunicativas dos bebês advindas da gestação gemelar.

Considerando a complexidade que envolve a temática da gemelaridade, serão apresentados a seguir aspectos relacionados aos gêmeos, dados sobre sua incidência na população, os aspectos psicológicos e emocionais que se relacionam em consequência das gestações gemelares, assim como pesquisas na área. Entende-se que a abordagem a essas questões é importante para compreender as concepções das mães do presente estudo acerca da habilidade sociocomunicativa de seus bebês gêmeos e seu papel nas interações estabelecidas.

CAPÍTULO II

GESTAÇÕES GEMELARES: ASPECTOS PSICOLÓGICOS E RELATOS DE PESQUISAS

A condição de gemelaridade sempre despertou a curiosidade e o interesse das pessoas ao longo da história da humanidade (Dias & Fonsêca, 2013), habitualmente sendo destacados os estereótipos e as dificuldades que atravessam esse tipo especial de filiação. Além de ser um assunto de interesse de várias áreas de estudo, crianças gêmeas geralmente despertam o encantamento e a curiosidade das pessoas – esse grupo gerou, em cada região, cultura e religião, diversas teorias para explicar aspectos em torno de seu desenvolvimento (Schlindwein-Zanini, 2008).

Vieira (2011) afirma que investigar a temática da gemelaridade implica em um desafio conceitual, teórico e metodológico, o que evidencia a natureza complexa desse fenômeno. Isto porque deve ser considerada, além de aspectos fisiológicos, genéticos e ambientais, a interdependência entre eles, para não segmentar ou reduzir a compreensão do desenvolvimento humano. Vieira e Branco (2010a) destacam que a gemelaridade também é um fator social, porque a sua presença envolve situações e contextos culturais específicos, ou seja, é uma construção social interpretada e vivida de forma diferente em diferentes culturas. Por isso, é necessário ver o ambiente como contexto cultural e histórico em transformação, dentro do qual a criança nasce como participante ativa da sua existência e de sua transformação (Vygotsky, 1998, 2007).

Discutindo a questão da gemelaridade, Arruda e Marcon (2007) lembram que, comumente, a família se prepara para receber um único bebê e procura dar a ele toda a condição necessária para seu desenvolvimento. Esses mesmos autores destacam quão

desafiante é cuidar de um recém-nascido, principalmente se tratando de bebês gêmeos, dado que sua chegada exige uma nova estrutura e dinâmica da família que os recebe, expressa por uma reavaliação dos exercícios de cada membro dessa família (Falcão, 2013; Lucion & Escosteguy, 2011; Spinner, 1983).

A descoberta da gravidez gemelar comumente surpreende os pais, que experimentam sentimentos ambivalentes, como incredulidade, perplexidade, medo, ansiedade, alegria, orgulho e satisfação. Alguns adotam comportamentos de querer que os gêmeos se pareçam em tudo, tendo até dificuldade de nomeá-los, costumeiramente denominando-os como “os gêmeos”. Outros, ao contrário, respeitam a individualidade, separando os filhos precocemente, como, por exemplo, quanto a sua ida à escola, situação para a qual nem sempre todos os filhos estão preparados (Dias & Fonsêca, 2013).

Dessa forma, o nascimento de gêmeos é percebido simultaneamente como uma dupla bênção e um evento estressante (Taubman-Ben-Ari et al., 2008), estabelecendo um novo momento familiar (Barbetta et al., 2008a), que pode abalar e desafiar a noção do que é afetivo, interacional e relacional na família que os recebe, pois representa circunstâncias diferentes e mais estressantes do que aquelas experimentadas por mães de filhos não gêmeos (Thorpe, Golding, MacGillivray & Greenwood, 1991).

No âmbito dos estudos acerca da gemelaridade, pontua-se que o nascimento de gêmeos vem crescendo consideravelmente na contemporaneidade (Dias & Fonsêca, 2013). As possíveis causas para esse aumento são o número de partos anteriores e a prioridade que muitas mulheres estão dando à vida profissional e à carreira, levando-as a protelar a maternidade, o que aumenta as chances de uma gravidez gemelar, uma vez que as mulheres acima dos 35 anos apresentam 13 vezes mais probabilidade de ter gêmeos. Isso geralmente se deve à elevação das taxas do hormônio folículoestimulante (FSH), que é responsável pela produção dos óvulos. A este respeito, Beltrame e Donelli (2012), numa revisão da literatura

sobre carreira e maternidade, afirmam que o padrão de fecundidade das mulheres brasileiras alterou-se, comparado ao dos censos anteriores. Até 2000, havia uma tendência de maior concentração de filhos em mães com idades mais baixas. Todavia, os últimos dados mostram uma queda dessas taxas nas faixas etárias de 15 a 19 anos e de 20 a 24 anos, e um aumento da fecundidade de 27,6% para 31,3% nos grupos de mães acima de 30 anos. Essas autoras destacam ainda que os fatores que levam ao adiamento da maternidade são: disponibilidade dos métodos contraceptivos, postergação do matrimônio, níveis educacionais e profissionais elevados e conquista de estabilidade e independência financeira. Há ainda o caso das mulheres que apresentam dificuldades para engravidar e se utilizam de técnicas de reprodução assistida, elevando as chances de nascimentos de gêmeos e até mais filhos. Estima-se que 70% do aumento da taxa de nascimentos múltiplos é resultado do tratamento de infertilidade (Damato, 2005).

No Brasil, percebe-se um aumento significativo do número de gestações de gêmeos, trigêmeos e até quadrigêmeos, impulsionado pela popularização do uso de métodos de reprodução assistida. Em 10 anos, houve um aumento de 21,30% desses nascimentos, com uma média de 50.178 nascidos vivos por ano no país. No estado da Paraíba, a média foi de 979,8 nascimentos de múltiplos, enquanto que, na cidade de João Pessoa e sua região metropolitana, a média é de 283,5 partos com mais de um filho. Os dados mais recentes disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que, em 2013, as mulheres brasileiras deram a luz a 53.559 filhos gêmeos e 1.466 trigêmeos ou mais nascidos vivos. Na Paraíba, nasceram vivos 995 gêmeos e 30 trigêmeos ou mais; já em João Pessoa, nasceram vivos 201 pares de gêmeos e quatro trigêmeos ou mais.

Geraldo, Garcias e Roth (2008) destacam o fato de que as gestações múltiplas estão relacionadas com diversas complicações perinatais tanto para as mães como para seus filhos. Os autores verificaram que a taxa de mortalidade perinatal, nesse tipo de gestação, é

maior do que em gestações únicas e aumenta com o número de fetos. Sobre isso, González e López (2009) apontam que o processo de desenvolvimento de gêmeos apresenta mais riscos e complicações do que um nascimento de uma única criança. Pode-se citar como complicações comuns entre gêmeos: o baixo peso ao nascer; ser pequeno para a idade gestacional; e ter maior probabilidade de incidência de malformações do que em filhos não gêmeos. Com relação às mães, o risco de parto por cesárea e de hemorragia antes do parto e pós-parto é duas vezes maior para mães de gemelares. Já o risco de eclâmpsia e pré-eclâmpsia é quatro e três vezes, respectivamente, mais elevado em gestantes gemelares (Geraldo et al., 2008).

Damato (2005) ressalta que os pais de gemelares muitas vezes não consideram o aumento das complicações que podem acontecer durante a gestação gemelar, dentre eles, o risco de parto prematuro, síndromes hipertensivas e diabetes gestacional. Além de complicações para a gestante, a gravidez de múltiplos é propensa a exacerbar os desconfortos normais de gravidez, incluindo fadiga, indigestão e desconfortos gerais que podem exigir da mãe a saída antes do previsto do seu ambiente de trabalho, no momento em que a demanda financeira da família aumenta.

Já em relação às crianças, além de complicações associadas à prematuridade fetal/neonatal, há complicações que incluem a má formação dos bebês. Fatores ambientais e fisiológicos podem colocar o nascimento de crianças múltiplas em maior risco de incapacidade a longo prazo (dificuldade de aprendizagem, déficits cognitivos e problemas comportamentais). Essas condições resultam em maior estresse, depressão e exaustão para os pais de nascimentos múltiplos. Tais fatores afetam a experiência dos pais de múltiplos, dado que cuidar de uma criança desafia os recursos financeiros, emocionais e físicos de muitos pais, e estes muitas vezes acham difícil atender a todas as necessidades de mais de uma criança, aumentando os níveis de estresse, depressão e exaustão dos pais (Damato, 2005).

Com vistas a obter um panorama mais abrangente e aprofundado sobre as pesquisas mais recentes realizadas na área da Psicologia do Desenvolvimento sobre gêmeos, foi realizado um levantamento na literatura, utilizando-se cinco bases de dados (Lilacs – Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde; PsycINFO – APA; PsycARTICLES – APA; Scielo – Scientific Electronic Library Online; Banco de Teses da CAPES; e Google Acadêmico) com os descritores em português e seus equivalentes em inglês e espanhol. Os termos utilizados foram: “percepção parental/materna das habilidades sociocomunicativas de gêmeos”; “concepções parentais/maternas de comunicação de bebês gêmeos”; e “relação mãe-bebês gemelares”. Desse levantamento, foram encontrados 37 *abstracts* de artigos científicos, uma tese e uma dissertação.

A partir da análise desse material, foi verificado que as publicações apresentavam aproximação com os eixos norteadores do presente estudo (cognição materna/parental acerca das habilidades sociocomunicativas de gêmeos, relação mãe-bebês gemelares nos 2 primeiros anos de vida). Dessa análise, resultaram 21 produções relacionadas, dentre as quais, 19 artigos publicados em periódicos científicos, uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado. Entre as publicações analisadas, todas eram estudos empíricos. No que se refere à origem das publicações, 10 são nacionais e 11, internacionais. Sobre as áreas de conhecimento em que esses trabalhos encontrados foram realizados, verificou-se que quatro estavam na área de Fonoaudiologia e 17 eram da área de Psicologia.

A apreciação desse material permitiu identificar os principais temas relacionados à questão da gemelaridade. Em um desses estudos, Vieira e Branco (2010a) realizaram uma análise da dinâmica dos processos de internalização que decorrem das práticas culturais e das relações sociais entre crianças gêmeas e adultos, em contextos específicos. Para tanto, utilizaram a videografia para registrar um episódio interativo entre um avô e um par de crianças gêmeas, além de uma entrevista. Os resultados mostram que as teorias, crenças e

interações mediadas pelo avô atuaram de forma consistente para promover a “igualdade” entre as crianças. O estudo revelou que as crenças dos adultos e as interações vividas pelas crianças podem influenciar a trajetória desenvolvimental de cada um, inclusive na coconstrução das individualidades. Um recorte de um estudo maior foi realizado por Vieira e Branco (2010b), que analisaram as teorias e crenças da mãe, da avó e do professor de gêmeos monozigóticos em seu desenvolvimento. Dentre os resultados, os autores destacam que as práticas culturais e educativas, na escola e na família, dependem das crenças que os adultos têm acerca da gemelaridade, e tais práticas apresentam um grande impacto sobre o desenvolvimento da subjetividade dos gêmeos.

Por conseguinte, Vieira (2011) propôs estudar os processos de socialização orientadores das similaridades ou diferenciações de crianças gêmeas, atentando para as dinâmicas de interação social, os relacionamentos, os padrões comunicativos e metacomunicativos, enquanto orientadores dos processos de coconstrução de significados pessoais e culturais na infância. Foram consideradas também as relações entre crenças, expectativas sociais e práticas educativas de pais e educadores em relação ao desenvolvimento das crianças.

O estudo citado investigou a dinâmica relacional e os padrões de interação social entre cinco pares de crianças gêmeas entre 4 e 6 anos de idade. A partir de uma abordagem qualitativa, vários procedimentos foram utilizados, dentre eles: abordagem etnográfica e observações diretas no contexto da escola; sessões estruturadas, com cada par de gêmeos e diferentes participantes (professora, mãe, colegas e pesquisadora); e entrevistas semiestruturadas com pais e professoras. Os resultados indicaram que as diferenças de objetivos e dos sistemas de crenças entre o contexto da família, da escola e seus atores, em relação às expectativas sobre o comportamento, o desempenho e os relacionamentos de crianças gêmeas, permitem trajetórias flexíveis de desenvolvimento das crianças. Também foi

observado que as práticas educativas das professoras e sua ação mediadora podem potencializar a conscientização sobre a importância de se promover trajetórias e experiências diferenciadas para cada criança gêmea, ajudando a desconstruir mitos e concepções equivocadas sobre a gemelaridade.

Um estudo anterior realizado por Spinner (1983) buscou esclarecer o impacto do nascimento de bebês gemelares nas suas próprias vidas e nas vidas dos pais e dos irmãos. O autor se concentrou nos três primeiros anos de vida dos gêmeos, enfatizando os fatores psicológicos, as habilidades dos pais para lidar com as transições e o impacto da chegada dos gêmeos nos irmãos. Esse autor destaca que os meses iniciais podem ser esmagadores para os pais, que devem encontrar vários mecanismos de enfrentamento para lidar com o desafio de cuidar de dois bebês ao mesmo tempo e, ainda, fazer com que cada um deles se sinta “único”. Dentre os mecanismos de enfrentamento propostos nesse estudo, podem ser citados: obter ajuda de avós, amigos, vizinhos, babás, especialmente durante as primeiras seis semanas; desenvolver um modelo para lidar com os dois bebês novos, ou tratá-los como um conjunto ou como indivíduos; e contar com a participação paterna na divisão da carga de trabalho junto aos bebês gêmeos.

Spinner (1983) destaca, ainda, que a principal tarefa psicológica e de desenvolvimento realizada pelos pais com bebês gêmeos é desenvolver um senso de individualidade: a consciência de que são dois indivíduos. A tarefa de desenvolver sua própria individualidade é difícil quando os dois bebês são tratados como uma unidade, o que torna importante que os pais levem cada um em consideração. Para auxiliar nesse processo, quando se referem aos bebês, os pais devem abordar cada um pelo seu nome, em vez de “os gêmeos”.

Em uma das vertentes de estudos que envolvem o nascimento de gêmeos, Thorpe et al. (1991) encontraram que as mães de gêmeos são particularmente vulneráveis à depressão quando comparadas às mães de não gêmeos, independentemente de fatores sociais. Para

Thorpe et al. (1991), há uma mistura de sentimentos experimentada pela maioria das mães sob a confirmação de sua gravidez múltipla, a qual inclui conflitos relacionados à situação financeira extra, aos cuidados com a saúde, dentre outros, e uma ambivalência de sentimentos. Por isso, para as mães de gêmeos, a gravidez pode ser mais estressante física e emocionalmente do que para mães de um único filho, dado o desconforto corporal, as sensações de aumento de peso e ocasionais aumentos de problemas obstétricos. Tais autores sugerem a necessidade de preparação pré-natal específica, uma maior conscientização e apoio por parte de profissionais de saúde, tanto antes quanto depois do nascimento.

Beck (2002) realizou um estudo sobre os cuidados maternos de gêmeos durante o primeiro ano de vida, ao constatar um aumento significativo do número de nascimentos múltiplos nos Estados Unidos. O autor investigou a natureza dos problemas psicológicos que as mães de múltiplos nascimentos encontram durante o primeiro ano após o parto e as estratégias utilizadas por elas para solucioná-los. Em uma revisão de literatura, o autor supracitado destacou alguns dos problemas relatados pelas mães de diferentes países, tais como: o sono inadequado (49%), a falta de tempo para cuidar de outras crianças (43%), as flutuações de humor (39%), a perturbação no relacionamento conjugal (22%) e as dificuldades financeiras (18%). Todos esses problemas, exceto as perturbações do sono, diminuíram com o crescimento dos gêmeos. Outras mães afirmaram que, durante os primeiros meses de vida, a sobrecarga de cuidados com o bebê deixou pouco tempo para se envolverem em uma relação baseada no prazer ou lazer. Para elas, a impossibilidade de responderem simultaneamente às exigências de ambos os gêmeos e o fato de terem que se relacionar individualmente com cada filho teve como consequência um sentimento de obrigação, no sentido de realizar sempre a mesma atividade com os gêmeos. Observou-se ainda que tais mães ora procuravam a individualização máxima na sua relação com cada

gêmeo durante as atividades de cuidado, ora tratavam os dois filhos como um todo, uma “maternidade coletiva”, sem levar em conta as necessidades individuais de cada gêmeo.

Para conhecer o desenvolvimento socioemocional de trigêmeos, Feldman e Eidelman (2004) acompanharam, desde o nascimento até os 2 anos, 23 conjuntos de trigêmeos, 23 pares de gêmeos e 23 crianças de nascimento único. Nesse período, foram avaliados a interação mãe-bebê e pai-bebê no pós-parto, a depressão materna e o apoio social. Os autores afirmaram que, quando o número de crianças excede o dos pais, como é o caso de trigêmeos, a parentalidade exclusiva disponível para cada criança é ainda mais reduzida, o que leva a uma menor sincronia pais-bebês trigêmeos e a menos sofrimento durante a separação materna.

Nesse estudo citado, as mães relataram menor diferenciação entre os grupos de irmãos trigêmeos do que no grupo de irmãos gêmeos. Em geral, os resultados revelaram poucas diferenças entre crianças de nascimento único e gêmeos quanto à parentalidade, como também que os pais podem mobilizar recursos emocionais suficientes para lidar com gêmeos. Poucas diferenças entre gêmeos e não gêmeos surgiram, e os dados apontam que gêmeos apresentaram níveis mais baixos de olhar social a suas mães durante as interações do que filhos não gêmeos. Da mesma forma, as mães de gêmeos relataram longo período de tensão desde o início da gestação e um ambiente familiar menos organizado do que as mães de não gêmeos (Feldman & Eidelman, 2004).

No que se refere às interações entre mães e bebês advindos de gestações gemelares, foram verificadas peculiaridades em relação ao modo como os bebês múltiplos desenvolvem sua comunicação e fala, o que produz formas de interações linguísticas diferentes daquelas que se estabelecem entre mãe e um único bebê (Luria & Yudovich, 1985; Luria, 1992). De especial interesse para o presente estudo são os achados da literatura no âmbito da gemelaridade que referem o desenvolvimento de uma linguagem própria, autônoma e

particular em gêmeos (Fonsêca, Crespo & Dias, 2013; Luria, 1992; Luria & Yudovich, 1985, Thorpe, 2006). Todavia, existem estudos que revelam que, na realidade, não se trata de uma linguagem autônoma, mas da persistência de formas imaturas de fala (Bishop & Bishop, 1998).

No que se refere à descrição ou caracterização do desenvolvimento linguístico em crianças gêmeas, os levantamentos permitiram verificar uma predominância de artigos encontrados na língua inglesa (Bishop & Bishop, 1998; Conway et al., 1980; Thorpe, 2006; Thorpe et al., 2003; Tomasello et al., 1986).

Em um estudo clássico realizado por Conway et al. (1980), verificou-se que a fala que a mãe dirige à criança é o mais importante preditor de desempenho de linguagem infantil, o que demonstra o potencial das interações sociais mediadas linguisticamente. Tais autores destacam que algumas das diferenças na linguagem de gêmeos podem ser devido ao ambiente e, particularmente, à estimulação verbal dos pais. Em seu estudo, os autores concluíram que, em geral, os gêmeos falam menos do que filhos não gêmeos e as mães de gêmeos conversam menos com seus filhos, expressam declarações mais curtas e de menor complexidade do que as mães de não gêmeos. Isto significa que há menos interação verbal entre a criança e sua mãe, e, quando há interação, esta se caracteriza por um menor grau de comprimento e complexidade. Os autores consideram que um menor tempo de interação verbal com cada gêmeo pode ser, em parte, devido à sobrecarga de tempo sobre a mãe. Por outro lado, o menor tempo de interação verbal pode ocorrer pelo fato de que os gêmeos são unidos em pares e, portanto, procuram menos interação verbal com a mãe.

Tomasello et al. (1986) investigaram as diferenças nos contextos específicos de aprendizagem da linguagem de filhos não gêmeos e gêmeos, enfatizando os fatores pragmáticos que podem diferir em situações interativas diádicas e triádicas. Seis pares de gêmeos e 12 não gêmeos (todos primogênitos) foram observados em interações naturais com

suas mães, uma vez aos 15 meses de idade e novamente aos 21 meses de idade. Os gêmeos tiveram uma pontuação menor do que os não gêmeos em relação a todas as medidas de desenvolvimento da linguagem. Os contextos de aprendizagem da linguagem dos dois grupos diferiram também. Apesar de mães de gêmeos afirmarem que interagiam com os seus filhos tanto quanto as mães de não gemelares, foi verificado que os gêmeos obtiveram menos falas maternas dirigidas especificamente a eles, estabeleceram episódios mais curtos de atenção conjunta, obtiveram com suas mães conversas mais curtas e em menor quantidade. Além disso, observou-se que as mães de gêmeos eram mais diretivas em seus estilos de interação¹.

Tomasello et al. (1986) afirmam que as mães de gêmeos se preocupam tanto com a quantidade quanto com a qualidade de suas interações com seus filhos. No que se refere à quantidade, os gêmeos desse estudo envolviam-se pouco nas interações diádicas conjuntas com suas mães (10 vezes menos do que filhos não gêmeos) e eram abordados menos diretamente pelas mães. Para os autores, a causa dessas diferenças parece ser a natureza da própria situação triádica. Eles destacam ainda que a relação triádica entre mãe e gêmeos levou a diferenças na qualidade da interação social e linguística: mães de gêmeos mostraram um estilo de interação mais diretiva.

Os dados da pesquisa sugerem que uma menor quantidade de interação verbal e de atenção das mães com os gêmeos se deve principalmente a fatores associados às exigências especiais relativas às interações sociais e linguísticas que podem ocorrer em tríades. É possível que, durante os primeiros estágios do processo da aquisição da linguagem, quando as crianças parecem exigir certa quantidade de apoio dos pais, a interação triádica seja ainda mais importante do que os fatores mais frequentemente estudados sobre as estruturas linguísticas.

¹ Pesquisas na área do desenvolvimento da linguagem referem que os enunciados maternos diretivos podem funcionar para dirigir, controlar e manter a atenção da criança nas trocas interativas. Eles podem expressar uma ampla variedade de intenções comunicativas e funções nas trocas linguísticas, além de variações em seu uso, dependendo de características individuais infantis, tais como o gênero (Braz Aquino & Salomão, 2005).

Em importantes estudos sobre a temática, Thorpe et al. (2003) e Thorpe (2006) apresentam argumentos que fortalecem o papel dos efeitos ambientais e sociais sobre o desenvolvimento da linguagem de crianças gêmeas. Os resultados dos estudos desses autores sugerem que há um atraso evidente na linguagem de crianças gêmeas, quando comparadas com não gemelares, em grande parte atribuído a experiências sociais iniciais de gêmeos. Em uma de suas pesquisas, Thorpe (2006) buscou compreender, dentre vários aspectos, as causas e o grau de atraso de linguagem em crianças gêmeas, as formas de apoio e promoção do desenvolvimento da linguagem dessas crianças, sugerindo ainda as futuras direções para a pesquisa no desenvolvimento da linguagem de crianças gêmeas.

Por meio de uma revisão da literatura dos últimos 80 anos, Thorpe (2006) concluiu que o atraso de linguagem em gêmeos é leve e prevalente quando comparado com a linguagem em não gêmeos (varia de 1,7 a 8 meses). Isso ocorre especialmente no sexo masculino, pois esses indivíduos são mais sensíveis a fatores que afetam o desenvolvimento da linguagem, o que mostra a complexidade e o impacto que têm os contextos específicos no desenvolvimento de cada par de gêmeos.

Essa configuração da linguagem de gêmeos provavelmente é um resultado das experiências mais limitadas das trocas linguísticas dos gêmeos em comparação com não gemelares. Sobre a razão do atraso de linguagem em gêmeos, esse autor afirma que as diferenças no desenvolvimento da linguagem entre gêmeos e não gêmeos são provavelmente devidas ao ambiente. Dentre as condições ambientais mais frequentemente observadas entre grupos de gêmeos, estão aquelas referentes: a) aos ambientes pré, peri e pós-natal adversos; b) à maior quantidade de demanda, de diferentes cuidados parentais e de um ambiente de linguagem diferente para cada gêmeo; c) às taxas de depressão entre as mães de gêmeos, que reduzem a sensibilidade e a capacidade de resposta dos pais (Beck, 2002; Feldman & Eidelman, 2004; Thorpe et al., 1991).

Dado que o atraso de linguagem em gêmeos é influenciado pelos intercâmbios sociais e linguísticos, uma intervenção no atraso de linguagem deve se concentrar em fornecer um estímulo a mais nas interações linguísticas dessas crianças, tanto dentro como fora de casa. A intervenção é considerada importante visto que o atraso de linguagem a longo prazo traz consequências para a realização acadêmica e para o bem-estar emocional das crianças (Thorpe, 2006).

No que se refere à especificidade na linguagem de gêmeos, Thorpe (2006) apresenta duas explicações, quais sejam: a primeira sugere que a linguagem que compartilham é compreendida por ambos e parece ser um fenômeno normal entre crianças que passam grande parte do tempo juntas, que compartilham de um mesmo contexto social e, por isso, tornam-se mais capazes de compreender e interpretar o seu cogêneo de discurso imaturo. A segunda explicação sustenta que a linguagem de gêmeos é privada por ser utilizada exclusivamente em comunicações entre o par de gêmeos. É importante lembrar que esse tipo de linguagem não é exclusivamente usado para a comunicação com o coirmão gêmeo, mas é também dirigida aos outros e não tem associação com dificuldades de linguagem.

Conforme visto acima, a literatura indica que a interação entre crianças gêmeas pode afetar a qualidade de suas experiências e interações comunicativas. No entanto, as razões subjacentes a essas perturbações não são plenamente compreendidas. Thorpe (2006) destaca três explicações possíveis, quais sejam: a de natureza educacional (pais de gêmeos não compreendem a importância da qualidade da interação com seus filhos, já que percebem que seus filhos gêmeos podem proporcionar companhia um ao outro e, por isso, precisariam de menos estimulação); a pragmática (cuidados e exigências maiores e uma redução do tempo disponível para cada criança individualmente); e a emocional (os pais com um número elevado de filhos são mais suscetíveis à depressão, o que reduz a qualidade da parentalidade).

É importante destacar que a linguagem é um meio fundamental no estabelecimento e na manutenção de relações sociais com os pares. Por isso, competências linguísticas menos elaboradas podem inibir o desenvolvimento social infantil. Estudos longitudinais do curso de desenvolvimento da linguagem das crianças gêmeas e seu papel na previsão de resultados a longo prazo são fundamentais, pois existe uma necessidade de compreender os mecanismos que ligam as competências da linguagem social infantil, suas interações sociais extrafamiliares e os resultados no desenvolvimento. Em crianças gêmeas, onde o risco de atraso de linguagem é maior, esse conhecimento é vital para orientar as intervenções e para promoção de potenciais resistências a dificuldades posteriores (Thorpe, 2006).

No contexto nacional e no âmbito da linguagem, foram encontrados estudos na área da Fonoaudiologia (Barbetta, 2002; Barbetta, 2008; Barbetta et al., 2008a, Barbetta et al., 2008b; Campos, Pádua, Cruz, & Hage, 2004; Ferreira et al., 2008; Gejão, Nicolielo, Gonçalves, Maximino & Lopes-Herrera, 2014; Goldoni & Ferraz, 2011; Weber, Vares, Mota & Keske-Soares, 2007). Dentre eles, a maioria faz referência às dificuldades e aos atrasos encontrados no desenvolvimento/aquisição da linguagem de irmãos gêmeos, citando as possíveis causas e características das habilidades sociocomunicativas destes, assim como processos e estratégias interventivas que auxiliam a melhora efetiva da linguagem dessa população, explorando todos os aspectos da linguagem. Em um desses estudos, foi demonstrado que as intervenções permitiram avanços em vários componentes linguísticos, evoluções das habilidades comunicativas e do desenvolvimento global infantil (Gejão et al. 2014) e o desenvolvimento da inteligibilidade da fala (Weber et al., 2007). Também foi encontrado que tais avanços poderiam ser ocasionados pela inserção em escola regular, pela orientação à família sobre a importância da autonomia e diferenciação das crianças e pela utilização de um modelo de linguagem não infantilizado, que promovesse o desenvolvimento de uma linguagem mais inteligível e socializada (Campos et al., 2004).

Ainda no âmbito da Fonoaudiologia, Barbetta (2008) e Barbetta et al. (2008a) realizaram um estudo longitudinal de uma família, analisando os pressupostos e as práticas sociais manifestados discursivamente a respeito da gemelaridade, em especial, o desenvolvimento da linguagem e o processo de constituição da identidade de tais crianças. Os resultados revelaram a dificuldade familiar em assimilar a presença de gêmeos, que acabam sendo “vistos como um”. Quanto à linguagem, as famílias do estudo relataram um desenvolvimento diferenciado, mas isso não foi ressaltado de maneira tão relevante que pudesse causar preocupação nas famílias. Os aspectos sociais envolvidos perante a semelhança são marcantes para vencer a possibilidade de alteração no processo de desenvolvimento da linguagem e identidade dos gêmeos.

Em outro estudo, Barbetta et al. (2008b) investigaram o discurso familiar a respeito da gemelaridade, buscando subsidiar e delinear a contribuição do fonoaudiólogo e do pediatra no desenvolvimento da linguagem de gêmeos monozigóticos, chegando à conclusão de que os depoimentos, as práticas, os valores e os pressupostos observados no discurso familiar estão relacionados com o desenvolvimento dessas crianças e apontam que essas famílias precisam de um acompanhamento diferenciado e específico, desde o momento gestacional. Por fim, Barbetta et al. (2009) realizaram um estudo com o objetivo de analisar o relato dos familiares sobre o desenvolvimento dos filhos gêmeos, desde o momento da descoberta de uma gestação gemelar, e levantar indícios dos fatores interacionais e sua relação com a linguagem. Os resultados indicaram, segundo o discurso das famílias, que a gemelaridade pode trazer implícita a ideia de que o desenvolvimento das crianças não segue o esperado, já que a própria condição de ser gêmeo não é esperada.

Viotto (1993) ressalta que meninas alcançaram índices de desenvolvimento mental e psicomotor superiores aos de meninos e, de forma geral, o índice de desenvolvimento psicomotor é ligeiramente superior na criança gêmea que nasce depois do irmão cogêmeo. A

autora destaca ainda que, embora sejam idênticos, convivam na mesma família e muitas vezes na mesma sala de aula, as estruturas cognitivas dos gêmeos estão sendo desenvolvidas em “ritmos” desiguais, de tal forma que algumas noções já foram estabelecidas em um sujeito enquanto em seu cogêmeo ainda não se estabeleceu ou está em fase de estabelecimento. Diante desse pressuposto, defende-se que, provavelmente, a maneira como cada sujeito vivencia as situações do cotidiano, em função das noções já estabelecidas, e, conseqüentemente, a forma como percebe as situações devem interferir no desenvolvimento cognitivo de cada sujeito e em suas respectivas diferenças individuais.

O estudo de Schlindwein-Zanini (2008) comparou o gênero de gêmeos quanto à linguagem e constatou que a “língua secreta” foi característica na maioria dos meninos gêmeos, mas não das meninas. Nessa pesquisa, foram estudados meninos gêmeos entre 38–53 meses e os não gêmeos. Constatou-se, no estudo, que a condição de gêmeos dá vantagem de ter um parceiro para praticar alternadamente os papéis de líder–seguidor e a “arte” do revezamento, que é primordial para o desenvolvimento da conversação. O autor destaca ainda que, aos 30 meses de idade, os meninos gêmeos podem estar oito meses em desvantagem no desenvolvimento comparados às crianças não gêmeas e às meninas gêmeas na linguagem expressiva, e a meses de desvantagem na compreensão verbal. Quanto ao jogo simbólico relacionado à linguagem, são apontados cinco meses de desvantagem. Já Weber et al. (2007) defendem que o desenvolvimento da fala e da linguagem em gêmeos é atrasado em ambos os gêneros, e, em indivíduos do gênero masculino, esse atraso é de quase seis meses a mais que no gênero feminino.

A linguagem de crianças gêmeas foi alvo de estudos realizados por Luria e Yudovich (1985) e Luria (1992), no início da década de 1930, na antiga União Soviética, os quais trouxeram evidências relativas ao papel da cultura na constituição desse grupo. Um amplo programa de pesquisa sobre o desenvolvimento de gêmeos foi iniciado no Instituto Médico-

Biológico em 1929, com a participação imediata de Alexander Luria, que se fundamentava nos pressupostos histórico-culturais vygotskyanos (Meshcheriakov, 2010).

Luria (1992) trabalhou com cerca de 50 pares de gêmeos, divididos igualmente entre idênticos e fraternos, com idades de 5 a 7 anos e de 11 a 13 anos. O primeiro experimento investigou o desenvolvimento da memória, comparando gêmeos monozigóticos (MZ) com dizigóticos (DZ), e constatou que, na tarefa dominada pela memória natural e direta, a similaridade dos resultados apresentados por gêmeos idênticos era quase três vezes maior que a apresentada pelos gêmeos fraternos das duas faixas etárias. Uma segunda série de estudos investigou a capacidade de as crianças se engajarem em atividades construtivas através de jogos educacionais, chegando à conclusão de que gêmeos idênticos são sujeitos especialmente úteis nos trabalhos intensivos com grupos pequenos.

A partir dessa observação, foi realizada uma terceira série de estudos com um par de gêmeos que possuíam uma deficiência fonética complexa. Eles não falaram até completarem 2 anos de idade; com 4 anos, só produziam alguns sons; aos 5 anos, os meninos proferiam poucas palavras aos adultos, mas os momentos de brincadeira entre ambos não envolviam muita fala (Luria, 1992). A linguagem e a comunicação entre eles consistiam em sons e palavras separadas, intercaladas com ações diretas e acompanhadas de uma forte gesticulação (Luria & Yudovich, 1985). Luria (1992) verificou que, enquanto estavam juntos, os gêmeos desenvolveram figuras de fala que são particulares, isto é, palavras ou frases que só têm significados para eles. É importante lembrar que esse tipo de configuração na linguagem de gêmeos foi também observado nos estudos mais recentes, acima referidos.

Os pesquisadores investigaram a relação entre a fala e o desenvolvimento das atividades cognitivas, baseados na ideia de que a fala é o mecanismo responsável pela construção e manutenção das atividades cognitivas mediadas e culturalmente determinadas. Luria e Yudovich (1985) afirmaram que, durante o período anterior da experiência, os

gêmeos não tinham necessidade de utilizar a linguagem para a comunicação entre si, desenvolvendo uma linguagem primitiva e, por isso, suas operações intelectuais eram muito limitadas. O experimento foi planejado de modo a detectar os fatores que representavam um papel preponderante no desenvolvimento da linguagem e as mudanças que se podiam operar na construção da vida mental dos gêmeos, como resultado da rápida aquisição da linguagem.

Em relação aos estudos desenvolvidos por Luria e Yudovich (1985) e Luria (1992), destacam-se os casos de atraso no desenvolvimento da linguagem de gemelares. Por terem suas vidas unidas e por se compreenderem durante suas interações, Luria e Yudovich (1985) verificaram que os gêmeos não enfrentavam a necessidade objetiva da comunicação verbal com tanta frequência como as outras crianças não gêmeas, ou seja, os gêmeos, por passarem a maior parte do tempo juntos, entram em contato com uma forma mais primitiva de linguagem, que são os primeiros balbucios do irmão, aspecto também observado por Fonsêca et al. (2013). Essa maneira peculiar da situação gemelar não produz pressão nem necessidade objetiva de comunicação verbal, favorecendo o atraso verbal. Dessa forma, essa relação intragemelar pode reduzir a necessidade do desenvolvimento verbal, diminuindo também a motivação para se comunicar, o que acarreta o aparecimento da nomeada “linguagem secreta” entre os gêmeos (Fonsêca et al., 2013; Luria & Yudovich, 1985).

Os autores postularam que, ao mudar uma dada situação e se criar a necessidade objetiva de comunicação verbal, pode-se provocar, além de um rápido desenvolvimento da fala dessas crianças, alterações na estrutura dos processos mentais (Luria & Yudovich, 1985). Tais autores ressaltam que a aquisição acelerada da linguagem pode conduzir a uma organização essencial do desenvolvimento da linguagem. Luria e Yudovich (1985) argumentavam que o atraso verbal pode ser corrigido com rapidez e facilidade, se os gêmeos forem separados por algum tempo e colocados em alguma situação normal de comunicação com outras crianças que falam. Para comprovar suas hipóteses, na terceira série de estudos,

realizaram uma experiência baseada na relação social especial que havia entre o par de irmãos gêmeos, no efeito dessa relação sobre suas linguagens e, posteriormente, no desenvolvimento intelectual.

Para garantir um rápido desenvolvimento da linguagem, foi quebrada a “situação gemelar”, separando os meninos e colocando-os em grupos paralelos na creche, observando-se depois as mudanças encontradas nas suas linguagens. Paralelo a isso, foi realizado um treinamento sistemático, ensinando a linguagem a um dos gêmeos, tendo como objetivo desenvolver a percepção da linguagem e o hábito de utilizar frases desenvolvidas (Luria & Yudovich, 1985). Ao interromper a situação gemelar, a linguagem primitiva utilizada por eles deu lugar ao sistema de linguagem habitual. Com três meses de experiência, pôde-se observar substanciais avanços na linguagem dos gêmeos, sendo mais significativo o fato de a totalidade da estrutura mental dos gêmeos mudar simultânea e consideravelmente. Esses resultados ganham apoio no pressuposto de Vygostky (2007) segundo o qual:

Através da fala, a criança supera as limitações imediatas de seu ambiente. Ela se prepara para a atividade futura; planeja, ordena e controla o próprio comportamento e o dos outros. A fala também é um exemplo excelente do uso de signos, já que, uma vez internalizada, torna-se uma parte profunda e constante dos processos psicológicos superiores; a fala atua na organização, unificação e integração de aspectos variados do comportamento, tais como: percepção, memória e solução de problemas. (p. 143)

É importante mencionar que os estudos realizados por Luria (Luria, 1992; Luria & Yudovich, 1985) no início do século XX com crianças russas devem ser analisados considerando-se o contexto sociocultural e histórico das crianças participantes do estudo, as práticas de socialização dos pais naquele contexto, suas concepções de desenvolvimento, bem como os procedimentos metodológicos utilizados pelos autores, que tinham subjacentes uma concepção de sujeito e de desenvolvimento humano.

Esses estudos ressaltam a importância dos conceitos de *interação social* e *mediação* abordados anteriormente, pois, para Vygotsky (2007), é pela interação social que aprendemos e nos desenvolvemos, criamos novas formas de agir no mundo, ampliando nossas ferramentas de atuação nesse contexto cultural complexo que nos recebeu durante o ciclo de vida. Não obstante, numa perspectiva histórico-cultural, as mediações que se dão durante as interações sociais junto aos pais, e até mesmo aos irmãos mais velhos, bem como a inserção de crianças em escolas ou creches desde o primeiro ano de vida podem ter impacto nesse tipo de linguagem (Luria, 1992; Luria & Yudovich, 1985; Vygotsky, 1998, 2007).

Partindo da ideia de que cada ser humano é único, a questão dos gêmeos e suas relações interacionais entre eles e com o social acendem a curiosidade, inquietações e a necessidade de investigação (Vieira, 2011). Sabendo que o investimento psíquico do adulto nos gêmeos influencia de maneira significativa o desenvolvimento dos bebês no primeiro ano após o nascimento, é crucial potencializar a qualidade do envolvimento parental, pois o modo como concebem seus filhos pode modificar a evolução dos gêmeos durante esse período (Lucion & Escosteguy, 2011).

Na perspectiva dos estudos sobre interação social, especificamente daqueles que abordam o universo dos bebês gemelares, ressalta-se a importância de conhecer as percepções maternas acerca do desenvolvimento desse grupo de crianças, sobretudo de suas habilidades sociocomunicativas e linguísticas, pela via do discurso materno. Essas questões são exploradas no capítulo seguinte, que aborda argumentos, perspectivas e resultados de estudos no âmbito das cognições parentais e suas influências no desenvolvimento sociocognitivo e linguístico infantil.

CAPÍTULO III

PERCEPÇÃO MATERNA SOBRE AS HABILIDADES DE BEBÊS GÊMEOS

Cada família, independentemente de sua formação, constituição ou condição, possui um repertório de experiências e situações vivenciadas diariamente, que lhe serve de referência para interpretar o mundo e validar suas ações (Arruda & Marcon, 2007; Barbetta et al., 2008a). Nesse aspecto, destaca-se o pressuposto segundo o qual é pelas interações sociais que são construídos, desde os primeiros dias e anos de vida, as cognições, as crenças, os valores e as percepções que cada grupo familiar disponibiliza à criança, os quais, de modo recíproco, influenciam as interações.

Na Psicologia, marcadamente na Psicologia Social, a *Cognição Social*, segundo Torres e Neiva (2011), refere-se aos processos cognitivos por meio dos quais as pessoas compreendem e explicam as outras pessoas e a si mesmas. Para Rodrigues, Assmar e Jablonsky (2009), a Cognição Social é o estudo de como as pessoas fazem inferências por meio das informações obtidas no ambiente social. Ao entrarmos em contato com esse meio social que está ao nosso redor, percebemos outras pessoas, conhecemos membros de diferentes grupos e interagimos com eles.

Pesquisadores como Striano e Reid (2006) chamaram de Cognição Social a capacidade de compreender outras pessoas, desde a compreensão das habilidades perceptivas fundamentais, que nos permitem discriminar pessoas e objetos, até a complexa interação das pistas sociais, tais como o contato visual, os movimentos do corpo, o tom de voz e as expressões faciais que nos ajudam a interpretar como os outros se comportam, e a capacidade de comunicação simbólica. Através do estudo de desenvolvimento inicial, é possível

compreender que tipos de experiências e maturações são necessários para aprender a se relacionar com os outros, incluindo previsão e interpretação do comportamento dos outros.

Dentre esses processos cognitivos acima citados, está a Percepção Social, entendida como o estudo referente ao modo como as pessoas concebem ou interpretam outras pessoas, suas crenças e valores, englobando o estudo da maneira como formamos impressões sobre outras pessoas e fazemos inferências sobre elas (Aronson, Wilson, & Akert, 2002). A percepção social é o processo cognitivo no qual somos influenciados por tendenciosidades, esquemas sociais, heurísticas e a busca por descobrir as causas do comportamento, tanto o nosso como o de outrem. Diante disso, os teóricos se utilizam de modelos cognitivos para entender os processos básicos subjacentes às interações sociais (Rodrigues et al., 2009).

Segundo Camino (1996), o estudo do conhecimento do outro vem sendo denominado de Cognição Social, uma vez que, a partir dos anos 1970, a abordagem puramente perceptiva foi ficando limitada para atender aos novos campos de interesses. Não obstante, percebe-se, uma tendência a manter os dois termos, quais sejam, cognição social ou percepção social (Camino, 1996). Sobretudo neste estudo, optou-se pelo termo Percepção para conhecer o modo como as mães de crianças gêmeas concebem e atribuem significado ao desenvolvimento de seus filhos e suas habilidades sociocomunicativas e linguísticas.

Nesse contexto, destaca-se que a investigação da Psicologia Parental vem tomando espaço dentro das pesquisas sobre desenvolvimento infantil, buscando compreender as diferenças sociais e culturais nas cognições parentais acerca do desenvolvimento humano (Seidl-de-Moura et al., 2004a). As etnoteorias parentais são modelos culturais que os pais mantêm em relação às crianças, às famílias e a eles próprios (Harkness et al., 2009). Dessa forma, há um amplo debate sobre as crenças parentais que busca explicações sobre os efeitos dessas crenças no desenvolvimento infantil. Como parte do sistema psicológico dos pais, suas crenças estão relacionadas sistematicamente e de diferentes formas com suas ações e suas

práticas educativas, o que produz diferentes consequências sobre a vida dos seus filhos (Kobarg & Vieira, 2008; Seidl-de-Moura et al., 2004a; Seidl-de-Moura et al., 2009; Silva, 2008).

É importante ressaltar que tais crenças não são elaboradas num vazio, mas fazem parte de uma relação de troca social vivenciada principalmente no *nicho* de desenvolvimento. O conceito *nicho* de desenvolvimento, elaborado por Harkness e Super (2006), tem sido amplamente aplicado nos estudos da infância e nos estágios de desenvolvimento mais avançados. Nesse modelo, há três subsistemas que interagem mutuamente com o indivíduo em crescimento: as configurações físicas e sociais da vida cotidiana; as práticas habituais de cuidado da criança; e a psicologia dos cuidadores, incluindo e compartilhando crenças ou etnoteorias parentais. Cada um desses subsistemas é influenciado por aspectos da cultura (Harkness & Super, 2006; Harkness et al., 2007).

Partindo desse modelo, Seidl-de-Moura et al. (2004a) lembram que o desenvolvimento infantil processa-se em um nicho cujo eixo central é a casa da família (os cuidadores da criança). Esse nicho é concebido como um sistema composto pelo ambiente físico e social onde a criança vive; pelos costumes estabelecidos cultural e historicamente, relacionados aos cuidados e à criação das crianças; e pela psicologia dos que cuidam das crianças, ou seja, as crenças e expectativas de mães e pais em relação a seus filhos.

Mendes e Pessôa (2013) enfatizam que é clara a importância atribuída, nesse modelo, à interação social. A busca de entendimento do desenvolvimento infantil deve necessariamente considerar a criança no contexto em que ela vive. Esses autores (Harkness & Super, 2006; Harkness et al., 2007) têm discutido sua noção de etnoteorias parentais como um dos sistemas da dinâmica desse nicho em que se constitui o desenvolvimento. Esses sistemas são compartilhados e negociados entre membros da comunidade e se traduzem em práticas de cuidado. As etnoteorias parentais devem ser entendidas como modelos culturais

ou conjuntos organizados de ideias dos pais em relação às crianças e à relação deles com elas, sendo geralmente implícitas.

O conhecimento do desenvolvimento infantil tem um papel central no sistema de crenças parentais e, conseqüentemente, tem influência significativa na interação entre pais e filhos. Entre outros aspectos, esse conhecimento engloba crenças acerca dos períodos mais prováveis para aquisição de habilidades motoras, perceptuais e cognitivas durante o desenvolvimento infantil, sobre os fatores que podem influenciar o desenvolvimento das crianças e sobre os tipos de cuidados de higiene e segurança importantes para a saúde das crianças (Seidl-de-Moura et al., 2004a; Silva, 2008).

Seidl-de-Moura et al. (2013) destacam que, dependendo do contexto em que se insere a família, são estabelecidas diferentes metas para as crianças. Para esses autores, um aspecto importante do sistema de crenças dos pais é o conjunto de objetivos parentais, ou o que eles esperam que seus filhos se tornem, orientados por aquilo que é geralmente pertinente em contextos socioculturais específicos. Tais objetivos fazem parte de etnoteorias implícitas, ou sistemas de crenças que os pais têm sobre as crianças se tornarem adultos ideais e do que é necessário fazer para que se desenvolvam nesse sentido. Dessa forma, as etnoteorias parentais são negociadas e compartilhadas entre os membros das comunidades e são traduzidas em práticas de cuidado (Kobarg & Vieira, 2008; Mendes & Pessoa, 2013).

Os conhecimentos parentais são continuamente mobilizados pelos pais para avaliar o comportamento e o desenvolvimento de seus filhos e para guiar decisões cotidianas a respeito de como conduzir sua criação. Com isso, ressalva-se que o nível de conhecimento materno se mostra um bom preditor da qualidade do ambiente que as mães oferecem para os filhos em casa. A vivência da parentalidade pressupõe transformações individuais, familiares e sociais. Com ela, surgem novas funções e tarefas que obrigam a existência de reorganizações relacionais intra e interfamiliares. Essas vivências familiares têm assumido uma importância

crescente, pelas implicações que têm no desenvolvimento da criança e da família (Ribas et al., 2007).

O sistema de crenças é um bom exemplo das funções psicológicas superiores, que são codificadas, construídas e internalizadas a partir de uma orientação cultural. Ao assumirem o papel de pais, as pessoas podem atuar de diversos modos com base nos sinais sociais comunicados por outros, os quais podem aceitar, reestruturar e modificar esses sinais. Isto é, as crenças funcionam como organizadoras mentais dos tipos de ações exibidas pelos pais e são, portanto, produtos do processo de comunicação cultural (Vieira & Branco, 2010a, 2010b).

Partindo desse pressuposto, é conveniente definir o conceito de percepção parental proposto por Feldman e Reznick (1996), para quem esse tipo de percepção refere-se à maneira como os pais observam e compreendem os comportamentos e o desenvolvimento infantis. As percepções parentais acerca do desenvolvimento humano e da própria parentalidade influenciam a maneira como os pais veem e agem com seus filhos; dessa forma, esses comportamentos influenciam diretamente o desenvolvimento infantil (Nunes, 2014).

Nesse contexto, autores (Piccinini et al., 2004) ressaltam que as expectativas da mãe em relação ao bebê originam-se de seu próprio mundo interno, de suas relações passadas e de suas necessidades conscientes e inconscientes relacionadas àquele bebê. Durante a gravidez, a mãe forma as condições psicológicas necessárias à interação e aos cuidados adequados do bebê; ela cria um espaço mental para receber o recém-nascido, que possibilita o seu rápido envolvimento emocional com ele, após o parto (Figueiredo, Costa, Marques, Pacheco, & Pais, 2005).

O envolvimento emocional da mãe aumenta progressivamente durante a gravidez e entre a gravidez e o pós-parto, mas sobretudo após o parto, depois de entrar em contato com o

bebê. As mudanças hormonais, tanto quanto a presença e o contato com o recém-nascido, favorecem o envolvimento emocional da mãe e permitem que uma interação adequada se estabeleça, dado que beneficiam a correta identificação e resposta às necessidades específicas da criança (sensibilidade materna), garantindo ainda a proximidade imprescindível a sua sobrevivência. Ao nascer, o bebê põe em ação uma vasta gama de comportamentos (tais como, chorar, sorrir, seguir visualmente a mãe), que impulsionam a sua ligação à mãe, mas também a ligação da mãe com ele (Figueiredo et al., 2005).

Mendes e Pessôa (2013) defendem que “(...) afetividade e a emoção são dimensões essenciais dos cuidados parentais, com reflexos no desenvolvimento infantil, seja através das práticas do cotidiano, seja em função de crenças parentais que norteiam a forma de criar a criança” (p. 16). Nesse processo de interação com outro, as trocas afetivas e emocionais cumprem um papel fundamental, organizando-se em experiências através das quais o bebê aprende sobre as pessoas ao seu redor e sobre si mesmo.

Para Mendes e Pessôa (2013), é de fundamental importância perceber que, em todos os grupos culturais, a experiência emocional e o conhecimento acerca das emoções devem ser traçados no contexto em que a criança se desenvolve. Tal contexto pode ser compreendido como uma configuração sociocultural e econômica que contempla desde o ambiente mais próximo e restrito, que é a família propriamente dita, passando por outros grupos sociais mais complexos e mais abrangentes dos quais a criança participa, chegando até a cultura mais vasta. Dessa forma, os pais e as mães, assim como outras pessoas que participam de forma ativa dos cuidados das crianças, são como agentes primários de socialização, os quais ensinam-lhes não só como expressar suas emoções, mas também como percebê-las nas pessoas, enquanto a cultura fornece padrões gerais de decodificação e exibição emocional.

Ainda sobre as emoções e afetos, Seidl-de-Moura et al. (2008) e Mendes e Pessôa (2013) destacam que as mães tratam os bebês, desde as fases iniciais do desenvolvimento,

como pessoas com as quais constituem “protoconversas” e a quem se podem atribuir desejos e sentimentos, e não apenas manifestar necessidades fisiológicas. A consequência dessa percepção engendra na conduta da mãe em tentar adequar sua fala e seus gestos ao que parecem ser as expectativas e necessidades do bebê, a fim de constituir com mais facilidade algum tipo de comunicação com ele.

Para o presente estudo, é de fundamental importância pensar como essas emoções podem se intensificar e tomar outras configurações, quando essa relação se dá entre mães e bebês gêmeos, visto que essa constituição familiar diferenciada exige outras percepções e expectativas, bem como uma maior demanda de atenção e cuidado nas interações existentes entre pais e filhos. Diante desse pressuposto, deve-se considerar esse contexto sociocultural diferenciado, que requer um olhar também específico.

No âmbito dessa discussão, Feldman e Reznick (1996) estudaram a percepção dos pais sobre a habilidade de comunicação intencional infantil, que implica num compromisso explícito ou implícito materno de algum modelo, teoria, ou conjunto de crenças sobre a habilidade mental infantil, podendo ditar a estratégia dos pais e mediar a capacidade deles para detectar e responder a estados e metas da criança. Feldman e Reznick (1996) consideram três implicações da relação entre a percepção dos pais de intencionalidade infantil e parentalidade: a) essa percepção pode afetar a dinâmica da interação entre pais e filhos; b) ela pode afetar a sensibilidade parental, definida como a capacidade dos pais para responder adequadamente aos estados e metas da criança; c) a percepção dos pais sobre a habilidade de comunicação intencional infantil implica no modo variável de os pais interpretarem o comportamento da criança. Dessa forma, os pais que atentam aos sinais infantis de comunicação percebidos como intencionais reagem favoravelmente.

Vale ressaltar que a prática parental de buscar conhecimento ou o interesse em aprender mais sobre o desenvolvimento da criança, assim como a aquisição de informações

através de várias fontes, podem afetar a percepção dos pais sobre a habilidade de comunicação intencional infantil. Além disso, a experiência anterior com outras crianças pode afetar a percepção parental acerca das habilidades de comunicação intencional infantil (experiências com filhos mais velhos ou experiência profissional com crianças), sensibilizar os pais para os tipos de comportamentos intencionais que as crianças podem produzir e, assim, impulsionar a sua percepção (Feldman & Reznick, 1996).

Vieira e Branco (2010b) destacam que, quando a Psicologia buscou investigar como os gêmeos são criados pelos pais, nas décadas de 1970 a 1990, usando métodos de comparação intrapar, os estudos tinham como objetivo explicar as diferenças individuais encontradas especialmente entre os gêmeos monozigóticos. Partindo do pressuposto de que tais diferenças podem ser explicadas por uma gama de fatores que incluem a complexa interação entre constituição genética, atitudes distintas dos pais em relação a cada filho e o relacionamento com e entre os gêmeos, considera-se que a gemelaridade (“*twins*hip” ou “*twinn*ess”) é um fenômeno construído socialmente e não só biologicamente. Portanto, as percepções parentais sobre o significado de “*twins*hip” também influenciam suas práticas e relacionamentos com os filhos gêmeos.

Estudando essa questão, Vieira e Branco (2010b) verificaram que as relações entre pais e crianças gêmeas são caracterizadas por circunstâncias singulares, que os fazem diferentes das crianças não gêmeas. A educação de gêmeos leva os pais (bem como as crianças) a um estresse especial ou a fontes de tensão que testam os limites das habilidades de educar as crianças, constituindo um fértil campo de investigação para a Psicologia.

No que se refere ao envolvimento entre mães e bebês advindos de gestações gemelares, Candeias (2013) afirma que tal ligação é diferente, pois não se trata de estabelecer a ligação com um bebê, mas com dois ao mesmo tempo. O mais importante no processo de envolvimento materno com seus filhos, nos nascimentos múltiplos, é a capacidade de a mãe

identificar características únicas e distintivas de cada um dos seus filhos, o que parece promover o estabelecimento de uma apropriada e positiva ligação materna com cada um dos gêmeos. A autora reforça a noção de que as percepções e os comportamentos de pais de gêmeos dependem da percepção que têm do temperamento das crianças e das características da sua personalidade, que cada gêmeo demonstra. Deste modo, o temperamento do bebê, suas características de personalidade e seus traços individuais são proeminentes para o processo de envolvimento materno, pois ajudam a mãe a distinguir os gêmeos.

Nessa perspectiva, Damato (2005) apresentou uma revisão da literatura sobre a experiência dos pais de famílias com filhos advindos de nascimento múltiplo. Para a autora, os pais das crianças de nascimento múltiplo enfrentam desafios exclusivos em comparação com pais de recém-nascidos únicos. A autora destaca que os padrões de comunicação entre mãe e bebê são diádicos por natureza. Por outro lado, os pais de crianças de nascimento múltiplo devem dividir sua atenção entre dois ou mais bebês, e mães devem se comunicar em um padrão triádico (ou mais). Isso demonstra uma dedicação menos direcionada para cada criança, o que pode privar as crianças de nascimento múltiplo da oportunidade de serem estimuladas e melhorarem seu desenvolvimento social e cognitivo. As oportunidades para um tempo exclusivo com cada criança são reduzidas, e os pais são propensos a sofrer frustração, fadiga e esgotamento tentando atender às necessidades de duas crianças que competem por amor, afeto e atenção.

É digno de menção que pais em situação de nascimento múltiplo querem tratar seus filhos de forma igual e estão sempre tentando encontrar um equilíbrio entre reconhecer as características individuais e necessidades de cada criança, proporcionando o mesmo tempo e atenção. A observação de padrões de cuidados infantis de mães com gêmeos revelou um contínuo entre dois extremos: em uma extremidade, há mães procurando individualização máxima na sua relação com cada criança, praticando a demanda de alimentação e permitindo

que cada criança possa definir seu próprio horário de dormir e acordar; enquanto há mães, no outro extremo, que tratam as duas crianças como um todo, dando mamadeiras ao mesmo tempo, sincronizando o sono e a vigília.

Damato (2005) refere que pais de gêmeos que já possuíam outros filhos além deles lutam para continuar a satisfazer as necessidades de suas crianças mais velhas e, diante dessa situação, podem ter que lidar com um novo início de problemas de comportamento em irmãos. Essa mesma autora destaca algumas estratégias práticas para ajudar as famílias de nascimento múltiplo: educar os pais sobre os riscos biológicos da gravidez de múltipla gestação, incluindo perda da gravidez, parto operatório, prematuridade e mortalidade infantil; orientar a ultrassom pré-natal para permitir primeiras oportunidades de se relacionar com mais de uma criança; preparar os pais para complicações na gravidez e tratamento, o impacto de múltiplos no modo de vida, em crianças mais velhas, no casamento e na estabilidade financeira; incentivar o contato com outros pais de nascimento múltiplo sobre as estratégias de enfrentamento, equipamentos para comprar, a melhor forma de transportar mais de um bebê, o que fazer quando se está sozinho com mais de um bebê chorando, saber o que empresas oferecem de descontos para múltiplos; estimular o planejamento ativo para o gerenciamento da carga de trabalho; conseguir o apoio da família e dos amigos; envolver os pais na formação dos filhos; dar aos pais permissão explícita para baixar os padrões de limpeza habituais; dar aos pais sugestões para promover o descanso (desligar o telefone, por exemplo); continuar a procurar apoio emocional e encorajamento especialmente de outros pais de nascimento múltiplo.

Ainda nesse contexto, Boivin et al. (2005) descobriram que os pais de gêmeos se sentiram menos eficazes como pais e eram mais propensos a usar comportamentos hostis e reativos, mostrando também menos preocupação com a saúde e a segurança dos seus filhos. Tais autores apoiam a importância de intervenções que servem para reforçar as crenças dos

pais em relação à sua capacidade de cuidar de seus múltiplos. Essas intervenções devem se centrar no reforço da capacidade dos pais para entender e responder aos sinais infantis e devem dar aos pais estratégias de interação que são sensíveis, estimulantes e não punitivas.

O estudo realizado por DiLalla e Bishop (1996) buscou diferenciar as interações mãe-filhos gêmeos, abordando o quanto elas tratam seus filhos de forma semelhante, independentemente das características da criança. A pesquisa foi realizada com os gêmeos aos 7 meses e aos 9 meses, e, nela, as mães passaram dois minutos e meio sós com cada bebê, numa tentativa de induzir a vocalização da criança. Os resultados indicaram que a atenção infantil foi influenciada principalmente pelo ambiente, enquanto que nos casos de gêmeos fraternos, as mães tendem a tratar os dois tipos de gêmeos independentemente de características infantis ou de comportamentos (DiLalla & Bishop, 1996).

Fonsêca et al. (2013) realizaram um estudo no Brasil com 15 pais de gêmeos, os quais buscaram investigar os prazeres e desafios de ser pais de gemelares e como a família com filhos gêmeos vivencia essa condição específica. Pretendeu-se compreender a reação dos pais diante da descoberta de que estariam esperando gêmeos, identificando as dificuldades, as vantagens e as necessidades sentidas na criação dos gêmeos.

Nesse estudo, verificou-se que ser pai ou mãe de gêmeos é uma condição distinta que requer uma atenção especial e muita dedicação. Esses autores destacam ainda as várias dificuldades no que se refere aos primeiros meses de vida dos gêmeos, principalmente para a mãe, que sofre com dificuldades no pós-parto e na amamentação. Com isso, por essas dificuldades e pela alta demanda de atenção necessária aos bebês, o pai tende a se tornar mais participativo. Os participantes dessa pesquisa ressaltam a importância da presença ativa da família extensa (familiares mais próximos), pois os que puderam contar com essa ajuda, principalmente nos primeiros meses de vida dos bebês, demonstraram menos angústias.

Outro dado interessante do estudo é que alguns pais destacaram a atenção no que diz respeito às diferenças observadas em cada filho, indicando uma observação maior em torno dessa temática (Fonsêca et al., 2013). Nessa perspectiva, Vygotsky (2007) afirmou que, em função da constante mudança das condições históricas que determinam a experiência humana, não há um esquema universal que represente adequadamente a relação dinâmica entre aspectos internos e externos do desenvolvimento. Por conseguinte, um sistema funcional de aprendizado de uma criança pode não ser idêntico ao de outra, embora possa haver algumas semelhanças em certos estágios do desenvolvimento.

Bacon (2006) defende que os pais têm papel fundamental na comunicação da “identidade gêmea” dos filhos. Dessa forma, é fundamental identificar o que os pais pensam sobre a gemelaridade, como acreditam que suas crianças gêmeas devem ser inseridas e se socializar com o meio, como se configuram as relações e interações entre os pais e as crianças, especialmente como os gêmeos respondem e significam essas experiências nas relações entre si e com outros parceiros. É conveniente destacar que:

As similaridades e experiências sociais dos gêmeos podem ser coconstruídas e estruturadas pelas concepções e expectativas sociais em relação a eles, o que inclui, portanto, não apenas ideias e crenças dos pais, mas também de professores, colegas de sala, mídia e outras crianças com quem convivem, até mesmo incluindo suas próprias expectativas. (Vieira & Branco, 2010b, p. 584)

Vieira e Branco (2010b) destacam ainda que a cultura “canaliza as formas de conduta, argumentação e relações dos pais, fornecendo ricas e heterogêneas sugestões, e estes desenvolvem formas idiossincráticas de educar e interagir com suas crianças” (p. 584). Com isso, a história pessoal dos pais e os eventos que foram significativos nas suas experiências sociais são relevantes para a construção da identidade do papel parental, ou seja, as formas e práticas culturais educativas são resultados de histórias pessoais e coletivas.

Considerando que o modo de pensar o mundo é organizado por meio do contexto sociocultural em que os sujeitos se inserem, é oportuno assumir que as pessoas se relacionam com o mundo a partir das crenças e expectativas que têm dele; desse modo, transformam-no e são por ele transformadas. Da mesma forma, quanto aos pais e seus filhos, defende-se que as crianças são tratadas pelos pais de acordo com aquilo que estes acreditam ser adequado para elas. Assim, as cognições parentais, definidas como um amplo conjunto de produtos (crenças, valores, expectativas), e os processos psicológicos relacionados ao desenvolvimento humano e à maternidade são considerados relevantes para o processo de desenvolvimento das crianças, bem como para a sua socialização (Silva, 2008).

Dentro desse pressuposto, as crenças que os pais têm das habilidades de comunicação dos filhos podem influenciar o dinamismo das interações iniciais, assim como suas estratégias para compreender e responder aos bebês. As percepções parentais sobre as habilidades de comunicação das crianças estão relacionadas a características de personalidade maternas, que podem diretamente afetar a qualidade da interação estabelecida com os bebês. Além das mães, as características individuais infantis, tais como sexo e temperamento, podem guiar as percepções dos pais sobre as habilidades e capacidades dos seus filhos (Braz Aquino & Salomão, 2011a).

Com o objetivo de investigar as percepções maternas acerca das habilidades sociocomunicativas de bebês no primeiro ano de vida, e preocupadas com um aspecto ainda pouco explorado em pesquisas da área, marcadamente no contexto brasileiro, Braz Aquino e Salomão (2011a) realizaram uma pesquisa com 45 mães de bebês nas idades de 6, 9 e 12 meses, igualmente distribuídas por grupo de idade. Os resultados indicaram variações nas percepções maternas em função da idade dos bebês, evidenciadas por meio do relato de diferentes modalidades sociocomunicativas que, aos 12 meses, englobaram o uso de gestos com vocalizações intencionais, por exemplo.

Percebeu-se que parte das mães parecia desconhecer a presença de habilidades sociocomunicativas em seus bebês, o que evidentemente pode repercutir nas interações estabelecidas entre elas e seus filhos. Esses resultados são importantes para a compreensão de pais e profissionais acerca da dimensão sociocomunicativa da linguagem, para a detecção precoce de alterações nas habilidades sociocognitivas de atenção conjunta e comunicação intencional, bem como para o planejamento de intervenções que favoreçam o desenvolvimento infantil (Braz Aquino & Salomão, 2011a).

Defendendo que, ao interagirem com os bebês e atribuírem significado às suas ações, os adultos favorecem a emergência da habilidade de comunicação intencional infantil, e almejando conhecer as percepções maternas acerca da habilidade de comunicação intencional de bebês no primeiro ano de vida, Nunes (2014) realizou um estudo com 40 mães de bebês nas idades de 4 meses e de 9 meses. Os resultados demonstraram que as percepções maternas acerca da habilidade de comunicação intencional dos bebês de 9 meses relataram maior número de comportamentos comunicativos intencionais e apresentaram exemplos mais claros de tais ações do que as mães de bebês de 4 meses.

Diante do exposto, percebe-se a importância de se estudar a percepção parental materna sobre a comunicação de gêmeos, principalmente pelo impacto que essa percepção tem no desenvolvimento sociocognitivo e global dessas crianças. Vale ressaltar que a crescente incidência de gestações gemelares e a compreensão da percepção materna acerca das habilidades sociocomunicativas dessa população justificam a necessidade dos estudos sobre o desenvolvimento dessa condição peculiar, o que também impulsionou a realização do presente estudo.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar as percepções e expectativas de mães de gemelares acerca das habilidades sociocomunicativas e linguísticas de seus bebês nos 2 primeiros anos de vida.

Objetivos específicos

Verificar possíveis variações nas percepções maternas considerando o período do desenvolvimento das crianças, o número de filhos e o nível instrucional materno.

Levantar as expectativas de mães acerca do desenvolvimento dos seus filhos gêmeos;

Listar aspectos gerais do desenvolvimento e habilidades de gêmeos referidos pelas mães;

Averiguar os fatores que auxiliam o desenvolvimento de gêmeos conforme a percepção materna;

Identificar as percepções maternas acerca dos gestos e primeiras palavras utilizadas pelos seus filhos gêmeos;

CAPÍTULO IV

MÉTODO

O estudo foi caracterizado como pesquisa de campo, com delineamento transversal, que é vastamente utilizado em pesquisas no desenvolvimento humano por reunir informações das crianças de várias idades ao mesmo tempo, ou seja, esses estudos comparam indivíduos diferentes em um mesmo momento. Esse tipo de estudo é composto por grupos que representam uma faixa etária na qual se busca analisar um momento específico, no espaço e no tempo atual da trajetória de vida dos participantes, permitindo comparar comportamentos diferentes de sujeitos em diferentes idades, possibilitando a aquisição de informações em um grupo maior. A partir desse tipo de delineamento, pode-se testar em um período curto as habilidades investigadas (Cole & Cole, 2004; Mota, 2010).

4.1. Participantes

Participaram deste estudo 9 mães de filhos gêmeos, nos 2 primeiros anos de vida e em três períodos do desenvolvimento, quais sejam: mães de bebês com 7, 9 e 10 meses constituem o primeiro grupo; mães de bebês de 16 meses constituem o segundo grupo; e mães de bebês de 21, 22 e 23 meses no terceiro grupo.

Ressalta-se que os 2 primeiros anos de vida são cruciais para o desenvolvimento físico e psicológico das crianças. Essa faixa etária foi escolhida por se constituir em um momento em que a literatura refere a produção infantil das primeiras palavras e usos de gestos (Brazelton, 1994). O número de mães por grupo foi assim delimitado em função da dificuldade de obter participantes que atendessem aos critérios de inclusão da pesquisa e que

concordassem em participar do estudo. Neste estudo, optou-se por mães de gestações gemelares espontâneas.

Como critérios de inclusão, buscou-se convidar mães com gestação gemelar espontânea (sem fertilização *in vitro*), de classes socioeconômicas e níveis instrucionais diferenciados, residentes em seus próprios domicílios, na cidade de João Pessoa e região metropolitana, do estado da Paraíba. As mães deveriam ter mais de 20 anos, nível de instrução a partir do ensino fundamental completo e ocupações diversas. Além disso, os bebês deveriam não apresentar problemas no desenvolvimento, conforme referido pelas mães.

A idade das mães variou entre 21 e 33 anos de vida, com média de 27 anos ($DP = 4.24$). Cinco mães possuíam o ensino médio completo; duas, o ensino fundamental completo; uma, o ensino superior incompleto; e uma mãe possuía o ensino superior completo. No que se refere à ocupação, 33,33% das mães trabalhavam fora do ambiente familiar, estando apenas três delas empregadas, as quais as ocupações variaram em: operadoras de máquinas e enfermeira. Quanto ao número de filhos, cinco mães eram primíparas, três secundíparas e uma delas era múltipara.

No que diz respeito à idade dos bebês, o primeiro grupo constou de bebês com 7, 8 e 10 meses; o segundo grupo foi composto de bebês com 16 meses; e o terceiro grupo continha bebês de 21, 22 e 23 meses. No que concerne à zigosidade dos bebês, cinco eram dizigóticos e quatro monozigóticos. Por fim, quanto ao sexo dos gêmeos, cinco pares eram do sexo feminino, dois eram do sexo masculino e dois eram casais de gêmeos.

4.2. Instrumentos

Para conhecer as percepções maternas acerca das habilidades sociocomunicativas dos bebês gêmeos e para alcançar os objetivos aqui propostos, as mães responderam inicialmente a um questionário sociodemográfico (ANEXO A), que teve como objetivo apreender as

características das mães, como idade, nível instrucional, profissão, número de filhos e características dos bebês (como período do desenvolvimento, sexo e zigosidade). Posteriormente, foi realizada uma entrevista semiestruturada, para conhecer as concepções maternas acerca do desenvolvimento infantil, cognições, expectativas e as concepções maternas acerca das habilidades sociocomunicativas e linguísticas dos seus bebês (ANEXO B).

4.3. Procedimentos para coleta de dados

A presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), obtendo aprovação através do protocolo de número 0628/13. CAAE: 24138913.2.0000.5188. Desse modo, foram respeitados todos os aspectos éticos para pesquisa com seres humanos apresentados na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

No processo da coleta de dados, inicialmente foram realizadas visitas a quatro Unidades Básicas de Saúde da Família (UBSF) da cidade de João Pessoa e uma no município de Cabedelo, com o intuito de ter indicações de mães que pudessem participar da pesquisa; no entanto, foram encontradas poucas mães que satisfizessem os critérios de inclusão exigidos. Diante disso, entrou-se em contato com a Prefeitura Municipal de João Pessoa com o objetivo de se obter uma autorização para ter acesso aos Centros de Referência em Educação Infantil (Creis) que possuíam berçários, os quais totalizam 22 unidades na cidade de João Pessoa. As escolas foram contatadas via telefone, inicialmente, para confirmar a presença de gêmeos dentro da faixa etária estabelecida, e foram feitas cerca de duas visitas por Crei. Entretanto, apesar de haver crianças gêmeas matriculadas dentro da faixa etária exigida, não foram encontradas mães que atendessem a todos os critérios de inclusão. Assim, algumas participantes da pesquisa foram indicadas por pessoas que conheciam mães e bebês que se adequavam aos critérios de inclusão.

Após entrar em contato com as mães, foram explicados os objetivos do trabalho e, uma vez tendo aceitado participar do estudo, foi solicitada à mãe a permissão para uso de gravador de áudio e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A participação das mães no estudo esteve condicionada à assinatura do referido termo. As mães foram informadas a respeito do caráter confidencial e voluntário da pesquisa, bem como foi solicitado por escrito sua autorização para futuras publicações dos resultados obtidos neste estudo (ANEXO C).

Foi ressaltado para as mães que não havia respostas certas ou erradas e que o mais importante era obter a opinião da mãe sobre os aspectos levantados na entrevista pensando em sua criança naquele momento de seu desenvolvimento, bem como foi deixado claro que elas poderiam desistir de participar a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. As entrevistas foram realizadas em local reservado nos Creis, nas casas ou no ambiente de trabalho das participantes, para evitar possíveis interferências, e foram transcritas posteriormente.

A partir da realização das quatro primeiras entrevistas, não foi verificada incompreensão nem dúvidas quanto ao entendimento das questões, e, portanto, não foi necessário fazer nenhuma alteração ao instrumento, sendo dada continuidade às entrevistas.

4.4. Procedimentos para análise dos dados

Para análise, foi realizado um levantamento dos dados sociodemográficos. No tocante à entrevista, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo segundo Bardin (1977/2004), com foco nos aspectos referentes às percepções maternas sobre o desenvolvimento geral dos seus filhos e sobre as habilidades sociocomunicativas e linguísticas deles. Ainda em relação à análise da fala materna, foram levantadas as frequências de respostas dadas pelas mães em cada grupo de idade estudado.

Optou-se pela técnica de análise de conteúdo, que é um conjunto de técnicas que objetiva a compreensão crítica do sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas. Para isso, essa técnica procura reduzir o volume amplo de informações contidas em uma comunicação a categorias conceituais ou classes contextuais, que permitam passar dos elementos descritivos à interpretação do sentido do conteúdo (Bardin, 2004; Triviños, 1987).

Nessa direção, inicialmente, foi realizada a leitura flutuante e o levantamento das respostas das mães, suas semelhanças e possíveis contradições, sendo feita uma análise qualitativa de conteúdo (Bardin, 2004). É importante mencionar que as classes temáticas levantadas no presente estudo partiram dos objetivos propostos, do roteiro de entrevista elaborado e das falas maternas.

Cada classe temática foi dividida em categorias e subcategorias, que refletem os principais conteúdos das falas das mães sobre a temática que está sendo estudada. Os discursos das mães foram analisados com base em resultados de estudos relacionados ao tema e em autores que se pautam, em linhas gerais, no modelo histórico-cultural.

É de fundamental importância frisar que essas categorias não são excludentes, ou seja, a mesma mãe pode ter mencionado mais de um aspecto relativo ao desenvolvimento de seus filhos. A separação desses elementos foi feita com o objetivo didático, para facilitar a apresentação dos resultados e a compreensão do leitor. Considerando que eles são elementos indissociáveis no desenvolvimento infantil, os conteúdos apresentados em cada seção estão estritamente relacionados com os que são apresentados nas demais questões da entrevista. Diante do exposto, apresentam-se abaixo as classes temáticas, categorias e suas respectivas definições, as quais constituem uma síntese da análise das falas das mães.

A) Descoberta sobre a gemelaridade

Da análise da pergunta “Como foi para a senhora saber que seria mãe de gêmeos?”, emergiu a classe temática *Descoberta sobre a gemelaridade*. Nessa classe temática, as mães referiram seus sentimentos, emoções e comportamentos no momento em que descobriram que seriam mães de gêmeos. Nela, foram apreendidas as seguintes categorias: ***Aspectos psicológicos sobre a gravidez gemelar***, ***Expectativas diante do futuro*** e ***Tempo de adaptação***. A categoria *Aspectos psicológicos sobre a gravidez gemelar* se refere às emoções e aos sentimentos maternos advindos da descoberta de que seriam mães de gêmeos. Na categoria *Expectativas do futuro*, as mães expressam suas expectativas em relação ao que vai acontecer com a vida delas a partir dessa descoberta. Por último, a categoria *Tempo de adaptação* refere-se ao tempo que as mães levaram para se adaptar à ideia de que seriam mães de gêmeos.

B) Descrição da gravidez gemelar

Essa classe temática refere-se à descrição de aspectos fisiológicos, sentimentos, expectativas ou elementos que, na percepção da mãe, foram vivenciados durante o período gestacional. O conteúdo dessa classe temática emergiu da questão “Como a senhora descreveria a sua gravidez?”, que se ramificou nas seguintes categorias: ***Descrição dos aspectos psicológicos da gestação*** e ***Descrição dos aspectos fisiológicos da gestação***. A categoria *Descrição dos aspectos psicológicos da gestação* refere-se aos conteúdos relacionados às ideias, aos sentimentos e às emoções maternas acerca da gravidez gemelar. A categoria *Descrição dos aspectos fisiológicos da gestação* refere-se às respostas maternas quanto a sua saúde física e à dos bebês durante a gestação. Em cada categoria, surgiram diferentes subcategorias, variando de acordo com o grupo de mães.

C) Expectativa materna sobre o desenvolvimento dos filhos

Essa classe temática emergiu da pergunta “O que a senhora espera do desenvolvimento dos seus filhos para os próximos meses e anos?”. Nessa classe, foram

apreendidas as seguintes categorias: *Expectativas frente ao desenvolvimento global dos filhos*, *Expectativas positivas acerca do desenvolvimento linguístico dos filhos*, *Expectativas quanto ao comportamento dos filhos*, *Expectativas quanto ao desenvolvimento social* e *Expectativas positivas sobre a sua capacidade de educar os filhos*.

D) Fatores que auxiliam no desenvolvimento dos filhos

Essa classe emergiu da pergunta “O que pode ajudar no desenvolvimento dos seus filhos?”. Foram destacados alguns aspectos mais pertinentes ao estudo, os quais foram citados pelas mães como forma de ajudar no desenvolvimento. Destacam-se: a afetividade dos pais; sua busca por informações que poderiam ajudar a estimular o desenvolvimento dos filhos; o envolvimento dos pais e dos familiares para ajudar na demanda engendrada pelos gêmeos; a sociabilidade dos bebês no seu meio; e a dedicação dos pais na criação dos filhos.

E) Dimensões do desenvolvimento e características de temperamento infantil referidas pelas mães

Através da pergunta “Como a senhora acha que está o desenvolvimento de seus filhos?”, emergiram respostas que foram organizadas nessa classe temática. As categorias encontradas refletem as dimensões do desenvolvimento e características do temperamento infantil localizadas nas falas maternas. Para melhor compreensão, segue-se a definição de cada categoria encontrada:

Características do temperamento: tal categoria diz respeito às características de temperamento do bebê que foram narradas pelas mães. Tal como no estudo de Nunes (2014), compreende-se que o temperamento consiste em diferenças individuais nas tendências de comportamento que se apresentam precocemente e são relativamente estáveis através das situações e no decorrer do tempo. Alvarenga e Piccinini (2007) definem o temperamento como um padrão estável e inato de humor e de reação, que se refere a diferenças

constitucionais na reatividade emocional, motora e de atenção. Apesar do seu caráter inato, os pesquisadores afirmam que ele pode ser modificado pela maturação e pelo ambiente.

Dimensão comportamental: nessa categoria, foram destacadas falas maternas referentes à descrição dos comportamentos das crianças, no seu dia a dia, tais como: bagunçar, derrubar, beliscar, morder, entre outros.

Dimensão cognitiva: refere-se às falas maternas acerca das capacidades cognitivas dos seus filhos, ou seja, a percepção materna de que eles estão aptos a aprender com inteligência (Brazelton, 1994). As falas das mães sobre esse aspecto foram classificadas em termos de reconhecimento de pessoas e voz, acompanhamento de pessoas com o olhar, atenção voluntária, inteligência e comportamento exploratório (Nunes & Braz Aquino, 2014).

Dimensão sociocomunicativa e linguística: refere-se às falas maternas sobre a dimensão sociocomunicativa dos filhos, expressas pelas mães ao descreverem momentos do desenvolvimento global dos seus filhos. No tocante a essa dimensão, esse termo foi utilizado por delimitar explicitamente as falas maternas referentes às habilidades comunicativas infantis que são evidenciadas em um contexto interativo. Essa dimensão envolve comportamentos como choro, vocalizações, balbucios, palavras e pequenas frases.

Dimensão motora: essa categoria reflete as falas maternas sobre os aspectos motores do desenvolvimento dos bebês, que se relacionam com as implicações do movimento e da atividade corporal na relação do organismo com o meio em que está inserido e se desenvolve (Palacios & Mora, 2004). Foram contemplados comportamentos como se virar, mover aleatoriamente os membros, pegar objetos, engatinhar e ficar em pé.

F) Diferenças entre filhos

Especificamente nessa questão, foram analisadas as respostas das mães sobre o desenvolvimento atual dos seus filhos, através da pergunta “A senhora observa alguma diferença, entre seus filhos gêmeos, no que diz respeito ao desenvolvimento ou aos

comportamentos deles?”, apesar de que comparações e diferenças entre os filhos emergiram em outras perguntas, tanto anteriores quanto posteriores a essa. As categorias encontradas foram: *Diferenças no temperamento, Diferenças motoras, Diferenças no comportamento dos gêmeos, Diferenças cognitivas, Diferenças linguísticas, Diferenças físicas, Diferenças nas personalidades e Variações no ritmo de desenvolvimento infantil.*

G) Convivência entre mães e filhos e convivência entre os irmãos gêmeos

Através da pergunta “Como a senhora descreve a convivência entre você e seus filhos? E entre seus filhos gêmeos?”, emergiu essa classe temática e dela surgiram duas categorias: *Convivência entre mães e filhos* e *Convivência entre os irmãos gêmeos*. Como houve uma vasta variabilidade nas respostas, optou-se por realizar uma análise individual de cada fala materna.

H) Situações comunicativas

Da análise das respostas à questão “Existem situações nas quais seus filhos são mais comunicativos?”, emergiu a classe temática **Situações comunicativas**. As categorias que emergiram das falas foram: *Contextos interativos* e *Atribuição de significado materno*. Quanto à categoria *Contextos interativos*, foram encontradas algumas subcategorias: *Contexto interativo com os pais, Contextos interativos com o(a) irmão(ã) gêmeo(a)* e *Contextos interativos com outras pessoas*.

I) Percepção das mães sobre a comunicação e fala dos filhos

Da análise dos dados da questão “Como você descreve a comunicação e a fala dos seus filhos?” foi extraída a classe temática **Percepção das mães sobre a comunicação e a fala dos filhos**, a análise dos dados foi feita através dos grupos.

J) Percepção das mães sobre as diferenças nas falas dos filhos.

Após a análise da pergunta “A senhora percebe alguma diferença entre eles em relação à fala?”, foi elaborada a classe temática: **Percepção das mães sobre as diferenças nas falas dos filhos**. A análise dos resultados foi realizada entre grupos.

K) Descrição materna dos primeiros sons e palavras dos filhos

A partir da pergunta “A senhora sabe quais foram os primeiros sons ou palavras que seus filhos disseram?”, a análise dos resultados dessa classe temática se deu entre os grupos propostos.

L) Acréscimo sobre a experiência de ser mãe de gêmeos

A última classe temática diz respeito a pergunta: “Tem alguma questão que a senhora gostaria de comentar sobre os seus filhos e que não foi perguntado?” A análise dos dados foi realizada de forma individual.

CAPÍTULO V

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para uma melhor compreensão acerca dos resultados obtidos das análises realizadas, inicialmente, serão apresentados os dados sociodemográficos das participantes do estudo e dos seus respectivos filhos. Almejou-se, aqui, demonstrar as características sociodemográficas maternas e dos gêmeos que pudessem influenciar as percepções das mães.

Em seguida, são apresentadas as análises dos resultados que foram apreendidos nas entrevistas sobre as *percepções maternas quanto ao desenvolvimento global infantil* nos três grupos estudados. Quanto a esse conjunto de resultados, percebeu-se, durante o processo de análise referente à descrição e à percepção das mães sobre o desenvolvimento dos seus filhos, que o aspecto sociocomunicativo e linguístico esteve presente nos relatos maternos tanto para caracterizar quanto para servir como um delimitador do desenvolvimento dos gêmeos, mesmo tal aspecto compondo uma das questões do roteiro de entrevista.

Entende-se que a recorrência, nos relatos maternos, à habilidade sociocomunicativa e linguística dos bebês reforça a ideia de que a linguagem é uma ferramenta mediadora por excelência, um elemento imprescindível das interações sociais, que auxilia na constituição da cognição social infantil, tal como já pontuado por pesquisadores socioculturais (Tomasello, 2003; Veer & Valsiner, 2009; Vygostky, 2007). Considera-se que esses relatos reafirmam o valor das interações sociais, mediadas sócio-historicamente por sujeitos mais experientes de uma cultura, e ilustram o papel crucial da linguagem na formação das funções psicológicas superiores, tipicamente humanas, atuando na organização, unificação e integração de variados aspectos do comportamento infantil (Veer & Valsiner, 2009; Vygostky, 2007).

Ressalta-se, ainda nesse ponto, que em relação à dicotomia existente entre a linguagem e a cognição, Tomasello (2003) destaca que o domínio pelas crianças, do artefato

cultural linguístico, opera efeitos transformadores sobre a sua cognição. Para este autor, a linguagem não cria novos processos cognitivos do nada, mas sim quando essas crianças interagem com outras pessoas de forma intersubjetiva, adotando suas convenções comunicativas; dessa forma tal processo social cria uma nova forma de representação cognitiva. Vygotsky (2007) por sua vez, ressalta que a fala torna-se “parte essencial do desenvolvimento cognitivo da criança” (p. 37), fundamentando a ideia de que é inevitável a interdependência entre o pensamento humano (como um dos processos cognitivos) e a linguagem.

Dessa forma, do conjunto de resultados apresentados nesta sessão, será dada ênfase à percepção das mães sobre as habilidades sociocomunicativas dos seus bebês gêmeos, considerando o impacto dessas concepções no desenvolvimento sociocognitivo e linguístico infantil, as especificidades da linguagem desse grupo, bem como suas interferências nas interações estabelecidas, na perspectiva das mães estudadas.

5.1. Resultados da análise do perfil sociodemográfico das mães participantes do estudo

Dos resultados da análise do questionário sociodemográfico, foram exploradas as características maternas relativas ao *nível instrucional materno*, à *idade materna* e ao *número de filhos*, uma vez que a literatura nessa área discute a importância desses aspectos nas percepções dos adultos sobre o desenvolvimento infantil, em especial, nas interações mãe-bebê (Braz Aquino & Salomão, 2011a; Kobarg & Vieira, 2008; Nunes & Braz Aquino, 2014; Ribas et al., 2007; Seidl-de-Moura et al., 2004a). Também foram consideradas, para a análise dos dados, as características individuais dos bebês, como sexo, período do desenvolvimento e a condição gemelar das crianças.

No que se refere ao *nível instrucional*, a maioria das mães (55,56%) possui ensino médio completo, seguidas de 22,22% de mães com o ensino fundamental completo, enquanto

11,11% delas tem o ensino superior completo e a mesma porcentagem tem o ensino superior incompleto. Percebeu-se, no decorrer do estudo, que, quanto maior o nível instrucional da mãe, mais elaboradas, com uso de termos específicos e maiores detalhes na descrição do desenvolvimento dos filhos, tal como foi verificado no estudo de Nunes e Braz Aquino (2014).

Corroborando os dados encontrados, autores como Kobarg e Vieira (2008); Lordelo, Fonseca e Araújo (2000); Ribas, Seidl-de-Moura e Bornstein (2003); Seidl-de-Moura et al. (2004a), entre outros, afirmam que um dos fatores que poderiam ajudar a explicar as diferenças nas crenças sobre cuidados parentais e sobre o desenvolvimento infantil é o nível de escolaridade. Tais pesquisas indicam que a escolaridade estava correlacionada com as cognições parentais e, conseqüentemente, com o desenvolvimento infantil no geral.

Kobarg e Vieira (2008) sugerem ainda que mães com maior nível de escolaridade, além de se mostrarem atentas aos cuidados básicos dos filhos, consideram importante inserir na rotina da criança outras formas de interação, como a brincadeira. Em uma pesquisa com 45 mães de crianças entre 12 e 36 meses de idade, Lordelo e colaboradores (2000) encontraram diferenças significativas entre as respostas maternas quando foi considerada a escolaridade delas. Tais autores chegaram à conclusão de que mães com o nível instrucional mais elevado apresentaram maior satisfação com a maternidade e maior média no que se refere à autonomia da criança. Porém, esse tipo de resultado deve ser observado com cautela, levando em consideração as peculiaridades vivenciadas por mães de gêmeos.

Com relação à *idade materna*, verificou-se que não houve diferenças consideráveis entre as respostas das mães mais novas e das mais velhas. Para ilustrar este aspecto, pode-se mencionar a fala de uma mãe do primeiro grupo (bebês com 10 meses), com 21 anos, que possuía o ensino médio completo e respondeu grande parte das perguntas de maneira vaga e imprecisa, como no exemplo a seguir: “Eu mesma não vou mentir, pensar não pensei em

nada não”. Quando questionada sobre o que pode ajudar no desenvolvimento das suas filhas, respondeu: “Sinceramente, não tenho, não vou mentir. Porque assim, sabe, é muita coisa, muita coisa pra você pensar, no que eu posso fazer por elas, mas assim, só no decorrer do tempo”. Ou ainda:

Porque assim, olhe, é aquela história, né, são crianças, mas assim, é benção, pra mim é ótimo, sabe, não tenho o que falar não. Elas brincam, elas conversam, olhe, quer ver, é botar, vai uma pra cima da outra, aí ficam rindo, é aquela coisa bem entre elas.

É oportuno mencionar os possíveis impactos que as posturas destacadas acima podem ter sobre a interação mãe-bebê e, conseqüentemente, sobre o desenvolvimento das crianças. A literatura afirma que as percepções, as crenças, os valores e as expectativas parentais influenciam diretamente o modo como os pais veem e agem com seus filhos e o próprio desenvolvimento infantil. Esses conhecimentos parentais estão relacionados também com as suas práticas educativas, que vão guiar decisões cotidianas e produzir diferentes conseqüências na vida dos seus filhos (Feldman & Reznick, 1996; Kobarg & Vieira, 2008; Ribas et al., 2007; Seidl-de-Moura et al., 2009; Silva, 2008).

No que se refere ao *número de filhos*, dentre as nove mães participantes do estudo, cinco eram primíparas, três secundíparas e uma era múltipara. Observou-se que a maioria das mães secundíparas e a mãe múltipara relataram que as experiências que adquiriram com o primeiro filho, tanto no que diz respeito ao período gestacional quanto ao tempo investido no cotidiano das crianças, contribuíram para a percepção e as práticas atuais delas com os seus filhos gêmeos. Estes resultados ganham apoio em dados apresentados por autores da área (Feldman & Reznick, 1996; Harkness & Super, 2006), os quais afirmam que ter outro filho coopera para a formação de concepções maternas. Esses relatos podem ser observados, por exemplo, na fala de uma mãe que comparou a gravidez dos seus primeiros filhos com a gravidez dos gêmeos:

Foi uma gravidez tranquila entre aspas, porque é diferente da gravidez de uma criança. Eu comia menos, o espaço pra elas duas era pouco, eu não fiz uma barriga muito grande, então, assim, eu não consegui me alimentar muito (...). Foi mais complicado do que as outras gestações. (27 anos, mãe de gêmeos de 21 meses)

E ainda: “Desesperador, comecei logo a chorar; foi, mulher, porque já tenho um, né, aí se um já dá trabalho, né, quando eu soube que eram dois, eu fiquei desesperada” (23 anos, mãe de gêmeos de 16 meses)

No entanto, é importante ressaltar que, por mais que haja comparações entre as mães quanto ao desenvolvimento dos seus filhos e que elas repitam, em algumas situações, as práticas de criação utilizadas com o primeiro filho, as interações e o desenvolvimento dos filhos não serão idênticos, uma vez que cada bebê tem sua própria linha de desenvolvimento regulada no contexto ambiental único no qual cada criança vive e na participação ativa do bebê nos processos interativos (Vygotsky, 2007). Dentro desse pressuposto, é crucial retomar o conceito de *situação social do desenvolvimento*, o qual afirma que cada criança, em cada período específico do seu desenvolvimento, tem uma relação excepcional e irrepetível com o meio social no qual vive. Desta maneira, cada bebê terá sua trajetória de desenvolvimento singular em função da situação social do desenvolvimento ser exclusiva para cada sujeito (Vygotsky, 1932/1996).

Uma das mães afirmou que, diferentemente da primeira gestação, na gestação gemelar ela procurou se informar mais, e diz que isso se deu pela maturidade que foi adquirida, tal como ilustrado a seguir:

(...) eu sempre tô lendo na internet o que fazer, o que não deve. Porque, quando eu tive o meu mais velho, assim, por eu ser mais nova, eu não tive maturidade, mas com eles não, com eles eu sempre tô lendo, procurando saber alguma coisa, o desenvolvimento deles. (32 anos, mãe de gêmeos de 7 meses)

Ressalta-se, aqui, a importância das informações adquiridas pelas mães durante a gravidez e no período pós-natal, visto que tais informações podem ajudar a mãe a compreender os filhos, a perceber as habilidades por eles adquiridas em cada período do desenvolvimento, a acompanhar o crescimento exponencial dos seus filhos, dentre outros aspectos da interação com seus filhos. Para pesquisas futuras, sugere-se analisar quais são as fontes de pesquisas que as mães estão buscando para auxiliá-las na compreensão e interação com seus filhos, quer seja por vias online, quer seja com pessoas mais experientes, como as avós.

No que se refere às características das crianças, mais especificamente quanto ao sexo, cinco pares eram do sexo feminino, dois eram do sexo masculino e dois eram casais de gêmeos. A partir dos relatos maternos, não foram verificadas diferenças na percepção materna no que diz respeito ao sexo dos bebês, tais como comportamentos com os bebês que demarcassem alguma delimitação de gênero. Quanto à *zigosidade*, quatro gêmeos eram monozigóticos e cinco, dizigóticos. A literatura afirma que, por mais parecidos que os gêmeos possam ser, considerando que ambos apresentam os mesmos genes e a mesma forma de criação, eles deveriam reagir da mesma maneira aos fatores ambientais, mas isso não ocorre (Barbetta et al., 2008a). Ilustra essa ideia a fala de uma mãe de gêmeas monozigóticas que percebe diferenças encontradas nas suas filhas, tal como expresso abaixo:

Elas são gêmeas idênticas, mas elas são super diferentes assim de personalidade, eu percebo logo. Essa aqui, M., é a que nasceu primeiro, em tudo ela é sempre a primeira, ela fala primeiro, ela falou um pouquinho mais, ela andou primeiro, (...) elas não são assim bem iguaizinhas não, apesar de serem estimuladas da mesma forma, né, tudo eu faço sempre com as duas juntas, né, faço de tudo pra dividir (...). (31 anos, mãe de gêmeas de 16 meses)

Os resultados quanto ao *período do desenvolvimento* indicam variações nas percepções maternas em função da idade dos bebês nos três grupos. Contudo, é pertinente ressaltar que, de acordo com a literatura na área (Braz Aquino & Salomão, 2011b; Seidl-de-Moura et al., 2004b), as diferenças entre os relatos maternos possivelmente não estão relacionadas unicamente à idade dos bebês, mas às novas habilidades adquiridas por eles no decorrer do seu desenvolvimento, as quais afetam as mães de maneiras diferenciadas, influenciando a sua percepção acerca do desenvolvimento infantil de seus filhos, percepção esta que depende também das suas expectativas a esse respeito. Na seção seguinte, será exposto detalhadamente o levantamento dos resultados e discussões acerca das percepções maternas acerca do desenvolvimento global infantil e, posteriormente, das percepções maternas acerca da habilidade de comunicação intencional infantil.

5.2. Resultados referentes à percepção materna acerca de aspectos relativos ao desenvolvimento global de seus filhos gêmeos

Na busca por apreender como a mãe percebia o desenvolvimento de seus filhos, considerou-se pertinente, num primeiro momento, identificar como foi para as mães a descoberta da gravidez gemelar. Primordialmente, foi perguntado às mães como foi para elas a descoberta da gravidez gemelar e, dessa pergunta, emergiu a classe temática **Descoberta sobre a gemelaridade**. As respostas maternas a essa questão se concentram na descrição das emoções e expectativas diante do futuro e do tempo de adaptação. Optou-se por denominar as emoções positivas e negativas mencionadas pelas respondentes frente a descoberta da gravidez gemelar de *Aspectos psicológicos sobre a gravidez gemelar*.

No **Grupo 1** (mães de bebês entre 7 e 10 meses), essa categoria pode ser ilustrada por meio das falas seguintes: “Fiquei fora de mim, agoniada, estressada, perturbada”. Duas mães desse grupo relataram emoções positivas: “Uma felicidade; foi bom, a gente ficou feliz”. A

categoria *Expectativas diante do futuro* foi expressa por três mães do grupo, que demonstraram sentimentos de incerteza e insegurança: “Eu pensava: o que eu vou fazer da minha vida? Meu Deus, o que eu vou fazer da minha vida agora? ”; “Fiquei sem saber o que fazer”; “Como é que eu vou criar dois? O mundo está tão perigoso ”.

No **Grupo 2** (mães de bebês de 16 meses), a análise permitiu levantar duas categorias: *Aspectos psicológicos sobre a gravidez gemelar* e *Tempo de adaptação*. Na primeira categoria, foram identificadas emoções negativas, que podem ser expressas pelas falas “Assustador, desesperador, comecei a chorar”; “Morria de medo”. Já a segunda categoria está refletida nas seguintes falas: “A ficha demorou a cair”; “Após 12 semanas, comecei a curtir um pouquinho”; “Demorei a me acostumar”.

No **Grupo 3** (mães de bebês entre 21 e 23 meses), emergiu a categoria *Aspectos psicológicos sobre a gravidez gemelar* e foram denotados, nas falas das respondentes, tanto aspectos positivos (“Foi maravilhoso, achei maravilhoso em tudo”; “Foi muito bom”; “Surpresa muito boa”), quanto aspectos negativos (“Me assustei”). Uma mãe relatou um sentimento de surpresa ao dizer que “Não esperava ”.

Percebe-se que, assim como no estudo de Fonsêca et al. (2013), quando indagadas acerca de suas reações ao saberem da gestação gemelar, a maioria das entrevistadas ficou impactada com a notícia. Num momento inicial, falaram em surpresa, choque, negação, choro, ao mesmo tempo em que ficaram eufóricas e alegres. Também para as participantes do presente estudo, foi mencionada grande surpresa, já que a gravidez gemelar não fazia parte dos planos da família, pois, em geral, diante de uma gestação comumente espera-se a chegada de apenas uma criança (Arruda & Marcon, 2007).

Autores como Barbeta et al. (2008a), Falcão (2013), Lucion e Escosteguy, (2011) e Spinner (1983), destacam que o nascimento de um bebê repercute na estrutura e na dinâmica da família que o recebe, exigindo novos papéis ou uma reavaliação dos exercícios de cada

membro dessa família. Cuidar de um recém-nascido é desafiante e, tratando-se de dois bebês gêmeos (ou mais), a tarefa é ainda maior.

Quando perguntadas sobre “**Como a senhora descreveria a sua gravidez?**”, as mães do **Grupo 1** referiram emoções e sentimentos que foram agrupados na categoria ***Descrição dos aspectos psicológicos da gestação***, demonstrados por falas que expressavam tanto emoções positivas (“Foi super tranquila”; “Não teve estresse nenhum”) quanto emoções negativas (“A minha gravidez foi um pouco tumultuada”; “O pai sempre me estressava”; “Eu tive alguns contratemplos”). Também puderam ser identificadas falas organizadas na categoria ***Descrição dos aspectos fisiológicos da gestação*** que podem ser ilustradas pela fala de uma mãe desse grupo: “Eu não tive problema nenhum na minha gravidez, engordei só quatro quilos e oitocentos gramas, que foi só o peso deles dois”.

No **Grupo 2**, igualmente ao primeiro grupo, emergiram: ***Descrição de aspectos psicológicos da gestação*** e ***Descrição de aspectos fisiológicos da gestação***. No que tange à *Descrição de aspectos psicológicos da gestação*, destacam-se emoções positivas (“Eu considero que a minha gravidez foi super tranquila, foi saudável e foi muito feliz também”) e negativas (“Difícil, meio complicada”; “No início, quando eu tive a notícia de que eram dois, eu me desesperei”). Foram também observados os seguintes relatos, na *Descrição de Aspectos fisiológicos da gestação* referentes ao período gestacional: “Foi cansativo porque trabalhava”; “Tive muito enjoo no começo”; “No início, quando eu não tinha nem barriga ainda bem dizer, eu ficava um pouco ‘empachada’ e sentia um pouco de azia”. Em relação ao parto, relatou-se: “Elas nasceram de parto prematuro, mas a bolsa estourou e elas nasceram perfeitas sem nenhum problema, saudáveis, não precisaram nem ir pra UTI nem nada”. De forma isolada, foi identificado um relato sobre a *Expectativa materna sobre o futuro*: “Como será ter dois na barriga?”.

No **Grupo 3**, foram identificadas falas que remetem às duas categorias *Descrição de aspectos psicológicos da gestação* e *Descrição de aspectos fisiológicos da gestação*. Quanto à primeira categoria, emergiram falas que denotam emoções positivas (“Maravilhosa, em todos os sentidos”; “Teve algumas dificuldades, mas, assim, tudo foi superado”; “Foi a maior felicidade da minha vida”). Já quanto à *Descrição de aspectos fisiológicos da gestação*, podem ser citadas: “Eu comia menos, o espaço pra elas duas era pouco, eu não fiz uma barriga muito grande, então, assim, eu não consegui me alimentar muito”; “As pernas incharam muito”; “Dor, enjoo, a barriga ficou grande demais”. Diferentemente dos outros grupos, neste emergiu, de forma isolada, a fala de uma mãe múltipara, que comparou sua gravidez gemelar com as suas gestações anteriores: “Mais complicada que as outras gestações”.

Quanto aos aspectos psicológicos da gestação, as falas das mães remetem, nos três grupos, a sentimentos ambivalentes, conforme referido na literatura (Beck, 2002, Dias & Fonsêca, 2013; Taubman-Bem-Ari et al., 2008; Thorpe et al., 1991). Dias e Fonsêca (2013), por exemplo, afirmam que a descoberta da gravidez gemelar habitualmente surpreende os pais, que experimentam esses sentimentos de ambivalência, como incredulidade, perplexidade, medo, ansiedade, alegria, orgulho e satisfação. Para Taubman-Bem-Ari et al. (2008), o nascimento de gêmeos é percebido simultaneamente como uma dupla bênção e um evento estressante. Percebe-se que os resultados encontrados no presente estudo corroboram essa perspectiva, visto que as falas maternas destacam o impacto da notícia para a família e uma combinação de sentimentos ambivalentes. Essa dualidade de sentimentos pode levar a família a questionar o seu futuro, bem como sua estrutura, o que pode influenciar o meio no qual os bebês serão recebidos.

Sobre esse aspecto, Arruda e Marcon (2007) afirmam que há uma forte influência do grupo familiar sobre o desenvolvimento global da criança. Desde o nascimento, a criança está

em constante interação com os adultos, que compartilham com ela seus modos de viver, de agir e de pensar, integrando-a aos significados que foram produzidos e acumulados historicamente (Barbetta & Panhoca, 2003). Além disso, o nascimento de dois bebês semelhantes pode abalar e desafiar os conhecimentos das interações que a família conhece, alterando, assim, a dinâmica familiar (Barbetta et al., 2008a).

Thorpe et al. (1991) contribuem também com esse aspecto ressaltando que essa nova situação familiar modifica a noção do que é afetivo, interacional e relacional para a família, pois essa nova situação representa circunstâncias diferentes e mais estressantes do que aquelas experimentadas por mães de não gemelares. A combinação de sentimentos experimentada pela maioria das mães sobre a confirmação de sua gravidez múltipla inclui ainda conflitos relacionados à situação financeira extra, aos cuidados com a saúde, dentre outras preocupações. A ambivalência de sentimentos nas mães de gêmeos pode levar a uma gravidez física e emocionalmente mais estressante do que com um único filho. Contudo, os autores acima citados destacam que essas mães demonstram um sentimento de orgulho em serem “excepcionais”. Tais autores ainda ressaltam que o desconforto corporal é agravado nas mães de gêmeos, com maiores sensações de peso, podendo ocasionar o aumento dos problemas obstétricos, tais como trabalho de parto prematuro, retardo do crescimento fetal e pré-eclâmpsia, como mostra o seguinte relato: “Mais complicada que as outras gestações”.

Foi verificada nos três grupos a menção das mães quantos às emoções positivas e negativas, observando-se que, no **Grupo 3**, todas as mães fizeram menção apenas a emoções positivas. Com isso, é possível supor que, no terceiro grupo, composto por mães de bebês de 21, 22 e 23 meses, essas emoções podem estar sendo referidas pelo fato de as mães já possuírem maior experiência, inclusive com gestações anteriores, ou até mesmo por elas já terem se adaptado à dinâmica da situação gemelar, demonstrando que estão conseguindo organizar a sua rotina.

Ainda quanto a essa classe temática, considerou-se pertinente referir falas das mães que denotavam a ausência de certos estados orgânicos, tais como: “Não tive problema de pressão, não fiquei inchada, nada, nada, nada. Super tranquila mesmo, não tive incômodo, perda de sangue, nada, foi uma gravidez gestacional normal” (Mãe do Grupo 1). Também se pode perceber a fala da seguinte mãe do **Grupo 2**:

(...) não tive nenhum intercorrência e, assim, não senti nenhum sintoma realmente de gravidez, nenhum enjoo. Mas, assim, eu não sentia cólica, eu nunca tive sangramento na gravidez, nem tive ameaça de aborto, nada. E, mesmo sendo dois, a minha barriga não era tão grande, e, assim, era uma coisa suportável. (31 anos, mãe de bebês de 16 meses)

Esses dados podem dar indícios das expectativas que as mães tinham sobre a gestação gemelar, no sentido de esperarem uma gravidez mais complicada que a gestação de um filho único. Supõe-se que esse tipo de percepção pode ter sido construído pelo senso comum ou até mesmo transmitido por sua rede de apoio, tais como familiares e amigos.

Além dessa questão, buscou-se apreender as expectativas das mães acerca do desenvolvimento dos filhos por meio da questão “O que a senhora espera do desenvolvimento dos seus filhos para os próximos meses e anos?” As respostas das mães permitiram a composição da classe temática **Expectativa materna sobre o desenvolvimento dos filhos**.

A análise dessa questão permitiu agrupar as falas maternas em categorias que variaram quanto a sua configuração e frequência nos três grupos. As mães dos bebês do Grupo 1 revelaram *Expectativas quanto ao desenvolvimento global dos filhos*, demonstrando o cuidado com a saúde em geral (“Espero que elas tenham muita saúde (...); pra mim, é o que me importa”), categoria esta em que todas as mães do grupo se manifestaram. Uma mãe relatou ter *Expectativas positivas acerca do desenvolvimento*

linguístico dos filhos (“Sempre acompanho. Ele mesmo, ele nasceu com a língua freadazinha, aí levei para o cirurgião, (...) porque ela disse que possa ser que ele tenha algum problema na fonética ou não”).

Uma maior variabilidade das respostas foi encontrada nas falas das mães do Grupo 2, as quais destacaram **Expectativas quanto ao desenvolvimento global** (“Eu espero que eles continuem se desenvolvendo direitinho, né, com saúde, que cresçam direitinho, é o que vale. Saúde é o que importa”); **Expectativas positivas acerca do desenvolvimento linguístico dos filhos** (“Eu espero que realmente continue, nessa questão da linguagem, continuem no ritmo que tá, porque, assim, elas falam muito, cantam”); **Expectativas quanto ao comportamento dos filhos** (“Espero que eles fiquem mais quietinhos, porque eles são tão agitados”), **Expectativas quanto ao seu desenvolvimento social** (“Eu acho que isso tudo vai ser complementado quando elas forem pra escola, né? Vão crescendo e vão se relacionando com outras pessoas”).

No **Grupo 3**, houve também uma variabilidade nas respostas, porém, com algumas categorias diferentes do grupo anterior: **Expectativas positivas frente ao desenvolvimento global dos filhos** (“Como eles já têm um bom desenvolvimento, eu espero é que daqui pra frente a evolução seja cada vez melhor”); e **Expectativas positivas acerca do desenvolvimento linguístico dos filhos** (“Eu espero que melhorem, que elas aprendam a falar melhor, né, porque tem coisa que elas falam que a gente ainda não entende, tem que estar decifrando”). Nas falas das mães desse grupo, foram identificadas ainda **Expectativas positivas sobre a capacidade de educar os filhos** (“Espero que se desenvolvam, né, que eu consiga educar os dois, eu e o pai”); e **Expectativas quanto ao comportamento dos filhos** (“Elas vão completar 2 aninhos, e aí agora vai ser o momento de ensinar elas a fazer o pipi no pinquinho delas”). Por fim, foram encontradas **Expectativas quanto ao desenvolvimento**

social (“Ensinar a elas para poder vir o período da escolinha, também (...), a gente também tá ensinando a levar elas pra igreja, participar das atividades da igreja, da salinha).

Além dessas respostas, houve outras que remeteram à *Dimensão cognitiva atual* dos filhos, em que as mães responderam o quanto os filhos estão desenvolvidos nesse aspecto. Tais falas foram encontradas no **Grupo 1** (“O mais importante é que elas cresçam cheias de saúde. Porque espertas são demais, não é porque eu seja mãe, mas é porque são espertas”) e no **Grupo 2** (“Eu vejo que elas são muito inteligentes, elas são muito observadoras, percebem muitas coisas, aprendem muito rápido, tem coisa que eu digo, eu acho que eu não ensinei isso não, elas devem aprender assim, ouvindo, escutam uma vez e decoram”).

A partir das falas das mães, constatou-se que houve uma grande variabilidade nas expectativas quanto ao desenvolvimento das crianças. Sobre essa temática, Vieira (2011) destaca que as crenças e expectativas sobre si e sobre o outro compõem um sistema aberto, dinâmico, dialógico, que é alimentado por diversos fatores, tais como a história, a cultura social e pessoal, o conhecimento sobre um assunto, a trajetória de vida, as relações estabelecidas e os posicionamentos pessoais coconstruídos nas diferentes interações.

Silva (2008) propõe que devemos considerar que o modo de pensar o mundo é organizado por meio do contexto sociocultural no qual estamos inseridos. Por isso, é adequado assumir que as pessoas se relacionam com o mundo a partir das crenças e expectativas que têm dele, transformam-no e são por ele transformadas. Dessa maneira, argumenta-se que as crianças são tratadas pelos pais de acordo com aquilo que estes acreditam ser apropriados para elas. Com isso, as cognições parentais (conjunto de crenças, valores, expectativas) e os processos psicológicos, relacionados ao desenvolvimento humano e à maternidade, são considerados relevantes para o processo de desenvolvimento das crianças, bem como para a sua socialização.

Para discutir essa questão, retoma-se o conceito de etnoteorias parentais (Harkness & Super, 1996) como um dos sistemas organizados de ideias que estão implícitas na atividade do dia a dia, julgamentos, escolhas e decisões dos cuidadores, agindo como modelos para suas práticas parentais, as quais são traduzidas em termos de ações relativas à criação de filhos que parecem exercer influência tanto na saúde quanto no desenvolvimento global das crianças (Macarini, Martins, Sachetti, & Vieira, 2010). O ambiente físico e social, juntamente com os costumes e as práticas de cuidado compartilhadas e estabelecidas cultural e historicamente constituem o “*nicho* de desenvolvimento” proposto por Harkness e Super (1996).

Quando as crenças, expectativas e concepções estão coerentes com as necessidades do bebê, há um favorecimento de um envolvimento emocional com ele, sobretudo após o parto (Figueiredo et al., 2005; Piccinini et al., 2004). É nesse processo de interação com outro, que ocorre principalmente entre a mãe e o bebê, que as trocas afetivas e emocionais cumprem um papel essencial, organizando-se em experiências através das quais o bebê aprende sobre si mesmo e sobre as pessoas ao seu redor (Mendes & Pessôa, 2013).

Figueiredo et al. (2005) afirmam que, ao nascer, o bebê coloca em ação uma extensa gama de comportamentos (tais como, chorar, sorrir, seguir visualmente a mãe), que impulsionam a sua ligação com a mãe, mas também a ligação da mãe com ele. Neste ponto, é importante resgatar o papel ativo e de construção mútua do indivíduo, que reflete sobre suas crenças, valores e expectativas (Vieira, 2011). Portanto, regras, crenças, valores e expectativas não são simplesmente expressos nos contextos de participação social da criança, pois há uma coconstrução que Vygotsky (1998) trata como um conjunto de fatores situacionais de um mesmo ambiente, os quais produzem diferentes reações a partir da experiência emocional da criança.

Ressalta-se que as similaridades e as experiências sociais dos gêmeos também podem ser construídas e estruturadas pelas concepções e expectativas sociais em relação a eles (Bacon, 2006; Vieira & Branco, 2010b). Conforme orienta Vieira (2011), as práticas educativas dos cuidadores (pais, familiares, professores) e sua ação mediadora podem potencializar a conscientização sobre a seriedade de se promover trajetórias e experiências distintas para cada criança gêmea, ajudando a desconstruir mitos e concepções equivocadas sobre a gemelaridade.

Para explorar a percepção materna acerca dos fatores que auxiliam o desenvolvimento dos filhos, foi perguntado: “Em sua opinião, o que pode ajudar no desenvolvimento dos seus filhos?” Dessa questão, emergiu a classe temática **Fatores que auxiliam no desenvolvimento dos filhos**, que será ilustrada por meio de relatos das mães participantes do estudo.

No **Grupo 1**, foi encontrada uma fala acerca da **Afetividade dos pais**: “Eu acho que, assim, a comunicação, o carinho, o amor dos pais, relacionados a eles, eu acho que tudo ajuda, né”. Em outra fala exclusiva desse grupo, a mãe ressalta a importância da **Estimulação dos pais**: “A gente estimular eles com brinquedos educativos, até programação educativas pra eles, eu sempre gosto de botar Discovery Kids (...). E sempre estar estimulando eles, quando eles fazem uma coisinha, eu faço: parabéns, bebê!”.

Autores (Taubman-Ben-Ari et al., 2008) ressaltam a importância de os pais terem recursos estáveis, como o estilo de apego e apoio materno, visto que esses recursos são mais fortes do que as circunstâncias adversas que são enfrentadas tanto no nascimento de um único filho como no de gêmeos. Esses aspectos estão diretamente relacionados com a qualidade das interações estabelecidas, que, por sua vez, são afetadas pelas percepções e afetos dos pais em relação aos seus filhos.

É importante destacar a seguinte fala materna de uma das mães desse grupo:

(...) e eu sempre tô lendo na internet o que fazer, o que não deve. Porque, quando eu tive o meu mais velho, assim, por eu ser mais nova, eu não tive maturidade, mas com eles não, com eles eu sempre tô lendo, procurando saber alguma coisa, o desenvolvimento deles. Eu faço: “Olha, N”... N. é meu esposo. Eu faço: “Olha, de 7 meses a 1 ano é a época que eles vão começar a tentar engatinhar ou a andar, tem criança que já chega engatinhando, N., vamos ficar de olho”. (32 anos, mãe de bebês de 7 meses)

Sobre esse relato, Feldman e Reznick (1996) afirmam que a prática de aprender mais sobre o desenvolvimento da criança, adquirindo informações através de várias fontes, pode afetar a percepção da intencionalidade infantil. Assim, a experiência anterior com outros filhos mais velhos ou experiência profissional com crianças pode sensibilizar a percepção dos pais para os tipos de comportamentos intencionais que as crianças podem produzir.

Uma mãe do **Grupo 1** destacou a necessidade do envolvimento do pai na ajuda com as crianças, o que pode ser visualizada na seguinte fala:

O que pode ajudar? O pai delas me ajudar. Ele não ajuda em nada, ele só me estressa; se ele fosse mais calmo, eu acho que eu seria mais calma e passava a calma pra elas. Porque ele me estressa (...), ele me perturba, esse meu marido, do nada, ele me perturba. As meninas não podem chorar que ele faz: “Oh, as meninas estão chorando”, “Pegue você”. Ele me estressa, ao invés de me ajudar, ele me atrapalha. (25 anos, mãe de bebês de 8 meses)

Essa fala ilustra a ideia de Spinner (1983), segundo a qual a participação paterna na divisão da carga de trabalho na família de gêmeos é uma estratégia de enfrentamento para amenizar as dificuldades vivenciadas pela mãe por causa da dupla demanda.

Uma mãe do grupo afirma que a socialização das crianças com o meio é um dos fatores que podem ajudar no desenvolvimento delas: “(...) elas passeiam, eu passo mais tempo com

elas (...). E tem uma coisa, que elas estão sempre vendo pessoas, eu sempre saio com elas”. Essa mesma mãe destaca que o modo como ela cria as suas filhas também é importante para o desenvolvimento delas:

(...) elas sempre têm contato com areia, com água, eu coloco elas na água, na areia, eu não tenho frescura não. Ah, criança não pode ir pro chão, elas vão pro chão... Elas estão desenvolvendo, eu acho que é desse jeito que elas tão aprendendo com elas, eu acho que estou fazendo certo com elas. (25 anos, mãe de bebês de 8 meses)

As falas destacadas no **Grupo 2** remetem à *Afetividade dos pais* e à *Ajuda no cuidado das crianças*. No que se refere à *Afetividade dos pais*, destaca-se a fala materna: “Eu acho assim, que eu tenho que passar... dar amor, carinho, a paciência da mãe e do pai, eu acho que é o essencial para a criança crescer bem, saudável”. No que diz respeito à *Ajuda no cuidado das crianças*, uma mãe mencionou:

Pra mim, crucial seria ter mais de uma pessoa pra cuidar comigo, por que, tipo quando uma pede pra ir pro braço, a outra vê e a outra pede também (...). Oh, tá vendo, oh, eu botei ela no braço, aí ela viu, aí ela já quer vir, e elas estão ficando maiores e eu não consigo. Eu acho que ajudaria bastante se eu tivesse mais uma pessoa pra me ajudar, por que, assim, no fim do dia a pessoa tá morta de cansada, é estressante. (31 anos, mãe de bebês de 16 meses)

De forma isolada, foi citado por uma mãe desse grupo que: “A criação é o fator de tudo, a criação é o mais importante, e só”.

A importância da percepção das mães perante a necessidade de uma rede de apoio é referida em Rapoport e Piccinini (2006) e Beltrame e Donelli (2012). Para esses autores, as mães que conseguem lidar melhor com a rede de apoio, provavelmente, beneficiarão o bebê, que terá mais contato afetivo com outras pessoas e com a própria mãe, aliviando sua sobrecarga. Esse tipo de apoio aos cuidados dispensados às crianças pode ser acessado pelas

mães junto às escolas, creches, babás, vizinhas, avós, até mesmo crianças mais velhas, variando de acordo com o contexto sócio-histórico em que ela está inserida (Almeida, 2007; Dessen & Braz, 2000). Vale ressaltar que os estudos citados acima não foram realizados com a tríade mãe-gêmeos, o que permite sugerir futuros estudos que envolvam a importância da rede de apoio para mães de gêmeos.

No **Grupo 3**, as falas destacadas refletem a ***Afetividade dos pais, Ajuda dos familiares; Sociabilidade e Dedicção materna***. Quanto à ***Afetividade dos pais***, destaca-se a fala materna:

Eu acho que, assim, o amor, a paciência com a família, com os pais também, que a gente sabe que educar não é fácil, é assim, é algo que você tem realmente que se dedicar, se doar todos os dias, pedir a Deus muita sabedoria, que não é fácil. (29 anos, mãe de bebês de 22 meses)

Sobre a ***Ajuda dos familiares***, duas mães relataram: “Então assim, tanto primeiramente partir dos pais essa paciência, essa dedicação, como também os familiares, os familiares também ‘tá’ com a gente juntos, somando com a gente, e aí tendo também amor e paciência”; “(...) porque minha irmã ficava com eles, ela é uma mãezona mesmo, eles chamam ela de mãe, cuida muito mesmo deles e corrige, como uma mãe mesmo”.

No que se refere à ***Sociabilidade***, uma mãe destacou a importância do convívio com outras crianças: “Eu acho que o convívio com outras crianças faz toda a diferença”. E, acerca da ***Dedicção materna***, destaca-se a seguinte fala da mãe:

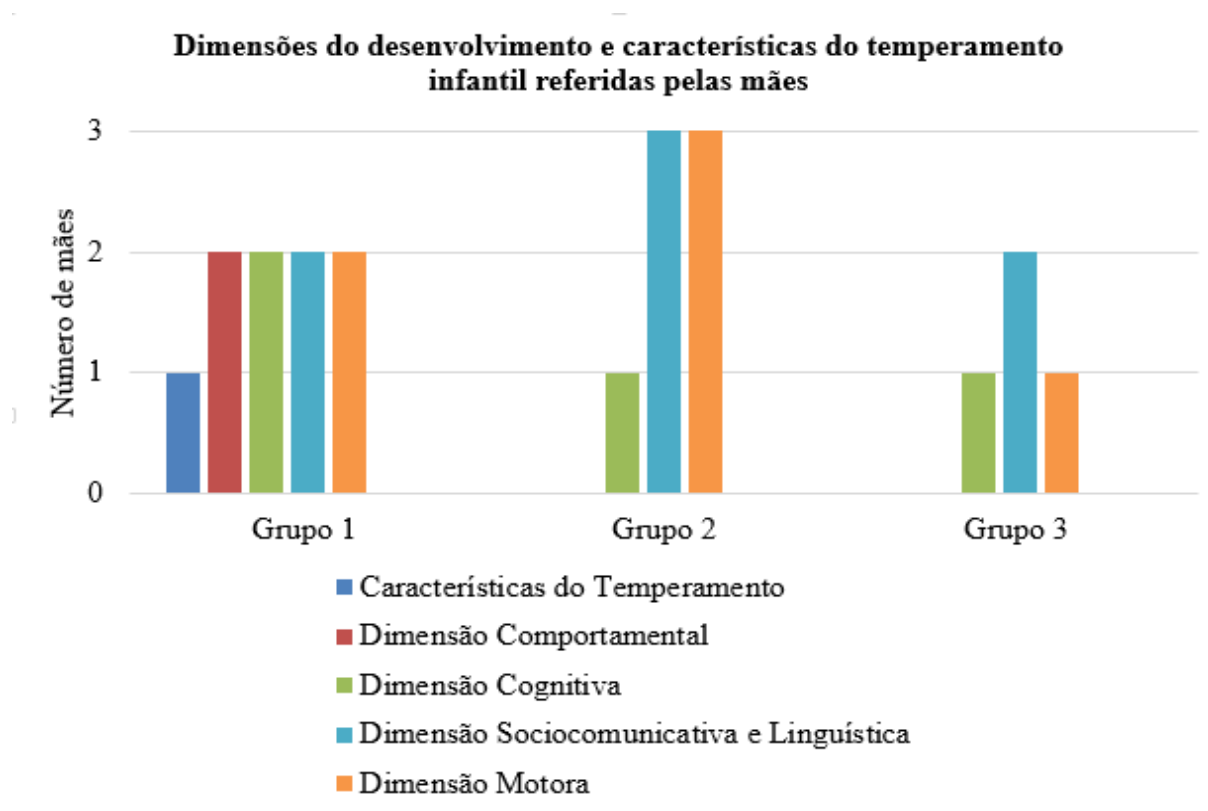
Eu tomei uma decisão que foi sair do trabalho pra cuidar deles, já pra ajudar nisso mesmo, (...) mas aí eu vi a necessidade de sair do trabalho, porque uma só pessoa pra cuidar de dois não dá certo de jeito nenhum, é muito difícil. (33 anos, mãe de bebês de 23 meses)

Brazelton (1994) destaca que o momento de a mãe retornar ao trabalho traz questões muito importantes, tais como: se ela está pensando em deixar o bebê com uma babá, ou em uma creche, os seus sentimentos acerca da separação, a assistência que o bebê vai receber, se o pai vai participar dos cuidados, o que o casal pensa acerca dessa nova organização. Tal autor sugere ainda que o tempo ideal para que a mãe volte à sua rotina de trabalho integral é após o primeiro ano de vida do filho, visto que, em seu segundo ano de vida, o bebê já pode ter alguns amigos de sua idade, e então as situações de grupo não serão tão cansativas. O autor reitera a importância dessa questão, afirmando que essa oportunidade é quase tão importante para os pais quanto para o desenvolvimento do bebê.

Nesse contexto, é importante considerar que os pais que planejam ficar em casa por um determinado tempo devem respeitar suas necessidades de ter um tempo para eles mesmos. Após as enormes transformações que tiveram com o nascimento do bebê, no caso deste estudo, de bebês gêmeos, é necessário que voltem a se dedicar algum tempo para o seu próprio relacionamento. Para os pais, a dificuldade de se separar do bebê pode ser o maior obstáculo à realização desse projeto. O bebê pode até sentir falta deles, mas, nessa altura da relação criada entre pais e filhos, os pais irão se sentir perdidos sem ele (Brazelton, 1994). Sobre esse aspecto, Beck (2002) encontrou que o principal problema psicológico da maternidade de gêmeos é o fato de que as mães deixam sua vida de lado, desde que os gêmeos nascem, até cerca de um ano após o nascimento.

Da análise das respostas das mães sobre o desenvolvimento dos seus filhos, emergiu a classe temática **Dimensões do desenvolvimento e características de temperamento infantis referidas pelas mães**, exposta na figura abaixo:

Figura 1: Gráfico referente às dimensões do desenvolvimento conforme relatos maternos



A Figura 1 exibe as dimensões do desenvolvimento e características do temperamento infantil segundo o relato materno. Em cada grupo de idade dos bebês, foram verificadas variações nas percepções maternas, embora deva ser mencionada uma maior variabilidade da percepção materna no **Grupo 1**, cujos bebês estão no fim do primeiro ano de vida.

As categorias *Características do temperamento* e *Dimensão comportamental* foram encontradas no **Grupo 1**. Quanto à primeira, pode ser demonstrada pela fala materna: “(...) Tem uma que é mais desenvolvida, realmente, e a outra é mais tranquila”. Já a *Dimensão comportamental* foi identificada pelas seguintes falas: “(...) essa aqui morde, belisca, não faz nada, mas morder e beliscar ela sabe fazer”; “(...) essas meninas bagunçam, parece até que é mentira minha, ela passa no andajar, ela derruba as cadeiras”.

A *Dimensão cognitiva* foi citada nos três grupos de mães, porém, percebe-se uma variação no tipo de respostas maternas, o que pode ser influenciado pelo período de desenvolvimento em que as crianças se encontravam na ocasião da entrevista. No **Grupo 1**, as respostas maternas foram: “Elas são bem sabidinhas (...)”; “(...) a que é mais desenvolvida

(...) é bem assim esperta”. Já no **Grupo 2**, uma mãe se referiu à cognição dos seus filhos como: “São inteligentes demais”. A mãe do **Grupo 3** relatou: “Elas entendem o que a gente diz, tudo o que eu digo, qualquer ordem que eu dou a elas, elas conseguem executar”.

Sobre os resultados acima, percebe-se a variação da percepção materna, que se modifica de acordo com as habilidades que as crianças vão adquirindo ao longo do desenvolvimento. Entende-se que essas percepções são influenciadas diretamente pelos conhecimentos adquiridos pelas mães, bem como suas crenças, valores e expectativas quanto ao desenvolvimento dos filhos.

Em relação a essa última fala, retomam-se as observações de pesquisadores (Rochat, 2007; Tomasello, 1999) que referem que, após o final do primeiro de vida, as crianças demonstram a habilidade de interpretar a intenção comunicativa dos adultos, um dos principais preditores da cognição social infantil e da linguagem. Num estudo recente acerca das habilidades de comunicação intencional de bebês no primeiro ano de vida, Nunes e Braz Aquino (2014) destacam o papel do adulto sobre o ato comunicativo percebido pelas mães, o qual atribui significado aos comportamentos infantis durante as interações com o bebê, antes mesmo do aparecimento da linguagem oral. Para as autoras, nessas interações iniciais, a atribuição de significado tem um papel fundamental no desenvolvimento infantil, já que é a partir dela que o bebê internaliza, gradativamente, os significados de vários comportamentos comunicativos e vai se tornando capaz de fornecer respostas adequadas ao comportamento do adulto. Isso pode ser percebido na fala exposta acima: “Elas entendem o que a gente diz, tudo o que eu digo, qualquer ordem que eu dou a ela, elas conseguem executar”.

A **Dimensão motora** também é observada nos três grupos. No **Grupo 1**, as mães relatam: “A outra já tá ficando em pé, eu tenho que ficar de olho direto, já estão ficando de quatro, mas se arrastando”. E ainda: “A que é mais desenvolvida é bem ágil”. No **Grupo 2**,

uma das mães destaca que há uma diferenciação na parte do desenvolvimento motor quanto aos seus dois filhos:

O menino tá se desenvolvendo muito bem, aprendeu a andar rápido, não chegou nem a engatinhar e andou. A menina tá complicado pra ela andar, eu tô achando que a perninha dela tá meio assim tortinha, mas todo mundo fala que vai desenvolver depois, quando tiver andando melhorzinho. (22 anos, mãe de bebês de 16 meses)

Ressaltam-se as falas maternas acerca das habilidades relacionadas ao aspecto motor do desenvolvimento, considerando que, como afirma Brazelton (1994), o aprendizado motor é intrínseco ao desenvolvimento cognitivo e tem repercussões diretas no desenvolvimento das habilidades sociais infantis, visto que é a partir da exploração do mundo externo que as crianças conhecem seu mundo social.

Numa fala importante de uma mãe do **Grupo 2**, esta relaciona as habilidades motoras das suas filhas com a prematuridade, bem como relata a sua dinâmica diária com as crianças.

(...) eu achei que dificultou um pouquinho a questão motora, mas eu acho assim, que não é nem tanto pela questão da prematuridade. Pelo fato de você estar com dois, a tendência é você botar muito os dois sentados; e você dominar naquela situação, você não tem como estimular muito, assim, soltar muito, só pra engatinhar, ou colocar em cima da cama pra você tentar uma brincadeira que estimule a parte motora, porque você geralmente está sozinha pra olhar dois, aí elas foram meninas que ficaram muito assim, as duas no carrinho, assistindo um DVD, aí eu acho que talvez isso não tinha como ser muito estimulado, pelo fato de ser dois. (31 anos, mãe de bebês de 16 meses)

Sobre a fala materna acima, percebe-se, como afirmou Spinner (1983), que os pais de gêmeos precisam encontrar mecanismos de enfrentamento para lidar com as dificuldades e os desafios de cuidar de dois ao mesmo tempo, fazendo com que cada um dos filhos se sinta

único, bem como para auxiliá-los na estimulação dos bebês, que demandam uma dinâmica diferenciada. O autor destaca algumas estratégias, como: obter ajuda dos avós, amigos, vizinhos, babás, nos períodos de adaptação em que os padrões de sono e alimentação dos bebês são bastantes variáveis; desenvolver um modelo de manusear os dois bebês novos; e a participação paterna na divisão da carga de trabalho.

Além das dimensões já citadas, foram mencionados, pelas três mães do **Grupo 1**, os seguintes aspectos sobre o desenvolvimento dos seus filhos:

Eles estão no desenvolvimento correto, porque, assim, mensalmente eu tô levando na pediatra, aí eu fiquei surpresa mês passado, porque a pediatra chegou e disse que, geralmente, bebês gemelares, o desenvolvimento deles é mais lento do que um bebê normal, né, porém, que tá o desenvolvimento que parece que eu tive um só, eles estão crescendo de acordo com as etapas direitinho. (32 anos, mãe de bebês de 7 meses)

Outra mãe disse: “Elas têm saúde assim, excelente, não me preocupo em estar em médico com elas (...); são saudáveis, não tem problema nenhum”. No **Grupo 2**, foi destacado por duas mães: “O menino tá se desenvolvendo muito bem”; “Olhe, o desenvolvimento delas é muito bom, e assim, eu faço o acompanhamento com o pediatra direitinho”. No **Grupo 3**, uma mãe colocou: “Não só eu, mas todo mundo diz que eles são bem desenvolvidos”.

Neste ponto, destacam-se dois aspectos que foram encontrados nas respostas maternas dessa classe temática, porém, não dizem respeito diretamente à pergunta feita, mas remetem ao contexto interativo, os quais foram identificados em dois grupos. No **Grupo 1**, pode-se destacar a seguinte fala: “(...) todo dia a gente vai aprendendo coisas novas com elas”. Já no **Grupo 3**, a dimensão interacional foi observada na fala: “Eu vou ensinando, elas vão aprendendo”.

Também foi observado que as mães, ao descreverem o desenvolvimento de seus filhos, detiveram-se em detalhar *habilidades específicas dos filhos*, em seus aspectos físico,

sociocomunicativo e linguístico, motor e cognitivo. Isso porque as mães dos **Grupos 1 e 2** claramente descreviam e comparavam habilidades específicas de cada um dos seus filhos gêmeos. No **Grupo 1**, foram encontradas falas como: “A minha filha oh, é ‘tá, tá, tá, tá’, a outra já tá ficando em pé”; “Tem uma que é mais desenvolvida realmente, e a outra é mais tranquila, a que é mais desenvolvida é bem ágil, é bem, assim, esperta. Já a outra só sabe arengar e chorar (...)”. No **Grupo 2**, foram apreendidas das falas maternas referentes aos aspectos *físico, motor e sociocomunicativo e linguístico*, tais como: “O menino tá se desenvolvendo muito bem, aprendeu a andar rápido, não chegou nem a engatilhar e andou. A menina tá complicado pra ela andar” e “(...) um começou a andar com 10 meses; o outro já fala”.

Em relação a esses relatos, recorre-se a Spinner (1983), para quem o comportamento dos gêmeos é muito similar. Contudo, esse autor adverte para a necessidade de tratá-los como indivíduos separados para auxiliar o seu desenvolvimento psicológico. No que se refere ao presente estudo, é importante pontuar que essas diferenças foram expressas pelas mães ao longo de toda a entrevista, quando descreveram sua percepção sobre o desenvolvimento de seus filhos.

Destaca-se que, assim como no estudo de Barbetta (2008), o aspecto sociocomunicativo e linguístico foi um dos indicadores presentes no discurso materno quando se questionou sobre o desenvolvimento das crianças. No que se refere a esse aspecto, duas mães do **Grupo 1** (mães de bebês entre 7 e 10 meses) focalizaram a linguagem de seus filhos, referindo que as crianças balbuciam e choram: “Ah, minha filha, oh, é ‘tá, tá, tá, tá’”; “Já a outra só sabe arengar e chorar”. No **Grupo 2** (mães de bebês de 16 meses), uma mãe comparou um dos filhos ao irmão gêmeo quando afirmou: “Ela não tá falando, só faz só fazer zoadas, sons, imitar as coisas do irmão, mas não saiu nada até agora”; e a outra destacou que: “(...) na questão da linguagem, elas são super desenvolvidas, elas falam, cantam, assim, eu

acho elas mais desenvolvidas até do que as outras na mesma faixa (...), a linguagem é perfeita pra mim, se comunicam muito bem”. Uma mãe desse grupo disse ainda: “(...) o outro já fala, já tá falando várias palavras”.

Acerca do relato materno sobre o trecho “não saiu nada até agora”, pode-se indagar sobre que tipo de concepção a mãe teria sobre o desenvolvimento dos seus filhos, na medida em que ela parece entender que a aquisição da linguagem é algo interno, ou que está por surgir, o que pode remeter a uma concepção maturacionista do desenvolvimento, a qual defende que as habilidades dos seres humanos irão surgindo conforme a maturação neurocognitiva e fisiológica dos sujeitos.

No **Grupo 3** (mães de bebês entre 21 e 23 meses), uma das mães relatou que, entre suas filhas, “elas falam quase tudo, só que do jeito delas, elas entendem o que a gente diz”. Outra mãe mencionou: “Elas começaram a cantar a partir de um aninho de idade. Começavam a, não cantar 100%, mas aí elas começavam a desenvolver algumas palavras das músicas e a desenvolver também o que a gente conversa, o que a gente fala, então, a partir de um aninho, elas começaram a desenvolver a fala”. O relato materno “elas entendem o que a gente diz” sugere que a criança tem a habilidade de ler a intenção comunicativa dela, a criança entende primeiro o que as pessoas falam, antes de conseguir expressar isso.

Sobre esse aspecto, Rochat (2007) destaca que os parceiros sociais contribuem de forma efetiva, desde os primeiros meses, para revelar suas intenções na comunicação, o que é rapidamente percebido como tal pelas crianças. A criança começa a perceber os outros como intencionais, fora do contexto face a face de comunicação, quando ela observa as pessoas interagindo e agindo sobre os objetos físicos. A generalização de uma compreensão de outros como intencional abre oportunidades cruciais para a aprendizagem por observação e imitação, considerados mecanismos básicos de transmissão cultural exclusivos da nossa espécie.

Essa pergunta permitiu ainda um relato espontâneo das mães sobre a linguagem dos filhos e também apreender como elas concebem o desenvolvimento da linguagem deles. Tomasello (2003) propôs que os bebês interagem diadicamente, por meio de olhares e gestos, tanto com objetos quanto com pessoas. Já Brazelton (1994) apresentou indícios do desenvolvimento da linguagem em crianças de 3 meses a 2 anos, referindo que, de 6 a 8 meses, ocorrem as inflexões gramaticais como plurais e tempo passado, e os ritmos da fala ficam mais significativos. Para ele, os bebês fazem vocalizações, mas sem vincular a pessoas específicas. Por volta de um ano, o bebê continua a falar de modo inarticulado e incoerente, mas já direciona as vocalizações à pessoa certa. Aos 15 meses, em meio às palavras ininteligíveis, percebem-se palavras identificáveis. Já aos 18 meses, o bebê é capaz de dizer pequenas palavras, nomes de pessoas que lhe são especiais, e recorre a gestos complexos para se comunicar. Por fim, aos 2 anos, a criança começa a combinar palavras, entende sugestões, perguntas e advertências, mostrando que o desenvolvimento está em curso. Especificamente sobre os gêmeos, percebeu-se uma lacuna na literatura sobre a caracterização da linguagem gemelar, o que será explorado nas discussões das questões a respeito da percepção materna sobre as habilidades sociocomunicativas e linguísticas dos gêmeos.

Dado que o estudo sobre a gemelaridade refere que há uma tendência da família em tratar os gêmeos como sujeitos idênticos (Spinner, 1983), muitas vezes se esquecendo das suas peculiaridades, buscou-se verificar se as mães participantes do estudo percebiam diferenças ou especificidades entre os filhos.

Pensando em averiguar essa questão, foi perguntado às mães se elas observavam alguma diferença, entre seus filhos gêmeos, no que diz respeito ao desenvolvimento ou aos comportamentos deles. Da análise das respostas a essa pergunta, emergiu a classe temática **Diferenças entre os filhos**. Ao analisar as respostas de todas as mães entrevistadas, percebeu-se que grande parte do número de mães referiu ***Diferenças no temperamento*** (oito

mães), seguida de *Diferenças motoras* (seis mães) e das *Diferenças no comportamento dos gêmeos* (cinco mães).

Especificamente no **Grupo 1**, foram apreendidas as *Diferenças no comportamento*, (“Em relação ao comportamento, M.H. é mais agitada e mais ativa”); *Diferenças no temperamento* (“Ele é mais calmo, pensativo”); *Diferenças cognitivas* (“B., mesmo, ela pega as coisas muito rápido. E já é meio lenta, meio devagarzinho, mas assim ela pega”); além de terem mencionado *Variações no ritmo de desenvolvimento infantil* (“Quando uma faz, a outra vai depois de um tempo, uns dias, a outra vai fazer. Primeiro uma faz, depois a outra”; “Ela se desenvolveu primeiro do que ele”). Também foi identificado em uma fala das mães tanto a questão da variação no ritmo de desenvolvimento infantil quanto uma diferenciação na dimensão motora (“Quando eu menos esperei ela ficou em pé, ele agora que tá ficando em pé”).

No **Grupo 2**, as falas remeteram às *Diferenças no comportamento* (“ela [M.] sempre mais agitada na barriga do que ela [L.]”) e *Diferenças no temperamento* (A menina é mais calma, o menino já é bastante agitado, é arengueiro. E ela não, é bem calminha, carinhosa”). Outra fala que pode ser destacada é:

(...) a primeira eu acho que ela é, assim, mais carinhosa, mais afetuosa, ela tem jeito de ser mais ligada, mais dependente. Já L., que é a segunda, eu acho ela mais independente, ela já tenta comer sozinha, eu noto que ela vai ter esse perfil mais independente. E, assim, ela é carinhosa com a irmã, com a gente, eu noto M. mais carinhosa (...). (31 anos, mãe de gêmeas de 16 meses)

Há ainda *Diferenças motoras* (“Ela falou um pouquinho mais, ela andou primeiro”), *Diferenças cognitivas* (“Sempre tem um que aprende mais rápido do que o outro. Sempre tem um que ele pega mais rápido”), *Diferenças linguísticas* (“A que nasceu por segundo é mais sapeca hoje em dia, mas, assim, ela fala mais”), *Diferenças físicas* (“Ela é, fisicamente,

você vê que ela é maior, ela tem o jeito de mais velha”), *Diferenças nas personalidades* (“Elas são gêmeas idênticas, mas elas são super diferentes, assim, de personalidade, eu percebo logo”, e ainda “... um é mais estressado”).

Por fim, no **Grupo 2**, foram encontrados, em diversas falas maternas, elementos que denotavam *Variações no ritmo de desenvolvimento infantil*, que se remetem à variação no tempo de aquisição de habilidades. Ilustram essa categoria as seguintes falas: “Essa aqui, M., é a que nasceu primeiro, em tudo ela é sempre a primeira, ela fala primeiro, ela falou um pouquinho mais, ela andou primeiro” e ainda “A que nasceu por segundo é mais sapeca hoje em dia, mas, assim, ela fala mais”.

Sobre as variações no ritmo do desenvolvimento, Vygotsky definiu que há “leis mais gerais do desenvolvimento da criança”. Ele propôs características principais dos processos de desenvolvimento infantil, dentre as quais destacou: a) desníveis de desenvolvimento global, ou seja, mudanças de tempo ou velocidade das aquisições das habilidades pela criança; b) há uma heterocronia e desproporcionalidade do desenvolvimento, o que implica que as crianças se desenvolvem em diferentes velocidades, no seu próprio ritmo, trajetórias e tempos diferentes (Meshcheryakov, 2010). Contribuindo com essa temática, Rogoff (2005) defende que o desenvolvimento humano se dá em ritmos distintos e que tais níveis promovem uma forma útil de refletir sobre a natureza “mutualmente constitutiva” dos processos biológicos e culturais e a natureza flexível da cultura.

Especificamente no caso de gêmeos, Viotto (1993) destaca que, embora sejam semelhantes, convivam nos mesmos ambientes sociais e na mesma família, as estruturas cognitivas dos gêmeos se desenvolvem em “ritmos” desiguais, de tal forma que algumas habilidades já foram estabelecidas em um sujeito enquanto em seu cogêmeo ainda não se estabeleceu ou está em fase de estabelecimento, como ilustram as falas maternas. Desse modo, deve-se considerar que o modo como cada gêmeo vivencia as situações de vida diária

e, portanto, a forma como percebe as situações interferem no desenvolvimento cognitivo de cada sujeito e, conseqüentemente, nas suas respectivas diferenças individuais.

Uma fala específica desse grupo retrata a percepção da mãe acerca das diferenças entre as filhas, bem como relata a sua preocupação em se doar por igual às suas filhas:

(...) elas não são assim bem iguaizinhas não, apesar de serem estimuladas da mesma forma, né, tudo eu faço sempre com as duas juntas, né, faço de tudo pra dividir. Tipo, eu tô um pouquinho com ela, daqui a pouco, se ela tá com outra pessoa, eu faço: vamos trocar um pouquinho. Sempre me cobro para me doar por igual. (31 anos, mãe de bebês de 16 meses)

Sobre essa questão, Beck (2002) destacou a impossibilidade das mães de responderem simultaneamente às exigências de ambos os gêmeos, e o problema do desenvolvimento de relações numa base individual promoveu a necessidade de igualitarismo, trazendo um sentimento de obrigação às mães para fazerem sempre a mesma coisa com os dois gêmeos, como observado na fala acima destacada. O relato acima remete ao fato de que ter dois filhos ao mesmo tempo reduz o período e a qualidade das atividades realizadas com eles, dificultando assim a estimulação, que, no caso das mães de gêmeos, está dividida para duas ou mais crianças. Esse resultado também foi encontrado por Fônsaca, et al. (2013), os quais afirmam que o tempo para se dedicar aos filhos também foi citado como uma necessidade sentida pelos pais de gêmeos.

Já no **Grupo 3**, as categorias encontradas foram: ***Diferenças no comportamento*** (“É mais calma, mais amorosa, já L. não, ela é mais encrenqueira, ela é muito de bater, ela morde”; “Mas já no termo da agitação, do trelar mesmo, do brincar, do subir, do descer, eu acho aquela mais, é mais traquina”); ***Diferenças no temperamento*** (“No comportamento, ah, porque tem uma que é mais calma e a outra que é mais agitada, né”); e ***Diferenças motoras*** (“Do subir, do descer, eu acho aquela mais, é mais traquina, ela sobe, ela desce”).

Em uma fala específica desse grupo, a mãe destacou a percepção dela quanto à diferença entre as suas filhas:

(...) ela é mais especial, assim, a maneira de ser mais sensível, eu percebo que ela chora mais; às vezes, chora quando realmente é para chorar, mas, às vezes, ela chora sem ter motivo. A outra, ela chora menos, não vou dizer que ela não chora. Ela chora, mas, assim, ela chora menos, eu acho ela mais calma no momento do choro. (29 anos, mãe de bebês de 22 meses)

É interessante ressaltar que, já nos primeiros meses de vida dos bebês, as mães verbalizam características específicas de cada um deles. Refletir e discutir esse fato traz implicações nas interações que são estabelecidas entre a mãe e os bebês e, conseqüentemente, no desenvolvimento infantil de forma geral.

Os resultados encontrados corroboram a pesquisa de Fonsêca et al. (2013), que encontraram que alguns pais destacaram a atenção no que diz respeito às diferenças observadas em cada filho, demonstrando uma atenção maior em torno dessa questão. Esses resultados podem estar relacionados a um dos pressupostos de Vygotsky (1998, 2007), segundo o qual o sistema funcional de aprendizado de uma criança pode não ser idêntico ao de outra, embora possa haver algumas semelhanças em certas fases do desenvolvimento.

Cabe retomar aqui o conceito de *vivência* proposto do Vygotsky (1996). Segundo o autor, cada indivíduo possui suas próprias vivências, e elas são uma forma subjetiva de reflexão dos fatos, da sua relação com o mundo externo, informacional e causal, sendo inevitavelmente expressa através dos comportamentos e das atividades de cada pessoa. Sendo assim, a vivência está relacionada tanto ao que é externo à pessoa, quanto está representada no modo como cada pessoa vivencia as situações, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do ambiente estão apresentadas na vivência (Meshcheryakov, 2010).

A partir da análise dos resultados, percebe-se, assim como proposto em Passos, Fonsêca e Lima (2013), que a mãe é o agente primário no processo de singularização de seus filhos, na medida em que consegue atender ao que cada um necessita e, assim, diferenciá-los, ou seja, ao buscar atender as particularidades e necessidades de cada filho, propicia a eles a oportunidade de amadurecer a partir das suas próprias características, que se constituem na relação com o contexto sociocultural. Além disso, ao responder às solicitações dos seus filhos, ela assume sua posição como representante do ambiente primário de cada bebê.

Vale retomar aqui a ideia de Viotto (1993) sobre “ritmos” desiguais em gêmeos, a qual destaca que, embora sejam semelhantes, em sua estrutura genética e no convívio social, um irmão pode adquirir habilidades enquanto seu cogêmeo ainda pode estar na fase de estabelecimento. Portanto, a autora defende que a maneira como cada gêmeo vivencia as situações de vida diária e, por conseguinte, a forma como percebe as situações podem interferir no desenvolvimento cognitivo de cada sujeito e em suas respectivas diferenças individuais.

Também foi perguntado às mães como elas descreviam a convivência entre ela e os filhos, e entre os filhos gêmeos. A partir dessa pergunta, foi elaborada a classe temática **Convivência entre mães e filhos e convivência entre os irmãos gêmeos.**

No que se refere à categoria **Convivência entre mães e filhos**, observa-se, no relato de uma mãe do **Grupo 1** (32 anos, mãe de bebês de 7 meses), falas relacionadas a sua dedicação exclusiva para os filhos gêmeos, a necessidade da ajuda de um terceiro, no caso, uma babá, e por último a dificuldade em dedicar um tempo para si própria:

(...) meu tempo agora é só voltado pra eles. Glória a Deus que eu tenho ela [a babá] pra me ajudar, porque senão eu já estava louca, porque tomar conta de casa, de menino, de menino não, de família em si, é muito complicado.

(...) a minha convivência é essa, em função dos gêmeos, porque, assim, infelizmente, não tenho tempo pra nada mais, eu olho assim pra minha unha e pronto, eu não tenho tempo pra fazer unha, não tenho tempo pra cabelo, assim, é um corre-corre, eu não sei se as outras falam a mesma coisa, mas é um corre-corre muito grande”.

Essa mãe refere ainda a sua dificuldade de dar atenção para o filho mais velho, em virtude da atenção que é necessária para os gemelares.

Nesse contexto, Zamberlan (2002) afirma ainda que os estudos conduzidos nas áreas do desenvolvimento inicial e das relações sociais entre mãe-bebê são fundamentais para o estudo da organização comportamental e das competências deste último, adquiridos no contexto dessa relação. Desde a concepção, mães e bebês participam de um sistema muito complexo de relações, que se organiza e se modifica através do curso da evolução e de eventos culturais interpostos ao desenvolvimento subsequente de ambos.

No **Grupo 2**, a fala da mãe (22 anos, mãe de bebês de 16 meses) se refere à sua rotina com seus filhos, mediante a indisponibilidade de tempo por conta do trabalho:

Graças a Deus, conciliando trabalho e tudo... tá assim, nós somos bastante amigos, a gente brinca. Eu consigo pegar a maior parte de educar eles, porque, assim, eu não sei dizer muito porque eu não convivo muito com eles, eu passo mais a minha parte trabalhando, eles ficam ou na creche ou, no sábado e domingo, com minha avó. Mas quando eu chego é uma festa, uma alegria, e quando eu estou em casa eu sempre procuro ficar o máximo de tempo com eles. É tanto que minha avó que me ajuda, que dá o apoio aqui, ela que faz as coisas de casa, a maioria das coisas, e eu fico mais com eles, para suprir aquela horinha que eu não passo com eles.

Na fala acima, percebe-se uma contradição da mãe, ao dizer que consegue conciliar o trabalho com a educação dos filhos, mas, ao mesmo tempo, diz que não convive muito com

eles por causa da rotina do trabalho, mas que busca aproveitar os momentos em que consegue ficar com eles.

Ainda nessa categoria, a mãe do **Grupo 3** (29 anos, mãe de bebês de 22 meses) destaca momentos de brincadeira e de carinho entre ela e as filhas, relatando situações do dia a dia, com destaque para a rotina de lidar com as duas:

A minha [rotina] com elas é muita brincadeira, que eu gosto muito de brincar, como, assim, eu canto na igreja, eu gosto muito de cantar, e, assim, o momento com elas para mim é maravilhoso, assim, a gente se diverte de montão. E eu vejo elas comigo também, tem momentos em que elas querem brincar, também tem momentos em que elas querem colo, tem momentos que vêm as birras também, elas ficam bravas. Tem horas que eu pego uma no braço e a outra também quer, aí tem hora que eu boto, às vezes eu não consigo, aí eu ainda sento e boto, às vezes não dá no braço, aí eu vou para o chão, é uma alegria, uma alegria.

Quanto à segunda categoria, ***Convivência entre os irmãos gêmeos***, uma fala materna que vem aparecendo em repostas a várias perguntas da entrevista remete a uma característica da linguagem entre gêmeos ressaltada na literatura (Fonsêca et al., 2013; Luria & Yudovich, 1985) e que foi designada como “linguagem secreta entre os gêmeos”. Ilustra essa afirmação a fala da primeira mãe do primeiro grupo: “Eles se comunicam do jeitinho deles, né; quando eu vejo, um tá rindo pro outro, fica rindo, aí, quando eu pego, um mete a mão no outro, eu acho que isso não é brigar, eu acho que é a forma deles se comunicarem, né”.

De forma geral, percebe-se que seis das nove mães relataram o que chamaram de conflitos ou brigas que acontecem entre os irmãos gêmeos, demonstrado nas seguintes falas: “Entre elas duas já é assim, tem horas que elas tão brincando bem bem, tem horas que uma começa a puxar o cabelo da outra, tem hora que uma deita em cima da outra” (25 anos, mãe de bebês de 8 meses). Ou ainda:

(...) elas duas brigam demais. Uma mama, a outra mete a mão no rosto da outra, aí, quando tá na cadeira, que o espaço é pequeno, aí ficam se batendo, uma agonia. Elas duas brigam quando estão juntas, essa aqui belisca, puxa o cabelo da outra... entre elas duas não tem muito afeto de carinho não.

Cabe destacar, porém, que tais comportamentos que envolvem tanto brincadeiras quanto “pequenos atritos” podem ser considerados como uma exploração dos atributos um do outro (por exemplo: puxar cabelo), principalmente se considerarmos o período de desenvolvimento das crianças do estudo.

5.3. Resultados da análise referente às percepções maternas acerca das habilidades sociocomunicativas e linguísticas de seus filhos gemelares

No conjunto de dados obtidos, considera-se pertinente destacar as percepções maternas acerca das habilidades de comunicação dos gêmeos. Da análise das respostas maternas à questão “Existem situações nas quais seus filhos são mais comunicativos?”, emergiu a classe temática **Situações comunicativas**. Das respostas das mães do **Grupo 1** (mães de bebês entre 7 e 10 meses), foi possível apreender duas categorias, **Contextos interativos** e **Atribuição de significado materno**.

Quanto à categoria **Contextos interativos**, foram encontradas as subcategorias *Contexto interativo com os pais*; *Contexto interativo com o(a) irmão(ã) gêmeo(a)*; e *Contexto interativo com outras pessoas*. Na primeira subcategoria, destaca-se a seguinte fala:

Quando eles estão comigo, eles ficam bastante comunicativos, assim, quando eu tô com eles lá no quarto, eu às vezes eu me tranco, aí fico conversando com eles, ou até cantando (...); mas assim, eles sempre estão bahhhh, gritando, ahhh, fazendo esse barulho, ficam prestando atenção no que eu falo. Quando o pai também fala, ele tá

hoje mais apegado ao pai, ele fica olhando pro pai, quando o pai fica falando. Assim, a comunicação da gente é bem desenvolvida, né. (32 anos, mãe de bebês de 7 meses)

Sobre esse aspecto, os autores (Conway et al., 1980; Luria, 1992; Luria & Yudovich, 1985; Thorpe, 2006; Tomasello et al., 1986) destacam que as variações da linguagem de gêmeos podem ser devidos ao ambiente parental e, particularmente, à estimulação verbal dos pais, sendo então importante lembrar que a fala que a mãe dirige à criança é o mais importante preditor de desempenho de linguagem infantil (Conway et al., 1980). Aliada a essa fala, pode-se afirmar que a qualidade da interação inicial é um importante fator mediador entre os eventos perinatais e o desenvolvimento posterior, especificamente no que se referem à comunicação, socialização e cognição (Zamberlan, 2002).

Estudiosos da área afirmam que a mãe possui a tarefa de se ligar ao bebê e auxiliá-lo em seu desenvolvimento (Bateson, 1979; Brazelton, 1979; Lordelo et al., 2000; Schermann, 2001a; Seidl-de-Moura, 2009; Trevarthen, 1979). Porém, o bebê também possui recursos para lidar com tal tarefa. A interação entre ambos acontece de forma que não apenas o comportamento do bebê é modelado pelo comportamento da mãe, mas também o da mãe é moldado pelo comportamento do bebê (Brum & Schermann, 2004; Schermann, 2001b). Para Lordelo et al. (2000), o adulto é o responsável pelo estabelecimento das interações do bebê com o meio ambiente, e, por isso, ele deve conduzir esse processo de interação de maneira adaptada às habilidades da criança.

Pode-se perceber que a mãe busca estabelecer esse contexto de interação com seus filhos gêmeos, seja através de conversas ou de músicas, bem como se percebe o comportamento de atenção que seus filhos lhe dão, o que reforça a ideia de que os bebês possuem recursos para participar ativamente dos momentos de comunicação, de acordo com as suas habilidades já adquiridas. Sobre essa temática, Striano e Reid (2006) destacam que,

desde os primeiros meses, os bebês distinguem entre um adulto que interage com ele, fornecendo *feedbacks*, tais como sorrisos e vocalizações.

Quanto à subcategoria *Contexto interativo com o(a) irmão(ã) gêmeo(a)*, destaca-se a fala: “(...) elas ficam mais comunicativas entre elas quando elas estão no berço, que tão brincando ali sozinhas, ali elas ficam entre elas mesmo”. Thorpe (2006) assinala que crianças que passam grande parte do tempo juntas e que compartilham de um mesmo contexto social se tornam mais capazes de compreender e interpretar o seu cogêmeo que possui um discurso imaturo, bem como de se comunicar mais com ele.

A fala da mãe que caracteriza a subcategoria *Contexto interativo com outras pessoas* é:

(...) o que estimula elas eu acho que elas na rua, porque essas meninas, quando estão na rua, vão pra todo mundo, riem pra todo mundo. Acho que o que estimula elas é ficar ali na frente [de casa] (...); eu acho elas mais ativas no meio da rua (...). Na rua é como elas se acalmam, se ficar em casa elas se estressam. (25 anos, mãe de bebês de 7 meses)

Sobre esse relato, Legerste (2013) afirma que, desde os quatro meses, o bebê já reconhece as pessoas do seu convívio e, portanto, já distingue pessoas estranhas. Desde os primeiros meses, ele já significa emoções consideradas sociais no contexto em que está inserido, o que lhe permite a sensação de estar com o outro.

Quanto à **Atribuição de significado materno**, destaca-se a fala de mães nesse grupo, tais como: “Essa semana, eu tava cantando e ele tava rindo, eu não sei se ele estava mangando de mamãe, ou tava querendo interagir comigo”. A literatura reitera a importância da atribuição de significado materno (Mendes & Pessôa, 2013; Nogueira, 2009; Reznick, 1999; Seidl-de-Moura, 1999, 2009; Slaughter, Peterson & Carpenter, 2009;) enquanto uma ação mediadora do adulto, já que promove, por meio da atribuição e da interpretação dos

gestos da criança, a aproximação e, conseqüentemente, a apropriação do universo simbólico por parte desta. As mães compreendem os comportamentos comunicativos dos seus filhos, atribuindo a eles um significado, bem como os interpretando de acordo com suas referências, e passam a agir com os seus bebês de acordo com essa interpretação (Nunes & Braz Aquino, 2014; Seidl-de-Moura, 1999).

Das respostas maternas do **Grupo 2** (mães de bebês de 16 meses), emergiu a subcategoria *Contexto interativo com outras pessoas*, na qual uma mãe destacou:

Quando junta muita gente, assim, e todo mundo se volta pra elas, eu digo que elas se amostram, elas cantam, tudo o que eu peço pra elas fazerem elas fazem, elas são muito assim (...). Mas assim, eu acho que, quando sai de casa, elas gostam de passear, elas conversam o tempo todo, se junta muita gente, se veem que estão notando elas, elas não são aquelas de se acanhar, elas já entram na onda. Eu acho que nessas situações elas são mais comunicativas. (31 anos, mãe de bebês de 16 meses)

Sobre essa fala, Brazelton (1994) afirma que o impulso cognitivo que ocorre aos quatro meses torna o bebê mais interessado pelo que ocorre no ambiente ao seu redor, possibilitando uma nova forma de compreensão do mundo e de relação com os objetos e pessoas.

De forma isolada, uma mãe destacou que, em *momentos de brincadeiras*, os seus filhos são mais comunicativos. A fala a seguir demonstra isso: “(...) na hora que a gente tá se escondendo, é mais a hora que a gente vê que eles estão se comunicando um com o outro. Que eu digo ‘Cadê Al? Cadê Ar?’, aí ela vai atrás, aí “achou”, é mais nessa hora”. Ainda de forma isolada, nesse grupo, uma mãe atentou para o fato de que suas filhas podem ter “puxado” a ela, na questão da comunicação: “(...) elas falam o dia inteiro, tanto é que dizem assim, essas meninas falam muito, agora eu também falo muito e elas puxaram a mim nesse sentido”. Um outro relato materno que merece destaque é quando a mãe afirma: “(...) eles

pedem as coisas, quando quer vai lá e mostra pra pegar, e, quando ele vê alguma errada no chão que ele sabe que não pode mexer, ele me dá.”

No **Grupo 3** (mães de bebês entre 21 e 23 meses), a análise das respostas maternas suscitou as categorias: ***Contexto interativo*** e ***Atribuição de significado materno***. Quanto à primeira categoria, emergiu a subcategoria *Contexto interativo com o(a) irmão(ã) gêmeo(a)*. Assim como no **Grupo 1**, uma mãe desse grupo mencionou que o momento em que suas filhas são mais comunicativas é quando estão conversando entre elas, utilizando, presumivelmente, a “linguagem secreta entre gêmeos” (Fonsêca et al., 2013; Luria & Yudovich, 1985): “(...) elas conversam do jeitinho delas, mas às vezes também no conversar... (sic) Elas conversam, mas tem hora que vai mudando. Às vezes a gente não entende, mas aí, no mundo delas, na idade delas, elas se entendem. Mas, assim, elas conversam, elas conversam bastante”.

Quanto a este recorte da fala materna, Barbetta (2008) destaca que há dois subtipos de linguagem secreta em gêmeos, quais sejam: a) de compreensão partilhada, que seria uma fala dirigida a todos, mas ininteligível, apesar de ser, aparentemente, compreendida pelo par de gêmeos; e b) a linguagem secreta dirigida excepcionalmente ao outro irmão, que seria ininteligível aos pais, mas claramente compreendida e usada apenas pelas crianças gêmeas. A autora ressalta que, na maioria dos casos, esse fenômeno parece relacionado ao desenvolvimento durante o segundo ano de vida, juntamente com o surgimento de uma fala imatura, que tende a diminuir consideravelmente nos dezesseis meses seguintes.

Quanto à categoria ***Atribuição de significado materno***, uma mãe desse grupo relatou: “(...) no momento que elas estão com fome, quando elas estão com fome, elas batem na geladeira, ela bate na mesa, aponta pro fogão, elas querem dizer que estão com fome. ‘Me daí, me daí, me daí!’ é porque elas estão com fome”. Sobre essa temática, Vygotsky (1996) destaca que, por volta do décimo mês, produz-se uma importante virada no desenvolvimento,

quando se iniciam formas de comportamento mais elaboradas, caracterizadas pela utilização de ferramentas e pelo emprego de palavras para expressar o que desejam.

Striano e Vaish (2006), por sua vez, destacam que uma parte essencial da cognição social é a capacidade de monitorar e compreender as motivações e os objetivos das pessoas ao nosso redor. Uma forma primária e eficaz de fazer isso é olhar para as expressões faciais das pessoas, para assim obter informações sobre suas disposições atuais, suas intenções subjacentes e até mesmo seu comportamento futuro. Os autores destacam que as crianças provavelmente usam as expressões dos outros para interpretar ações antes do final do primeiro ano, mais especificamente por volta dos 7 meses de vida.

Como parte da investigação acerca dos aspectos sociocomunicativos e linguísticos foram feitas perguntas relativas a percepção das mães sobre a comunicação e fala dos seus filhos gêmeos. Em seguida foi solicitado as mães que descrevem possíveis diferenças entre eles. Essas duas questões geraram duas classes temáticas: **Percepção das mães sobre a comunicação e fala dos filhos** e **Percepção das mães sobre as diferenças nas falas dos filhos**.

Quanto à **Percepção das mães sobre a comunicação e fala dos filhos**, foi observado no **Grupo 1**, um relato materno expressou a *expectativa da mãe* quanto ao desenvolvimento da comunicação e da fala dos seus filhos e o quanto considerava gratificante acompanhar esse crescimento:

(...) eles estão no tempo das descobertas, a gente fica ansioso pra eles falarem ‘papai’, ‘mamãe’, até quando a gente faz ‘papai, diga papai, mamãe’. Aí ele fica olhando assim, aí prende a boca, aí a gente... quer ver, vai falar, vai falar, aí eles começam a rir. Eu não nem sei como expressar o que é, é muito bom, é gratificante demais o desenvolvimento deles, é uma caixinha de surpresa, todo dia tem uma novidade, o que eu posso dizer é isso. Todo dia é uma novidade, é uma surpresa que eles fazem: eita,

tá fazendo isso, oh, hoje ele tem tátátátátátá, hoje fez bábábábá". (32 anos, mãe de bebês de 7 meses)

Outra mãe desse grupo descreveu que a comunicação dos seus filhos se dava pelo choro: "No choro, né, quando elas querem alguma coisa elas choram, e quando o pai delas passa, que elas chamam pelo pai, que elas já chamam "papapa", e quando ele passa elas choram, começa pelo choro." Essa mesma mãe ainda descreveu que, através de sons e gestos, suas bebês se comunicam: "Elas ficam querendo falar, elas ficam "ãn, ãn, ãn", querendo gritar, fazendo algum gesto para chamar atenção". (25 anos, mãe de bebês de 8 meses)

Sobre essa questão, Rogoff (2005) destaca que bebês humanos parecem nascer equipados com formas de adquirir proximidade e envolvimento com outras pessoas da sociedade, como imitar outros e, por exemplo, protestar quando são deixados sozinhos. Os esforços dos bebês são acompanhados por características tanto biológicas quanto culturais que envolvem o cuidador, a criança e práticas culturais que estimulam o envolvimento nas atividades que os circundam. As expressões faciais, os movimentos corporais e os gestos infantis estão relacionados à atribuição de significado materna, visto que são pistas comunicativas enunciadas pelo bebê para seus cuidadores e prenunciam o desenvolvimento comunicativo dos bebês (Nunes & Braz Aquino, 2014).

No **Grupo 2** (Mães de bebês de 16 meses), uma mãe descreveu a fala relacionando-a ao contexto em que seus filhos utilizaram-na para se comunicar, e cita um exemplo do seu dia a dia: "Quando a gente brinca de bola... Aí, o menino, a primeira palavra que ele aprendeu foi "gol", "bola". A menina ainda não, ela só faz mais gritar, quando a gente coloca uma musiquinha ela dança, fica animada, balançando as mãos, é nessas situações assim que eu vejo que eles ficam bastante animados".

Outra mãe do **Grupo 2** citou que, para ela, a fala e comunicação das suas filhas é desenvolvida em alguns aspectos e em outros não, demonstrando sua impressão e seu esforço para ajudar no desenvolvimento:

Eu considero muito boa, excelente, eu posso até dizer e a fala também (...). Aliás, na parte da comunicação, eu ainda acho que, em alguns momentos, elas falam tudo, elas sabem muita coisa, tem o vocabulário muito vasto, mas, assim, nos momentos que elas querem pedir alguma coisa, elas estão naquela fase de ficar “anh, anh”, apontando. Isso eu ainda acho que o que eu poderia tentar desenvolver mais, mas eu estimo. Mas assim, a questão de fala e linguagem assim, pra mim, são 10, falam muita coisa, sabem muita coisa. (31 anos, mãe de bebês de 16 meses)

A terceira mãe desse grupo descreveu que a comunicação dos seus filhos se dava por meios de sons e exemplificou no relato a seguir:

Com miados, gritos, um fica gritando com o outro pra brigar (...); eles ficam gritando mesmo [mãe imita os sons]. Eles se comunicam assim, gritando. Quando não é pra fazer, aí um vai lá e reclama com o outro, empurra ou então briga. A comunicação deles é assim mesmo, é o jeito deles, né. (23 anos, mãe de bebês de 16 meses)

Um recorte da fala acima (“Quando não é pra fazer, aí um vai lá e reclama com o outro”) chama atenção novamente para a questão da *Atribuição de significado*. Sobre essa temática, Seidl-de-Moura (1999) ressalta que as mães atribuem significados e os interpretam de acordo com suas referências ao se apropriarem dos comportamentos comunicativos dos bebês, passando então a agir com os bebês a partir dessa interpretação.

No **Grupo 3**, uma mãe descreveu a fala e comunicação das suas filhas através de gestos e atribuiu intenção a tais gestos: “Elas falam quase tudo, só que, assim, do jeito delas, mas elas sabem fazer gestos assim, elas apontam pro fogão, batem na geladeira, elas pedem ‘me dá, me dá, comer, comer’. Se a gente prestar atenção, a gente sabe que ela tá pedindo”

(Mãe de bebês de 21 meses). Outra mãe desse grupo afirmou que suas filhas conseguiam conversar e falar palavras difíceis: “Para a idade delas, 1 ano e 10 meses, eu acho que elas estão bem desenroladas (...); conversar bastante e às vezes demonstrar algumas palavras difíceis e conseguir conversar, e falar, eu vejo que elas são tão bem comunicativas, bem desenroladas no falar” (Mãe de bebês de 22 meses).

Striano e Reid (2006) verificaram que os bebês possuem muitas das habilidades rudimentares necessárias para amadurecer aspectos da cognição social. Através do estudo de desenvolvimento inicial, é possível compreender que tipos de experiências e maturações são necessários para a criança aprender, a partir do relacionamento com os outros, a prever e interpretar o comportamento dos outros.

Quanto à classe temática **Percepção das mães sobre as diferenças nas falas dos filhos**, no **Grupo 1**, a análise dos dados permitiu identificar que todas as mães de bebês mais novos relataram diferenças na fala entre seus filhos, tal como ilustram as três falas seguintes: “São comunicações diferentes, ele faz um tipo de som e ela também faz outro tipo de som, né” (Mãe de bebês de 7 meses); “Essa aqui é desenvolvida, ela fala muito, ela se comunica mais; essa aqui não... é muito não” (Mãe de bebês de 8 meses); “Ah, Y. grita demais, Y. já é mais de gritar tudo, B. já é mais quieta, mais caladinha, sabe? Mas assim, ela é bem, assim, para gritar tudo Y. é bem ativa, ela é bem mais comunicativa que B.”. (Mãe de bebês de 10 meses)

Quanto às diferenças observadas na comunicação dos filhos, no **Grupo 2**, uma mãe pouco relatou as diferenças entre a fala, focando mais sua resposta nas diferenças no desenvolvimento em geral:

Assim, eu acho que em tudo ela é diferente, ela é diferente dele bastante (...). Aí a menina, o povo fala que o menino, assim, quando nasce primeiro, devia ser maior, desenvolver melhor, mas não, o menino nasceu menor do que ela, e ela tá se

desenvolvendo na altura, tudo mais rápido que ele, e ele só assim, no falar, no andar que ele tá se desenvolvendo melhor, mas em questão de tamanho é tudo grande na menina, é mão, pé, tudo grande. Saiu cabelo mais rápido dela, e ela foi que nasceu por último. Ela é branquinha, ele é moreno; ela, do cabelo cacheado, ele, do cabelo liso, muitas diferenças. (22 anos)

A segunda mãe deste grupo destacou as diferenças entre suas filhas no que se refere ao desenvolvimento linguístico:

Eu acho que assim, M., em relação à linguagem, um pouco mais à frente que L. Não sei se, assim, ela vai ser um pouco mais falante, e essa [L.], um pouco mais caladinha.

E assim, o pai tem uma característica um pouco mais calado do que eu, não é introspectivo não, mas, assim, eu sou bem mais falante do que ele, sou bem mais comunicativa, talvez seja isso a diferença.

Essa mãe afirmou que as características dela e do pai podem influenciar a linguagem das bebês, o que pode indicar que ela atribuiu parte da diferença da linguagem das filhas à herança genética, especificamente, às características psicológicas do pai. Mesmo fazendo esse tipo de atribuição e relação entre o comportamento das filhas e as características do pai, retoma-se no presente estudo o pressuposto segundo o qual o desenvolvimento sociocomunicativo e linguístico ocorre devido à influência recíproca entre o ambiente e a genética, e que a cultura é o fator constitutivo do desenvolvimento humano. Além disso, esse tipo de relato pode apontar para o tipo de concepção que a mãe tem sobre o desenvolvimento de suas filhas.

Ainda nesse grupo, uma mãe trouxe à tona a questão da ordem do nascimento das filhas: “A que nasceu primeiro eu acho que fala mais, tudo que a primeira fala, M. , a segunda fala, L., só que M. fala mais frequentemente (...); espontaneamente elas chamam mamãe, elas falam ‘quer água’. E M. tem mais hábito de ser aquele papagaiozinho, ela tem mais esse

hábito, eu noto que ela é mais interessada em saber falar”. Essa mãe destacou especificamente as características da linguagem e da fala de cada filha. Assim como a última mãe desse grupo, que, no seu relato, diferenciou as habilidades dos seus filhos: “Tem. N. fala melhor do que M. M. já é mais preguiçoso pra falar, ele já chora mais do que fala, é mais manhoso, sabe, eu acho que já é justamente por isso. N. tem a expressão melhor”.

No **Grupo 3** uma mãe destacou as diferenças entre os seus filhos, na questão da linguagem e fala: “Eu, particularmente, tem horas que fico impressionada, um é diferente do outro. Um fala bem explicadinho, junta duas palavras como se fosse formar uma frase, e o outro é mais preguiçosinho pra falar” (Mãe de bebês de 23 meses). Por fim, e contrário aos grupos anteriores, duas mães do **Grupo 3** destacaram que não há diferença entre a fala dos seus filhos: “Não, eu acho que uma puxou a outra, uma falou e a outra acho que viu, aí... Mas o que uma diz a outra vai atrás, se uma aprendeu uma coisa hoje, amanhã a outra tá sabendo também, então uma puxa a outra” (Mãe de bebês de 21 meses). Outra mãe que também não percebia diferenças afirmou: “Não, não percebo não. Eu percebo que realmente é bem parecido, bem parecido” (Mãe de bebês de 22 meses). Uma única mãe do grupo relatou que percebia diferenças entre os filhos: “A fala deles é diferente, tom de voz, desenvolvimento na fala mesmo; um fala bem melhor, já o outro, não” (Mãe de bebês de 23 meses).

Nesse último grupo, foram verificados resultados opostos aos do **Grupo 1**. No **Grupo 3**, duas das mães relataram não perceber diferenças na comunicação e na fala dos filhos. Uma delas trouxe a questão do ritmo em que as suas filhas estavam se desenvolvendo, referindo que uma seguia a outra. Apenas uma mãe relatou diferenças no tom de voz e afirmou que um dos filhos falava melhor que o outro. Sobre esse aspecto, Barbeta (2008) destaca que, na sua pesquisa, as mães de bebês de 24 meses referiram que a fala de uma das crianças era melhor que da outra. Essa autora destaca ainda que o aspecto da linguagem foi bem presente nos discursos das famílias, quando questionadas sobre o desenvolvimento das crianças. Contudo,

essa diferenciação na linguagem não foi ressaltada de maneira tão relevante a ponto de causar preocupação quando não ocorresse de maneira esperada. Importante mencionar que as falas, os relatos e as observações longitudinais da pesquisa de Barbetta (2008) evidenciaram um desenvolvimento diferenciado no processo de aquisição de linguagem e na constituição da identidade dos gêmeos. É importante mencionar que, em relação à questão da linguagem, três mães diferenciaram a comunicação e a linguagem dos bebês, enquanto que seis descreveram que seus filhos se desenvolviam de formas semelhantes.

Por fim, com vistas a obter uma descrição mais detalhada sobre a produção linguística dos gêmeos, foi perguntado: “A senhora sabe quais foram os primeiros sons ou palavras que seus filhos disseram?” Da análise dessa pergunta, emergiu a classe temática **Descrição materna dos primeiros sons e palavras dos filhos**. Para uma melhor visualização da descrição das mães sobre a produção de sons e palavras dos filhos, optou-se por exibi-las no quadro que se segue.

Figura 2: Quadro referente às vocalizações e palavras emitidas por gêmeos, segundo relato materno

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
“Gritos”; Ahhhhh; Oooahhhh; tátátátátá; “Fazem uns sons” (Bebês de 7 meses)	Bola; Lula (Bebês de 16 meses)	Papai (Bebês de 21 meses)
Uh uh uh; papa; papapapapa; mamamama; uh uh uh, ah ah ah; papa; mama (Bebês de 8 meses)	Mamãe e papai; gol; imã (irmã); mamã (“foi a primeira de todas”) (Bebês de 16 meses)	Mamãe (Bebês de 22 meses)
Vó; vovó; mamã; êê; papa (Bebês de 10 meses)	Água; papai; mamãe (Bebês de 16 meses)	Mamãe; papai, água (Bebês de 23 meses)

A Figura 2 exhibe as principais produções vocais dos bebês nos três grupos, de acordo com os relatos das mães. Os relatos maternos permitem identificar diferentes configurações

nas produções linguísticas de cada grupo e podem indicar a percepção das mães sobre o desenvolvimento linguístico de seus filhos.

No **Grupo 1**, as mães descreveram os primeiros sons que seus filhos emitiram com maior precisão e detalhes. Nota-se que essas mães, além de detalharem os sons dos filhos, especificaram os diferentes sons que cada um dos filhos executava. Uma mãe desse grupo, cujas filhas tinha 10 meses, descreveu as primeiras palavras expressadas pelas filhas, diferenciou uma filha da outra e ainda atribuiu significado à fala de uma das filhas: “(...) ela às vezes tá num canto, ela faz ‘êê’, como se fosse ‘ei’, chamando”.

Já no **Grupo 2**, foram descritas apenas as palavras que os bebês pronunciaram. Das três mães do grupo, apenas uma diferenciou as palavras emitidas de um filho e do outro. As mães do **Grupo 3** foram mais breves e sucintas em suas falas sobre as palavras proferidas por seus filhos. Os relatos maternos das mães deste grupo, ao descreverem a fala de seus bebês, parecem indicar que elas percebem esse aspecto dos filhos de forma inseparável, não distinguindo um do outro. Sobre esses relatos, ressalta-se que as primeiras expressões faciais, o balbucio, o riso, o choro, as primeiras palavras das crianças têm a função de alívio emocional, mas são também meios de contato com os membros do seu grupo cultural (Rego, 1995). No caso de gêmeos, não só diz respeito aos adultos com os quais interagem, mas também a seu irmão gêmeo.

Menciona-se ainda que as mães dos bebês mais novos (Grupo 1) referiram detalhes das falas de seus filhos, citando exemplos. Isso pode se dever ao fato de que essas mães estão mais voltadas aos cuidados primários dos bebês, atendendo as suas necessidades e prestando atenção aos mínimos detalhes do seu desenvolvimento, na maioria dos casos por tomarem a decisão de se dedicar exclusivamente aos cuidados dos filhos, deixando seu emprego ou atividade fora de casa. É importante mencionar que, quando as mães de bebês mais velhos retornam para o ambiente de trabalho, passam um tempo considerável fora de casa, deixando

assim de conviver com seus filhos durante horas do dia, o que pode interferir e influenciar na sua percepção sobre o desenvolvimento da fala e comunicação. Essa configuração muda com as mães que optaram por não trabalhar fora de casa e que assumem os cuidados dos filhos, já que trazem mais informações sobre a fala e as estratégias comunicativas deles.

Os resultados do estudo de Conway et al. (1980) mostram a fala materna e as variações da linguagem infantil entre grupos de gêmeos com idades entre 32 e 33 meses e entre filhos não gemelares. Os dados encontrados indicam que as frases formuladas por gêmeos apresentavam complexidade similar a de não gemelares. Esses mesmos autores verificaram, em seu estudo, diferenças entre gêmeos e não gêmeos na frequência de uso de frases feitas, e não na complexidade das frases. O estudo constatou que os gêmeos usam frases com verbos isolados (correr, beber, brincar, por exemplo) e que falam menos do que não gêmeos; eles são capazes de formular frases e sentenças competentemente como os não gêmeos, mas suas declarações tendem a ser mais curtas, tal como a estrutura “sujeito + verbo”. Os autores concluíram que qualquer desvantagem biológica associada com a gemelaridade tem menos impacto no atraso da linguagem de gêmeos que a sua pouca oportunidade para a comunicação com os adultos.

É relevante mencionar que, no levantamento da literatura realizado para fundamentar a presente pesquisa, percebeu-se uma lacuna no que tange a estudos empíricos que disponibilizassem de forma mais detalhada uma caracterização da linguagem de gemelares, principalmente nos primeiros 2 anos de vida, quando a linguagem oral começa a ser expressa pelas crianças (Brazelton, 1994). Os estudos encontrados exploraram, em sua maioria, as diferenças nos contextos específicos de aprendizagem da linguagem de gêmeos e não gêmeos (Conway et al., 1980; Feldman & Eidelman, 2004; Thorpe et al., 1991; Tomasello et al., 1986), porém, há uma carência de pesquisas que caracterizem especificamente a linguagem gemelar nos primeiros anos de vida. Faz-se necessário mencionar que esse aspecto foi

verificado durante o levantamento da literatura sobre a linguagem de gêmeos no contexto brasileiro, em especial, sobre a caracterização/descrição da produção não verbal e verbal de gêmeos nos primeiros anos de vida, no campo da Psicologia do Desenvolvimento, o que dificultou a inserção de um maior número de estudos que figurassem na discussão dos relatos do presente estudo.

Por fim, foi feita a pergunta “Tem alguma questão que a senhora gostaria de comentar sobre os seus filhos e que não foi perguntada?” gerando a classe temática **Acréscimo sobre a experiência de ser mãe de gêmeos**. Das nove mães, sete deram respostas diversas, e a análise dos relatos maternos permitiu verificar que os elementos extraídos dessa pergunta haviam sido contemplados nas respostas anteriores.

No **Grupo 1**, uma mãe relatou: “Só que eles são lindo, é lindo e eu amo, muito, muito, muito. É uma gratificação muito grande (Mãe de bebês de 7 meses). Outra mãe desse mesmo grupo mencionou: “essas meninas são muito sapecas, o povo pensa que é até mentira minha, mas essas meninas são muito danadas, mexem em tudo, falam tanto, não falam não né, mas pelo o que elas tentam assim demonstrar, se expressar... o povo nem acredita que elas têm 8 meses”.

No **Grupo 2**, novamente duas mães responderam, uma delas trouxe uma interessante reflexão acerca de “ser mãe de gêmeos”:

Uma coisa que eu acho importante, eu sempre falo pra quem vai ser mãe de gêmeos. Eu sempre digo assim: pra mim foi crucial, na questão de tudo delas, de desenvolvimento. Tudo eu faço sempre com as duas, tipo procuro organizar os horários, pra ir dormir elas dormem na mesma hora, é lógico que cada um é um ser humano, mas assim hora de comer eu dou o lanche eu tô dando a uma e tô dando a outra. Hoje em dia já ficou mais fácil porque eu consigo dá as duas, tomar banho eu dou banho em uma depois dou banho na outra, porque se ficar cada coisa numa

hora, você fica sem rotina, fica uma coisa desorganizada (...) em relação a questão de vestir, elas usam coisas iguais de cores diferentes, eu não gosto daquela coisa muito igual só quando eu vou comprar alguma coisa que só tem daquele tipo assim, eu procuro mudar nem que seja a cor do lacinho, porque eu acho que ajuda na questão de ter a própria identidade. (31 anos, mãe de bebês de 16 meses)

A segunda mãe desse grupo fala da rotina com os filhos: “O dia deles é assim mesmo bem light (...) Sempre dá vontade de fazer a mesma coisa na mesma hora, sempre tá fazendo na mesma hora, isso aí tu já deve ter feito pesquisa e já sabe, que gêmeos é tudo na mesma hora, então é isso”.

Diferentemente dos grupos anteriores, as três mães do **Grupo 3** responderam, trazendo aspectos positivos e negativos de serem mães de gemelares. A primeira relata: “É incrível, porque você esperar uma criança e vir duas e uma sensação muito boa, é um prazer muito bom, você tomar conta das duas, ficar naquela expectativa né, porque são duas coisinhas iguais e você ter aquela expectativa. É bom demais”. (27 anos, mãe de bebês de 21 meses)

A segunda mãe fala do impacto que sofreu inicialmente e das dificuldades encontradas nos cuidados de dois filhos ao mesmo tempo, a seguir a fala:

Quando elas nasceram eu fiquei muito assustada, pensei será que eu vou dar conta das duas crianças? Eu vim descansar mesmo depois de três meses. Mas não foi fácil. Por exemplo a hora de amamentar, eu queria amamentar as duas, eu sei o quanto é importante, mas é muito difícil. Eu colocava uma no peito e tirava o leite para a outra tomar na mamadeira, aí dá outra vez eu colocava a que tinha tomado na mamadeira para tomar no peito, e assim ia, era o peito enchendo e eu colocando uma para mamar. Eu pedia ajuda a meu marido, dizia B. será que eu vou dar conta? você vai ter que me ajudar. (29 anos, mãe de bebês de 22 meses)

A última mãe destaca pontos positivos e negativos: “Realmente é maravilhoso, só sei dizer que é muito trabalho também, é uma mudança de perna por ar a sua vida (...) é um bombardeio na vida da pessoa. É algo que acontece que é muito louco, minha vida ficou uma loucura, até que você consiga acertar os ponteiros o negócio é complicado, essa era a minha sensação no começo”. (33 anos, mãe de bebês de 23 meses)

Assim como em Fônseca, et al. (2013), apesar de todas as dificuldades enfrentadas, foram observados em seus relatos expressões de que a gravidez gemelar foi maravilhosa, incrível, gratificante, um presente, um privilégio, denotando o quanto as entrevistadas, de maneira geral, se sentem orgulhosas e gratas por seus filhos e acrescidas de toda a experiência que uma parentalidade gemelar lhes proporcionou.

Como se pode perceber diante do conjunto de resultados, a análise minuciosa das respostas das mães à entrevista semiestruturada permitiu identificar aspectos específicos da percepção materna acerca da gemelaridade, questões cruciais sobre o desenvolvimento dos seus filhos gêmeos e aspectos relacionados à dimensão sociocomunicativa e cognitiva infantil, contribuindo, assim, para uma apreensão mais detalhada do que pensam as mães sobre as habilidades e os comportamentos comunicativos dos bebês gêmeos.

CAPÍTULO VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propôs conhecer e analisar as percepções e expectativas de mães de gemelares acerca das habilidades sociocomunicativas e linguísticas de seus bebês nos 2 primeiros anos de vida. Partiu-se do pressuposto segundo o qual compreender as percepções das mães sobre essas habilidades pode mobilizar, no adulto, diferentes trocas interativas que vão se reconfigurando no decorrer do desenvolvimento do bebê. Considera-se que um maior conhecimento das referidas percepções no tocante ao desenvolvimento dos filhos e das habilidades de comunicação infantil contribui para um melhor entendimento dessas interações e das estratégias parentais para entender e responder aos estados e às habilidades do bebê nos primeiros anos de vida.

Para respaldar as análises realizadas no estudo, foram retomados os princípios do modelo histórico-cultural de Vygotsky, fundamentalmente os que defendem que o desenvolvimento humano é decorrente dos intercâmbios mútuos estabelecidos entre adultos e criança desde os primeiros dias de vida, o papel mediador da linguagem e a situação social de desenvolvimento das crianças. Esses conceitos foram retomados no presente estudo para explorar a temática da percepção parental acerca do desenvolvimento global e linguístico de gêmeos. Isto porque tanto Vygotsky quanto Luria discorreram sobre o referido grupo e realizaram pesquisas enfatizando o papel das interações sociais e da intervenção da cultura no desenvolvimento sociocognitivo e linguístico de gêmeos.

Tal ideia ganha apoio em estudos do campo da Psicologia do Desenvolvimento infantil e da Linguagem e da Fonoaudiologia, que reafirmam o potencial da mediação e da interação social para alterar o curso do desenvolvimento da linguagem de crianças gêmeas, já que pesquisas revelaram um atraso inicial na linguagem verbal de gêmeos. Ressalta-se o

princípio potencializador da mediação de um sujeito mais experiente, tal como já enunciado por Vygotsky, reafirmando o espaço constitutivo da dimensão sociocultural para o desenvolvimento humano. Dentro desse ponto de vista, sustenta-se que o desenvolvimento desse grupo se constitui de forma dinâmica e recíproca nas diversas situações sociais e nos contextos socioculturais.

No que se refere aos dados sociodemográficos das mães entrevistadas, percebeu-se que, quanto maior o nível instrucional da mãe, mais elaboradas, com uso de termos mais específicos e com mais informações sobre o desenvolvimento do bebê, o comportamento materno e a relação mãe-filhos, eram as respostas maternas. Quanto ao número de filhos, observou-se que a maioria das mães secundíparas e a mãe múltipara relataram que as experiências que adquiriram com o primeiro filho, tanto no que diz respeito ao período gestacional quanto no tempo investido no cotidiano das crianças, contribuíram para a percepção e as práticas atuais delas com os seus filhos gêmeos. Verificaram-se, ainda, variações nas percepções maternas em relação aos bebês gêmeos, nos três períodos de desenvolvimento estudados. Contudo, é pertinente ressaltar que, de acordo com a literatura na área (Braz Aquino & Salomão, 2011b; Seidl-de-Moura et al., 2004b), as diferenças entre os relatos maternos possivelmente não estão relacionadas unicamente à idade dos bebês, mas às novas habilidades adquiridas por eles no decorrer do seu desenvolvimento, as quais afetam as mães de maneiras diferenciadas, dependendo das suas concepções e expectativas a este respeito.

As análises das falas maternas permitiram apreender aspectos que perpassam a questão da gemelaridade, como emoções e sentimentos maternos ambivalentes (surpresa, choque, negação, choro, alegria, euforia), que emergiram da descoberta de que seriam mães de gêmeos. Também foram identificadas percepções acerca do desenvolvimento global infantil, expressas por falas que remetiam aos aspectos sociocomunicativos, cognitivos,

motores e características de temperamento dos filhos gêmeos. Foi possível apreender os fatores que, segundo as mães, ajudam no desenvolvimento dos filhos, bem como suas expectativas quanto ao seu desenvolvimento futuro, que variaram entre expectativas positivas frente ao desenvolvimento global dos filhos, ao seu desenvolvimento linguístico, ao comportamento, à capacidade de educá-los e quanto ao desenvolvimento social.

Destaca-se, do conjunto dos resultados obtidos nas análises, que as respostas das mães apresentaram, de forma recorrente, diferenciações entre seus filhos gêmeos. Esse aspecto foi destacado porque se contrapõe a estudos acerca da gemelaridade, os quais afirmam que pais de bebês gêmeos tendem a tratá-los como únicos ou, muitas vezes, como “iguais”.

Especificamente sobre os resultados acerca das percepções maternas das habilidades sociocomunicativas de seus bebês gêmeos, verificou-se que as mães atribuíram intenção aos comportamentos e às vocalizações dos bebês. As respostas às questões relativas à linguagem dos gêmeos permitiram apreender extratos de vocalizações, primeiras palavras e tipos de gestos que eram utilizados pelos bebês, contextos em que se mostravam mais comunicativos e diferenças na linguagem dos gêmeos, conforme relatos maternos. É importante mencionar que parte das mães referiu características linguísticas e interativas entre seus bebês que remetem à “linguagem secreta” ou primitiva de gêmeos, tal como colocado por pesquisadores desse grupo.

Menciona-se que a maioria dos estudos que comparam a linguagem dos gêmeos com filhos não gêmeos têm sido do tipo transversal ou que rastrearam o desenvolvimento dessas crianças longitudinalmente por curtos períodos de tempo. Além disso, foi relatado que estudos longitudinais que acompanham de forma sequencial e sistemática o desenvolvimento desse grupo de crianças e as consequências do atraso de linguagem em gêmeos são desconhecidos (Thorpe, 2006). Diante desse pressuposto, sugere-se que futuros estudos investiguem essa temática de modo longitudinal e contínua, permitindo uma apreensão ampla

das percepções e expectativas maternas sobre o desenvolvimento sociocomunicativo e linguístico de gemelares, bem como de suas produções linguísticas, na perspectiva de fornecer informações mais preciosas e ricas em torno desse grupo.

Considera-se pertinente pontuar que o instrumento utilizado para levantar as percepções maternas acerca das habilidades sociocomunicativas dos gêmeos, construído a partir do levantamento da literatura sobre o referido tema e dos objetivos da pesquisa, permitiu uma maior exploração acerca desse grupo. A referida entrevista pode ser adaptada para diferentes contextos, por profissionais da Psicologia e pesquisadores da área, com a finalidade de compreender as percepções maternas em diferentes realidades do contexto nacional, bem como obter uma descrição sobre as características da linguagem de seus filhos. A partir da aplicação das entrevistas, foi possível perceber que algumas mães não estavam familiarizadas com a descrição de determinados aspectos do desenvolvimento dos seus bebês; algumas ainda não conseguiram expressar suas expectativas frente ao desenvolvimento dos filhos.

Almeja-se que esse instrumento se constitua numa ferramenta metodológica útil para fundamentar intervenções de psicólogos e pesquisas na área do desenvolvimento e da Educação Infantil, pois se entende que a compreensão do contexto interativo triádico mãe-bebês, em seus aspectos sociocomunicativos e cognitivos, pode favorecer a criação e o planejamento de espaços sociais e educativos propícios ao desenvolvimento e à aprendizagem infantil. Bem como pode oportunizar o desenvolvimento de estratégias de intervenção, tanto para os pais quanto para os profissionais da Psicologia nas áreas do desenvolvimento, da educação e da saúde, além de permitir um maior entendimento de possíveis atrasos ou configurações atípicas da linguagem infantil.

Considera-se pertinente ressaltar a influência que as normas culturais podem ter sobre os padrões de respostas das mães, comumente denominada de viés de resposta. Segundo

Gouveia, Guerra, Sousa, Santos, & Costa, (2009), é certo que, nas situações de pesquisa em que o participante é convidado a responder um instrumento, haja a possibilidade de que este mantenha uma postura ou represente um papel que julgue ser o mais adequado para a situação em que se encontra, o que pode alterar as conclusões tiradas com base nesses relatos. Embora a literatura aponte um conjunto de desafios e uma ambivalência de sentimentos que perpassam a relação entre mães e bebês gêmeos, deve-se considerar que as mães aceitaram participar da pesquisa e que suas respostas se fundamentaram em suas experiências, crenças, informações gerais e, ainda, por aquilo que acham ser desejável e aceito socialmente.

No que se refere ao período de coleta de dados, reconhecem-se as dificuldades ocorridas para obter participantes que atendessem aos critérios de inclusão da pesquisa e que concordassem em participar do estudo. Durante esse período, foram encontradas mães que não possuíam residência fixa, mães que haviam doado um dos bebês, mães que, por dificuldades financeiras, optaram por entregar seus filhos para instituições de abrigo, tendo assim contatos esporádicos com eles, dentre outras circunstâncias que dificultaram a participação de um maior número de mães neste estudo.

É fundamental destacar que os resultados e discussões expostos devem ser ponderados com precaução, visto que o número de participantes e as próprias características dos contextos em que as mães estão inseridas não permitem generalizações. Desse modo, ao considerar esses dados, deve-se atentar para as peculiaridades dos cenários socioculturais nos quais interagem essas mães e seus filhos gêmeos; as características de cada mãe; as especificidades de seus bebês e as redes de apoio que possuem para lidar com as adversidades cotidianas; as experiências e informações sobre a maternidade; e, especificamente, suas concepções e suas expectativas frente ao fato de serem mães.

Desta forma, sugere-se que futuros estudos contemplem um número maior de participantes, na perspectiva de disponibilizar um quadro ainda mais aproximado e

abrangente sobre as configurações da linguagem de gêmeos e os estilos de fala que a mãe dirige a eles. Indica-se, ainda, que futuros estudos investiguem mães cujo tempo de interação com os filhos é menor (crianças que frequentam berçários ou creches) e mães que não trabalham fora de casa, na perspectiva de conhecer os aspectos que influenciam suas percepções e práticas de criação, considerando esses dois cenários. Recomenda-se que futuras pesquisas abordem as redes de apoio das mães de gêmeos, dado que a literatura na área refere a importância desses apoios para a dinâmica na rotina da família de gêmeos. Propõe-se, ainda, que estudos futuros possam conhecer as fontes de informações que as mães estão buscando para auxiliá-las na compreensão e interação com seus filhos, seja pelas mídias, seja por pessoas como mães experientes ou avós.

Indica-se que estudos futuros analisem longitudinalmente a linguagem de gêmeos em interação com seu cogêmeo e suas mães, na perspectiva de dispor aos profissionais de Psicologia, da saúde e da educação, caracterização mais precisa sobre a linguagem. Sugere-se, ainda, que estudos futuros identifiquem episódios de atenção e ação conjunta de tríades mãe-bebês gêmeos, já que a literatura internacional refere que há uma tendência da tríade em estabelecer curtos episódios de atenção conjunta devido ao fato de as mães estarem dividindo sua atenção e os estímulos para duas crianças ao mesmo tempo (Tomasello et al., 1986).

Por fim, espera-se que este estudo possa subsidiar a atividade de profissionais de diversas áreas, em especial de psicólogos, na mediação de conhecimentos científicos que orientam os pais, educadores infantis e docentes quanto ao desenvolvimento e às habilidades sociocomunicativas dos bebês gemelares, pela via do discurso materno, bem como lançar indicadores para novos estudos que visem a se aprofundar no desenvolvimento da linguagem de crianças gêmeas, nos primeiros anos de vida.

REFERÊNCIAS

- Almeida, L. S. (2007). Mãe, cuidadora e trabalhadora: As múltiplas identidades de mães que trabalham. *Revista do Departamento de Psicologia*, 19(2), 411-422.
- Alvarenga, P., & Piccinini, C. A. (2007). O impacto do temperamento infantil, da responsividade e das práticas educativas maternas nos problemas de externalização e na competência social da criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 314-323.
- Aronson, E., Wilson, T. D., & Akert, R. M. (2002). *Psicologia social* (3ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: LTC Editora.
- Arruda D. C., & Marcon S. S. (2007). A família em expansão: experienciando intercorrências na gestação e no parto do bebê prematuro com muito baixo peso. *Texto & Contexto Enferm.* 16 (1):120-8.
- Bacon, K. (2006). 'It's good to be different': parent and child negotiations of 'twin' identity. *Twin Research and Human Genetics*, 9(1), 141 - 147. doi: 10.1375/183242706776402911.
- Bandeira, T. T. A., Seidl-de-Moura, M. L., & Vieira, M. L. (2009). Metas de socialização de pais e mães para seus filhos. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento humano*, 19(3); p. 445-456.
- Barbetta, N. L. (2002). *Desenvolvimento linguístico de gêmeos: relações comunicativas intra e extragemelares no contexto da terapia fonoaudiológica em grupo*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Barbetta, N. L. (2008). *Grupo familiar: raízes da constituição da linguagem e da identidade de gêmeos monozigóticos*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

- Barbetta N. L., & Panhoca I. (2003). Gêmeos idênticos no grupo terapêutico fonoaudiológico: a construção da linguagem e da subjetividade. *Pró-Fono Rev Atual Cient.*, 15, 139-148.
- Barbetta, N. L., Panhoca, I., & Zanolli, M. L. (2008a). Gêmeos monozigóticos—revelações do discurso familiar. *Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol*, 13(3), 267–271.
- Barbetta, N. L., Panhoca, I., & Zanolli, M. L. (2008b). Aspectos fonoaudiológicos e pediátricos na linguagem de gêmeos monozigóticos. *Rev Paul Pediatr*, 26(3), 265–70.
- Barbetta, N. L., Panhoca, I., & Zanolli, M. L. (2009). Sobre o desenvolvimento da linguagem de gêmeos monozigóticos. *Revista CEFAC*, 11(2), 154–160.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1977).
- Bateson, M. C. (1979). “The epigenesis of conversational interaction”: A personal account of research development. In M. Bullock (Ed.), *Before speech: the beginning of interpersonal communication* (pp. 63-77). London: Cambridge University Press.
- Beck, C. T. (2002). Releasing the pause button: Mothering twins during the first year of life. *Qual Health Res* 12: 593.
- Beltrame, G. R., & Donelli, T. M. S. (2012). Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. *Aletheia*, (38-39), 206–217.
- Bishop, D. V. M., & Bishop, S. J. (1998). “Twin language”: A risk factor for language impairment? *Journal of Speech, Language and Hearing Research*, 41(1), 150.
- Boivin, M., Perusse, D., Dionne, G., Sayset, V., Zoccolillo, M., Tarabulsy, G. M., ... Tremblay, R. E. (2005). The genetic-environmental etiology of parents perceptions and self-assessed behaviours toward their 5-month-old infants in a large twin and singleton sample. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 46(6), 612–630. doi:10.1111/j.1469-7610.2004.00375.x.

- Braz Aquino, F. S. (2008). *Intencionalidade comunicativa e atenção conjunta: uma análise em contextos interativos mãe-bebê*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Braz Aquino, F. de S. B., & Salomão, N. M. R. (2005). Estilos diretivos maternos apresentados a meninos e meninas. *Estudos de Psicologia*, 10(2), 223–230.
- Braz Aquino, F. S., & Salomão, N. M. R. (2011a). Percepções maternas acerca das habilidades sociocomunicativas de bebês. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 31(2), 252-267.
- Braz Aquino, F. S., & Salomão, N. M. R. (2011b). Intencionalidade comunicativa e atenção conjunta: Uma análise em contextos interativos mãe-bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(1), 107-115.
- Brazelton, T. B. (1979). Evidence of communication during neonatal behavioral assessment. In M. Bullowa (Ed.), *Before speech: the beginning of interpersonal communication* (pp. 79-88). London: Cambridge University Press.
- Brazelton, T. B. (1994). *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. (J.L. Camargo, Trad.) São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1992).
- Brum, E. H. M, & Schermann, L. (2004). Vínculos iniciais e desenvolvimento infantil: abordagem teórica em situação de nascimento de risco. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(2), 457-467.
- Bruner, J. (1990). *Actos de significado*. Madri: Alianza Editorial.
- Bruner, J. (1998). Celebrando a Vygotsky. In Blanck, G. (Ed.) (1998): *El problema del desarrollo cultural del niño y otros textos inéditos*. Editorial Almagesto, Buenos Aires.
- Camino, L. (1996). *O Conhecimento do Outro e a Construção da Realidade Social: Uma Análise da Percepção e da Cognição Social*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.

- Campos, C. F., Pádua, A. C. P., Cruz, M. S., & Hage, S. R. de V. (2004). Alteração de linguagem em gêmeos: relato de caso. *Salusvita*, 23(3), 513-521.
- Candeias, M. F. C. (2013). *A representação materna da ligação mãe-filho na gemelaridade*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa, Lisboa. Retrieved from <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/9846>
- Cole, M., & Cole, S. (2004). *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. 4 ed. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Conway, D., Lytton, H., & Pysh, F. (1980). Twin-singleton language differences. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue Canadienne Des Sciences Du Comportement*, 12(3), 264.
- Damato, E. G. (2005). Parenting multiple infants. *Newborn and Infant Nursing Reviews*, 5(4), 208–214. doi:10.1053/j.nainr.2005.08.003.
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 221-231.
- Dias, C. M. S. B., & Fonsêca, C. M. S. M. S. (Eds.) (2013). *Gêmeos o que dizem os pais, irmãos e eles próprios?*. Curitiba, CRV.
- DiLalla, L. F., & Bishop, E. G. (1996). Differential maternal treatment of infant twins: Effects on infant behaviors. *Behavior genetics*, 26(6), 535–542.
- Falcão, D. V. S. (2013). Apresentação. In Dias, C. M. S. B., & Fonsêca, C. M. S. M. S. (Eds.). *Gêmeos o que dizem os pais, irmãos e eles próprios?* (pp. 7 – 10). Curitiba: CRV.
- Feldman, R., & Reznick, J. S. (1996). Maternal perception of infant intentionality at 4 and 8 months. *Infant Behavioral Development*, 19, 483-496
- Feldman, R., & Eidelman, A. I. (2004). Parent-infant synchrony and the socialemotional development of triplets. *Developmental Psychology*, 40(6), 1133-1147.

- Ferreira, A. T., Silva, M. M. A. da, Silva, L., Merighi, L. B. M., Miranda, A. M., De-Vitto, L. P. M., & Lamônica, D. A. C. (2008). Desempenho comunicativo em trigêmeos prematuros. *Revista CEFAC*, 10(1), 15–21.
- Figueiredo, B., Costa, R., Marques A., Pacheco, A., & Pais, A. (2005). Envolvimento emocional inicial dos pais com o bebé. *Acta Pediátrica Portuguesa*, 36(2/3), 121-131.
- Fonsêca, C. M. S. M. S., Crespo, R. M., & Dias, C. M. S. B. (2013). Ser pais de gêmeos: prazeres e desafios. In Dias, C. M. S. B., & Fonsêca, C. M. S. M. S. *Gêmeos o que dizem os pais, irmãos e eles próprios?* (pp. 32 – 64). Curitiba: CRV.
- Gejão, M. G., Nicolielo, A. P., Gonçalves, B. R. L., Maximino, L. P., & Lopes-Herrera, S. A. (2014) Evolução comunicativa em gemelares com atraso no desenvolvimento da linguagem. *Rev. CEFAC*, 16(3), 1013-1020.
- Geraldo, C. F.; Garcias, G. de L. & Roth, M. da G. M. (2008). Prevalência de nascimentos gemelares em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 8(4), 411-417.
- Goldoni, N. I. & Ferraz, M. G. C. F. (2011). Análise multidisciplinar da aquisição e do desempenho da linguagem em gêmeos univitelinos. *Revista de Iniciação Científica Da FFC*, 11(3). Retrieved from <http://200.145.171.5/revistas/index.php/ric/article/view/547>
- González, M. B., & López, M. Á. D. (2009). Desarrollo de los gemelos discordantes. *Actualización Obstetricia Y Ginecología*. Retrieved from http://www.hvn.es/servicios_asistenciales/ginecologia_y_obstetricia/ficheros/09desarrollodegemelosdiscordantes.pdf.
- Gouveia, V. V., Guerra, V. M., Sousa, D. M. F. de, Santos, W. S., & Costa, J. de M. (2009). Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne: evidências de sua validade fatorial e consistência interna. *Avaliação Psicológica*, 8(1), 87-98.

- Harkness, S., & Super, C. M. (1996). Introduction. In S. Harkness, & C. Super (Eds.), *Parents' cultural belief systems: their origins, expressions, and consequences*. (pp. 1-25). New York: The Guilford Press.
- Harkness, S., & Super, C. M. (2006). Themes and variations: Parental Ethnotheories in Western Cultures. In Rubin K. H., & Chung O. B., (Eds.). *Parental beliefs, behavior, and parent-child relations: a cross-cultural perspective*. (pp. 61-80). New York: Editora Routledge.
- Harkness, S., Super, C. M., Moscardino, U., Rha, J.-H., Blom, M., Huitrón, B., ... Palacios, J. (2007). Cultural models and developmental agendas: Implications for arousal and selfregulation in early infancy. *The Journal of Developmental Processes*, 2(1), 5-39.
- Harkness, S., Super, C. M., Moises, R., Bermudez, U. M., Rha, J.-H., Mavridis, C J., Palacios, J. (2009). Chapter four parental ethnotheories of children's learning. *The anthropology of learning in childhood*, 65.
- Kobarg A. P. R., & Vieira M. L. (2008) Crenças e práticas de mães sobre o desenvolvimento infantil nos contextos rural e urbano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 401-408.
- Legerstee, M. (2013). The developing social brain: Social connections and social bonds, social loss, and jealousy in infancy. In M. Legerstee, D. Haley, & M. H. Bornstein (Eds.), *The Infant Mind: Origins of the Social Brain*. (pp. 223-247). New York, NY: Guilford Press.
- Lordelo, E. R., Fonseca, A. L. & Araújo, M. L. V. B. (2000). Responsividade no ambiente de desenvolvimento: crenças e práticas como sistema cultural de criação de filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(1), 73-80.
- Lucion, M. K., & Escosteguy, N. (2011). Relação mãe-cuidadores de gemelares no primeiro ano após o nascimento. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 21(2), 307-318.

- Luria, A. R., & Yudovich, F. I. (1985). *Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança*. (J. C. de A. Abreu, Trad). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Luria, A. R. (1992). *A construção da mente*. (M. B. Cipolla, Trad). São Paulo: Ícone.
- Macarini, S. M., Martins, G. D., Sachetti, V. A., & Vieira, M. L. (2010). Etnoteorias Parentais: um estudo com mães residentes no interior e na capital de Santa Catarina. *Psicologia*, 23(1), 37–45.
- Mendes, D. M. L. F., & Pessôa, L. F. (2013). Comunicação afetiva nos cuidados parentais. *Psicologia em Estudo*, 18(1), 15-25.
- Meshcheriakov, B. G. (2010). Idéias de LS Vygotsky sobre a ciência do desenvolvimento infantil. *Psicologia USP*, 21(4), 703–726.
- Mota, M. M. P. E. (2010). Metodologia de pesquisa em desenvolvimento humano: velhas questões revisitadas. *Psicologia em Pesquisa*, 4(2), 144-149.
- Nogueira, S. E. (2009). A comunicação pré-verbal. In M. L. Seidl-de-Moura, M. L., Mendes, F. & Pessôa, L. F. (Eds.), *Interação social e desenvolvimento*. (pp. 101-116). Curitiba, PR: Editora CRV.
- Nunes, L. de L. (2014). *Habilidades de comunicação intencional de bebês no primeiro ano de vida: um estudo a partir das percepções maternas*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Nunes, L. de L., & Braz Aquino, F. de S. (2014). Habilidade de comunicação intencional de bebês: o que pensam as mães?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [online]. 30(4), 363-372.
- Palacios, J., & Mora, J. (2004). Desenvolvimento físico e desenvolvimento psicomotor até os dois anos. Desenvolvimento físico e psicomotor depois dos 2 anos. In C. Coll, A. Marchesi, J. Palacios e colaboradores (Eds.), *Desenvolvimento psicológico e educação. Psicologia evolutiva*, Vol 1. (tradução de D. V. Moraes; 2.^a ed). Porto Alegre: Artmed.

- Passos, M. C., Fonsêca, C. M. S. M. S., & Lima, A. O. (2013). O desafio de se tornar mãe de múltiplos bebês: reflexões sobre o processo de singularização dos filhos. *Aletheia*, (40), 146–158.
- Piccinini, C. A., Gomes, A. G., Moreira, L. E., & Lopes, R. S. (2004). Sentimentos e expectativas da gestante em relação ao seu bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(3), 233-240.
- Piccinini, C. A., Levandowski, D. C., Gomes, A. G., Lindenmeyer, D., & Lopes, R. S. (2009). Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. *Estudos de Psicologia Campinas*, 26(3), 373-38.
- Pino, A. (2000). O social e o cultural na obra de Vygotsky. *Educação & Sociedade*. 71(21), 45-78.
- Pino, A. (2005). *As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vygotsky*. São Paulo: Cortez.
- Pino, A., & Góes, M.C. de (2000). *Pensamento e Linguagem*. Caderno CEDES, 24, 5-9.
- Rapoport, A., & Piccinini, C.A. (2006). O apoio social e a experiência da maternidade. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16(2), 215-225.
- Rego, T. C. (1995). *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes.
- Reznick, J. S. (1999) Influences on maternal attribution of infant intentionality. In P. D. Zelazo, J. W. Astington, & D. R. Olson (Eds.). *Developing theories of intention: social understanding and self-control* (pp. 243-267). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Ribas, R. C., Jr., Seidl-de-Moura, M. L., & Bornstein, M. H. (2003). Socioeconomic status in Brazilian psychological research: II SES and parenting knowledge. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(3), 385-392.

- Ribas, R. de C.; Seidl-de-Moura, M. L., & Bornstein, M. H. (2007). Cognições maternas acerca da maternidade e do desenvolvimento humano: uma contribuição ao estudo da psicologia parental. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*. [online]. 17(1).
- Rochat, P. (2007). Intentional action arises from early reciprocal exchanges. *Acta Psychologica*, 124(1), 8–25. doi:10.1016/j.actpsy.2006.09.004
- Rodrigues, A., Assmar, E., & Jablonski, B. (2009). *Psicologia social*. (27ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Rogoff, B. (2005) *A natureza cultural do Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Schermann, L. (2001a). Considerações sobre a interação mãe-criança e o nascimento pré-termo. *Temas em Psicologia da SBP* 9(1):55-61.
- Schermann, L. (2001b). Avaliação quantitativa e qualitativa da interação. In Piccinini et al. Diferentes perspectivas na análise da interação pais-bebê/criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica* 14(3):469-485.
- Schlindwein-Zanini, R. (2008). Maturidade mental em gêmeos univitelinos. *Rev Neurocienc.*, 17(1), 84-88.
- Seidl-de-Moura, M. L. (1999). *Interações iniciais e seu papel no desenvolvimento: uma contribuição ao estado da gênese da atividade mediada*. (Tese de Livre Docência). Universidade Estadual do Rio de Janeiro.
- Seidl-de-Moura, M. L. (2009). *Interação Social e Desenvolvimento*. Curitiba: Editora CRV.
- Seidl-de-Moura, M. L., Bandeira, T. T. A., Campos, K. N., Cruz, E. M., Amaral, G. S., & Marca, R. G. C. (2009). Parenting cultural models of a group of mothers from Rio de Janeiro. *The Spanish Journal of Psychology*, 12(2), 506-517.

- Seidl-de-Moura, M. L., Mendes, D. M. L. F., Vieira, M. L., Korbarg, A. P., Pessôa, L. F., & Bandeira, T. T. A. (2013). Brazilian mothers' description of their children: dimensions of autonomy and relatedness. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(3), 249–255.
- Seidl-de-Moura, M. L., Ribas, R. C. Jr., Piccinini, C. A., Bastos, A. C. S., Magalhães, C. M.C., Vieira, M. L., ... Silva, A. K. (2004a). Conhecimento sobre desenvolvimento infantil de mães primíparas de diferentes centros urbanos do Brasil. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 421-429.
- Seidl-de-Moura, M. L., Ribas, A. F. P., Seabra, K. C., Pessôa, L. F., Nogueira, S. E., Mendes, D. M. L. F., ... & Vicente, C. C. (2008). Interações mãe-bebê de um e cinco meses: aspectos afetivos, complexidade e sistemas parentais predominantes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 66-73.
- Seidl-de-Moura, M. L., Ribas, A. F. P., Seabra, K. C., Pessôa, L. F., Ribas, R. C. Jr., & Nogueira, S. E. (2004b). Interações iniciais mãe-bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 295-302.
- Silva, A. R. (2008). *Cognições parentais: crenças, metas e estratégias de socialização de mães primíparas*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Pará.
- Slaughter, V., Peterson, C. C., & Carpenter, M. (2009). Maternal mental state talk and infants' early gestural communication. *Journal of Child Language*, 36, 1053-1074.
- Spinner, M. R. (1983). Twins in the family. *Can Fam Physician*, 29, 505-507.
- Striano, T., & Reid, V. M. (2006). Social cognition in the first year. *Trends in Cognitive Sciences*, 10(10), 471–476. doi:10.1016/j.tics.2006.08.006
- Striano, T., & Vaish, A. (2006). Seven-to-9-month-old infants use facial expression to interpret others' actions. *British Journal of Developmental Psychology*, 24, 753-760.

- Taubman-Ben-Ari, O., Findler, L., Bendet, C., Stanger, V., Ben-Shlomo, S., & Kuint, J. (2008). Mothers' marital adaptation following the birth of twins or singletons: Empirical evidence and practical insights. *Health & social work, 33*(3), 189–197.
- Thorpe, K. (2006). Twin children's language development. *Early Human Development, 82*(6), 387–395. doi:10.1016/j.earlhumdev.2006.03.012
- Thorpe, K., Golding, J., MacGillivray, I., & Greenwood, R. (1991). Comparison of prevalence of depression in mothers of twins and mothers of singletons. *BMJ: British Medical Journal, 302*(6781), 875.
- Thorpe, K., Rutter, M., & Greenwood, R. (2003). Twins as a natural experiment to study the causes of mild language delay: II: Family interaction risk factors. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 44*(3), 342–355.
- Tomasello, M. (1999). Having intentions, understanding intentions, and understanding communicative intentions. In P. D. Zelazo, J. W. Astington, & D. R. Olson (Eds.). *Developing theories of intention: social understanding and self-control* (pp. 63-76). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Tomasello, M. (2003). *Origens Culturais da aquisição do conhecimento humano: Tópicos* (C. Berliner, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Tomasello, M., Mannle, S., & Kruger, A. C. (1986). Linguistic environment of 1-to 2-year-old twins. *Developmental Psychology, 22*(2), 169-176.
- Torres, C. V., & Neiva, E. R. (2011). *Psicologia social: Principais temas e vertentes*. Porto Alegre: Artmed.
- Trevarthen, C. (1979). Communication and cooperation in early infancy: a description of primary intersubjectivity. In: Bullowa M (Eds.). *Before speech, The beginning of interpersonal communication*. Cambridge University Press. pp. 321-348.

- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*: 1ªed. São Paulo: Atlas.
- Veer, R., & Valsiner, J. (2009). *Vygotsky: uma síntese*. Edições Loyola: São Paulo.
- Vieira, A. O. M. (2011). *Idênticos e diferentes: crenças, práticas e interações na socialização de crianças gêmeas*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília. Brasília.
- Vieira, A. O. M., & Branco, A. U. (2010a). Iguales, pero diferentes: creencias sociales em La canalización cultural del desarrollo de gemelos. *Revista de Psicología* 28(2), 342-380.
- Vieira, A. O. M., & Branco, A. U. (2010b). Cultura, crenças e práticas de socialização de gêmeos monozigóticos. *Psicologia em Revista*, 16(3), 575–593.
- Viotto, M. (1993). Gêmeos. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 13(1-4), 34–38.
- Vygotsky L. S. (1996). El primero año. In Vygotsky, L. S. *Obras Escogidas: Psicología infantil*. Tomo IV. (Trad. Kuper L.) Madrid: Visor. (Originalmente publicado em 1932).
- Vygotsky, L. S. (1998). *El problema del desarrollo cultural del niño*. Buenos Aires: Editorial Almagesto.
- Vygotsky, L. S. (2004). *Teoria e Método em Psicologia*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1927).
- Vygotsky, L. S. (2006). *Obras Escogidas IV: Psicología Infantil*. Madrid: Visor y A Machado Libros. (Originalmente publicado em 1932).
- Vygotsky, L. S. (2007). A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores (7ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1931).
- Vygotsky, L.S., & Luria, A. R. (1996). *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Weber, D. E., Vares, M. A., Mota, H. B., & Keske-Soares, M. (2007). Desenvolvimento do sistema fonológico de gêmeos monozigóticos com desvio fonológico: correlação a fatores genéticos e ambientais. *Rev CEFAC*, 9(1), 32–9.
- Zamberlan, M. A. T. (2002). Interação mãe-criança: enfoques teóricos e implicações decorrentes de estudos empíricos. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 399-406.

ANEXOS

ANEXO A**QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA**

Número do questionário _____	
Iniciais da Mãe: _____	
Idade da Mãe: _____	Escolaridade: _____
Profissão: _____	Estado Civil: _____
Sexo das Crianças: _____	Idade Das Crianças: _____
Outro(s) Filho(s): () Sim () Não	Idade: Sexo: () M () F
Com quem mora: _____	
Os gêmeos são: () Monozigóticos () Dizigóticos	
A gestação foi: () Espontânea () Fertilização In Vitro	

ANEXO B

ROTEIRO DE ENTREVISTA

I - Concepções sobre o desenvolvimento infantil: Crenças, expectativas e práticas parentais
1. Como a senhora descreveria sua gravidez? 2. Como foi para a senhora saber que seria mães de gêmeos? 3. Como a senhora acha que está o desenvolvimento de seus filhos? (Motor, Linguagem)? Por quê? 4. O que a senhora espera do desenvolvimento dos seus filhos para os próximos meses e anos? 5. A senhora observa alguma diferença, entre seus filhos gêmeos, no que diz respeito ao desenvolvimento ou aos comportamentos deles? 6. Em sua opinião, o que pode ajudar no desenvolvimento dos seus filhos?
II – Interação entre as mães e seus filhos gêmeos
7. Como a senhora descreve a convivência entre você e seus filhos? E entre seus filhos gêmeos? 8. Existem situações nas quais seus filhos são mais comunicativos?
III – Concepções maternas sobre habilidades sociocomunicativas infantis
9. Como você descreve a comunicação e a fala dos seus filhos? 10. A senhora sabe quais foram os primeiros sons ou palavras que seus filhos disseram? 11. A senhora percebe alguma diferença entre eles em relação à fala? 12. Tem alguma questão que a senhora gostaria de comentar sobre os seus filhos e que não foi perguntada?

ANEXO C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada senhora,

A presente pesquisa é sobre as cognições e expectativas maternas sobre as habilidades comunicativas dos bebês no primeiro ano de vida. Está sendo desenvolvida pela pesquisadora Gabriela Marcolino Alves Machado, aluna da pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Prof.^a Dra. Fabíola Souza Braz de Aquino.

O objetivo deste estudo é conhecer e analisar a opinião de mães de gêmeos a respeito de comportamentos cotidianos, como são as expectativas de mães de gemelares acerca das habilidades sociocomunicativas e cognitivas de seus bebês no primeiro ano de vida. A finalidade deste trabalho é contribuir para a compreensão do fenômeno da gemelaridade à luz da Psicologia do Desenvolvimento.

Solicitamos a sua colaboração para responder a uma entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que esta pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. Também não existem respostas certas ou erradas, assim, é importante para o desenvolvimento adequado deste estudo que a senhora seja o mais sincera possível. Sua participação é voluntária e, desta forma, garantimos o seu direito de desistir em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Para qualquer dúvida, os pesquisadores oferecerão os esclarecimentos necessários em qualquer etapa da pesquisa. Desde já agradecemos sua participação. Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Gabriela Marcolino Alves Machado – Telefone: (83) 8885-1129.

Endereço do CEP: Campus I – Cidade Universitária – Bloco Arnaldo Tavares – Sala 812 – 1º andar – CCS – João Pessoa. E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Atenciosamente,

Gabriela Marcolino Alves Machado

João Pessoa, _____